

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LAURI ALFONSO MOMBACH

**LINGUA ALEMÃ E O MITO FUNDADOR NO LUTERANISMO: UM
ESTUDO EM ESCOLAS DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO**

São Leopoldo

2020

LAURI ALFONSO MOMBACH

**LINGUA ALEMÃ E O MITO FUNDADOR NO LUTERANISMO: UM
ESTUDO EM ESCOLAS DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Orientador: Dr. Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M732L Mombach, Lauri Alfonso
A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico
em escolas da Rede Sinodal de Educação / Lauri Alfonso
Mombach ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2020.
147 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2020.

1. Rede Sinodal de Educação. 2. Língua alemã. 3.
Igreja luterana – Educação – Brasil, Sul. 4. Linguagem e
línguas – Aspectos religiosos. 5. Alemães – Identidade
étnica. 6. Escolas luteranas – Brasil – História. I. Reblin,
Iuri Andréas, orientador. II. Título.

ERRATA

MOMBACH, Lauri Alfonso. **Língua alemã e o mito fundador no luteranismo**: um estudo em escolas da Rede Sinodal de Educação. 2020. xxxf. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
Capa	Título	Língua alemã e o mito fundador no luteranismo : um estudo em escolas da Rede Sinodal de Educação	A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico em escolas da Rede Sinodal de Educação
1 [Folha de rosto]	Título	Língua alemã e o mito fundador no luteranismo : um estudo em escolas da Rede Sinodal de Educação	A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico em escolas da Rede Sinodal de Educação
5 [Folha de aprovação]	Título	Língua alemã e o mito fundador no luteranismo : um estudo em escolas da Rede Sinodal de Educação	A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico em escolas da Rede Sinodal de Educação

LAURI ALFONSO MOMBACH

**LÍNGUA ALEMÃ E O MITO FUNDADOR NO LUTERANISMO: UM ESTUDO EM
ESCOLAS DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 10 de março de 2020



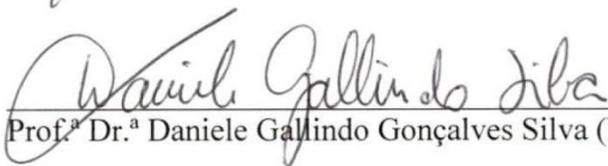
Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin (Presidente)



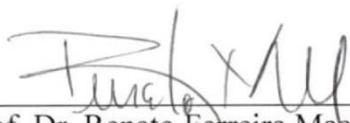
Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)



Prof. Dr. Onéide Bobsin (EST)



Prof.^a Dr.^a Daniele Gallindo Gonçalves Silva (UFPEL)



Prof. Dr. Renato Ferreira Machado (UNILASALLE)

Dedico esta tese...

*a minha esposa Cláudia
e a minha filha Glória!*

*Sua compreensão, seu carinho
e seu apoio foram fundamentais!*

*Sem vocês,
nenhuma conquista valeria a pena!*

AGRADECIMENTOS

*À minha família, esposa Cláudia e filha Glória,
que acompanharam toda a trajetória de estudos, pelo seu apoio e carinho;*

*Ao meu orientador, Iuri Andréas Reblin,
que, com maestria e sapiência, soube me orientar;*

*A Faculdades EST,
que acolheu meu projeto e possibilitou seu desenvolvimento;
aqui quero incluir todas as pessoas docentes que me desafiaram;*

*Às escolas e às pessoas docentes
que participaram diretamente na construção desta pesquisa;*

*À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,
pelo apoio à esta pesquisa;*

A todos, meu muito obrigado!

A palavra, portanto, é uma nota de rodapé à existência.

Rubem Alves

RESUMO

A língua alemã chega ao Brasil no início do século 19 mantendo-se como o principal elo de comunicação entre os imigrantes alemães. Ela se constitui como um aporte para a transmissão e manutenção de um determinado jeito de ser, uma identidade cultural e religiosa. Analisar o seu lugar na história, na perspectiva do surgimento do luteranismo, buscando a ponte entre Matinho Lutero e escolas da Rede Sinodal de Educação, constitui o objetivo primeiro dessa pesquisa. Propomos um olhar de análise sobre o lugar da língua alemã na história de escolas luteranas no sul do Brasil para identificar em que medida a organização institucional, acadêmica, pedagógica dessas escolas, e, nelas, o fomento à língua alemã, se articula com os valores religiosos confessionais e a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano. Ao mesmo tempo em que o ensino da língua alemã confere às instituições um diferencial frente à maioria das escolas particulares, ele serve como instrumento de afirmação de uma identidade alemã. A pesquisa, de cunho qualitativo, é desenvolvida a partir de três escolas da Rede Sinodal: Instituto Ivoti - Ivoti/RS, Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS e a SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio – Três de Maio/RS, todas construídas sob os alicerces históricos de comunidades de imigrantes alemães. O fato de entrarmos em três escolas nos permite compreender as diretrizes mestras da Rede Sinodal e como elas repercutem e se aplicam concretamente. As entrevistas feitas a professores e coordenadores e a análise documental levam a compreender que um dos papéis das escolas está na superação cultural do imaginário da língua alemã como uma língua feia, de “gente sem cultura.” Quando as escolas abrem espaço ao ensino da língua alemã, abrem espaço para que a história seja recontada. Aqui há memória, simbolismo, emoção e protagonismo. Ensina-se a língua alemã pelo valor em si da língua, pelo que ela representa na história e pelas possibilidades que ela oferece na atualidade. E é justamente nesse valor histórico que a língua carrega, que está seu lugar simbólico, ideológico e a ideia do mito fundador. A língua alemã está nas escolas da Rede Sinodal, recebendo um tratamento diferenciado e, de algum modo, ajuda a traçar uma linha histórica no luteranismo, ponte entre o passado e o presente. Ela está ligada ao um protagonismo luterano, pois confere um “algo a mais” e independe da coerência entre o fato histórico e o imaginário social, mas está nas condições e nas razões de sua criação. E é pela língua que a história é conhecida e perpassa as gerações. É nessa perspectiva que podemos dizer que o mito fundador persiste criando novos contornos de realidade, sendo sustentado na linguagem que potencializa o universo simbólico humano.

Palavras-chave: Rede Sinodal de Educação. Língua alemã. Linguagem. Protagonismo Luterano.

ABSTRACT

The German language arrived in Brazil at the beginning of the 19th century, maintaining itself as the main communication link between German immigrants. It is a contribution to the transmission and maintenance of a certain way of being, a cultural and religious identity. Analyzing its place in history, in the perspective of the emergence of Lutheranism, looking for the bridge between Martin Luther and schools of the Synodical Education Network, is the primary objective of this research. We propose an analytical look at the place of the German language in the history of Lutheran schools in southern Brazil to identify to what extent the institutional, academic, pedagogical organization of these schools, and in them, the promotion of the German language, articulates with confessional religious values and the maintenance of a narrative of Lutheran protagonism. At the same time that the teaching of the German language gives institutions a differential compared to most private schools, it serves as an instrument of affirming a German identity. The research, of a qualitative nature, is developed from three schools of the Synodical Network: Instituto Ivoti - Ivoti / RS, Colégio Sinodal - São Leopoldo / RS and SETREM - Educational Society Três de Maio - Três de Maio / RS, all built upon the historic foundations of German immigrant communities. The fact that we enter three schools allows us to understand the main guidelines of the Synodical Network and how they concretely are reflected and applied. The interviews with teachers and coordinators and the documentary analysis lead us to understand that one of the roles of schools is in the cultural overcoming of the imaginary of the German language as an ugly language, of "people without culture." When schools make room for German language teaching, they make room for the story to be retold. Here there is memory, symbolism, emotion and protagonism. German is taught for the value of the language itself, for what it represents in history and for the possibilities it offers today. And it is precisely in this historical value carried by the language where one finds its symbolic, ideological place and the idea of the founding myth. The German language in the schools of the Synodical Network is receiving different treatment and, in some way, helps to trace a historical line in Lutheranism, a bridge between the past and the present. It is linked to a Lutheran protagonism, as it confers "something more" and does not depend on the coherence between the historical fact and the social imaginary, but it is in the conditions and reasons for its creation. And it is through language that history is known and spans generations. It is in this perspective that we can say that the founding myth persists creating new outlines of reality, being sustained in the language that enhances the human symbolic universe.

Keywords: Synodical Education Network. German language. Language. Lutheran Protagonism.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
1 INTRODUÇÃO	23
1.1 Origens	28
1.2 O lugar da Língua Alemã	29
1.3 Língua e Linguagem	30
1.4 Da metodologia	33
<i>a) Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS</i>	<i>35</i>
<i>b) Instituto Ivoti – Ivoti/RS</i>	<i>35</i>
<i>c) A Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM – Três de Maio/RS</i> ...	<i>36</i>
1.5 Da estrutura e recursos	36
2 GERMANIDADE, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO	39
2.1 A educação do período do “descobrimento do Brasil” à chegada dos alemães	39
2.2 Os imigrantes alemães no Brasil	40
2.3.1 <i>A educação dos imigrantes alemães – 1ª fase: a escola junto à igreja</i>	<i>40</i>
2.3.2 <i>Os imigrantes alemães e a educação – 2ª fase: a organização das escolas</i> .	<i>42</i>
2.3.3 <i>As escolas comunitárias – 3ª fase: a consolidação da rede de escolas a crise das escolas comunitárias</i>	<i>43</i>
2.3 Nacionalização e o declínio das escolas comunitárias alemãs	44
2.4 O Golpe Militar de 1964	46
2.5 Da nova realidade da escola evangélico-luterana	47
2.5.1 <i>A fundação da IECLB e as escolas comunitárias</i>	<i>47</i>
2.5.2 <i>Um novo tempo</i>	<i>51</i>
2.5.3 <i>A proposta pedagógica das escolas alemãs no Brasil</i>	<i>53</i>
2.5.4 <i>Lutero</i>	<i>54</i>
2.5.5 <i>Da proposta pedagógica de Lutero</i>	<i>58</i>
2.6 Escolas comunitárias e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	59
2.7 Pessoas que fizeram história	61
2.7.1 <i>Pastor Hermann Gottlieb Dohms</i>	<i>61</i>

2.7.2	<i>Hans Günther Naumann e a luta pelo ensino da Língua Alemã</i>	62
3	CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM	65
3.1	Linguagem: memória coletiva da sociedade	66
3.2	Língua e Cotidiano.....	72
3.3	Cultura como rede simbólica	75
3.4	Para Resumir.....	80
4	ENSINO DA LINGUA ALEMÃ EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCACIONAIS, O MITO FUNDADOR E OS VALORES RELIGIOSOS CONFSSIONAIS	81
4.1	Como tudo começou...	81
4.1.1	<i>Colégio Sinodal de São Leopoldo</i>	81
4.1.2	<i>SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio</i>	86
4.1.3	<i>Instituto Ivoti</i>	92
4.1.4	<i>Para resumir</i>	94
4.2	O fomento à língua alemã na Rede Sinodal de Educação	95
4.3	A língua alemã e os valores religiosos confessionais	102
4.4	A herança de Lutero e o compromisso com a história dos imigrantes .	103
4.5	A Língua Alemã como possibilidade para os jovens	104
4.6	A língua alemã e o mito fundador	109
4.7	Para resumir	116
5	CONCLUSÃO	119
	REFERÊNCIAS	127
	APÊNDICE A – ENTREVISTA REALIZADA NO INSTITUTO IVOTI	131
	APÊNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA NO COLÉGIO SINODAL	139

PREFÁCIO

Chegando ao final da pesquisa, é hora de pensar em todo o itinerário que percorremos. Se, hoje, temos algo a dizer, algo a ensinar, isso se deve não somente pelas respostas que elaboramos, mas especialmente pelas perguntas que formulamos e pela capacidade que temos de fazer pesquisa a partir delas. Talvez seja isso: conseguir contar (significar) nossas buscas, os processos que empreendemos.

O tempo de quatro anos de estudos na academia serviu para um amadurecimento pessoal. Tivemos que lidar com crises, com angústias e com fracassos. Olhando para o passado, se fizéssemos novamente o processo, ele provavelmente seria muito diferente, pois já não somos os mesmos. Fazemos pesquisas a partir de nossas misérias e fortalezas, dúvidas e saberes, curiosidades e convicções. Algumas vezes umas ganham voz, outras vezes, outras. Entretanto, o resultado do que apresentamos nunca decorre sempre de um esforço simplesmente pessoal, mas sim coletivo. A leitura, o ponto de vista de um olhar, entretanto, é particular e pode, claro, ser mediada pelo contexto e também por motivações subjetivas. Nessa direção, após quatro anos, apresentamos o trabalho de pesquisa intitulado “A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico em escolas da Rede Sinodal de Educação”.

A pesquisa proposta é um olhar sobre o lugar da língua alemã na história de escolas luteranas no sul do Brasil. Chegamos qual criança pela primeira vez ao mar que, maravilhada e diante da sua imensidão, conclama “ajudem-me a olhar!”¹. Trazemos os resultados como uma oferenda de alguns frutos numa bandeja para que sejam saboreadas, na certeza de que esses frutos, ao mesmo tempo em que são alimento, são sementes. Diante dessa metáfora, reforçamos a premissa da educação como um processo em que os conhecimentos compartilhados são sementes de novas construções – novos conhecimentos.

Da prova de seleção até a defesa desta tese, o projeto se modificou bastante. Daquele, inicialmente apresentado como um aprofundamento da dissertação do

¹ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 9.

mestrado,² pouco sobrou. Óbvio que aquele, lapidado, daria uma boa tese. No entanto, o desejo de fazer o doutorado sanduíche na Alemanha nos levou a repensar a temática. Assim, a busca pelo entendimento das motivações para esse estudo fora do país nos levou a redefinição da temática para o que hoje apresentamos. Embora tenhamos abandonado o projeto do doutorado sanduíche, o novo projeto foi ganhando contornos e viabilidade.

Esse trabalho é, no fundo, fruto de uma busca pessoal no entendimento da sua história, marcada ao longe pela vinda de imigrantes alemães. Sendo a língua alemã parte da primeira infância, os primeiros anos escolares foram uma adequação à língua portuguesa. Aliás, o idioma português era uma língua “estrangeira”, praticamente ausente nas relações sociais na pequena cidade interiorana de Santa Catarina, chamada Itapiranga. A escola chegou ao extremo do desespero de punir a fala do alemão nos intervalos. Até hoje, o sotaque da língua materna, a língua alemã, soa na fala da língua portuguesa. Para muitos, é sinônimo de vergonha pela descendência. Hoje, é possível compreender que o que era um peso, uma vergonha de falar a língua alemã ou “falar um português atrapalhado”, é, na verdade, um diferencial. Talvez seja esta uma das contribuições das escolas para os jovens hoje: mudar a perspectiva de seu olhar para que enxerguem a sua descendência sob outra ótica que não seja a da vergonha pelos traços que trazem. Mas será que dão conta dessa tarefa?

A história é uma, exatamente a mesma; o que muda são as perspectivas de análise e o conhecimento que possuímos dos fatos. Da inquietação pelo menosprezo e vergonha da língua alemã e de um novo olhar sobre a história é que surge essa pesquisa. Ancoramos a pesquisa a experiências bem sucedidas do ensino da língua alemã, numa busca pelo entendimento do significado daquele trabalho. Encontramos na Rede Sinodal de Educação o respaldo e a possibilidade desse estudo, justamente pela sua história, que parte de Lutero e da tradução do Novo Testamento para a língua alemã, atualiza-se na organização de imigrantes alemães no Brasil e é a base das Escolas Comunitárias. Partimos para uma análise do significado histórico dos fatos e do seu entendimento na atualidade. Mais do que isso: queríamos compreender qual

² MOMBACH, Lauri Alfonso. **A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente**: um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS). 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/563>. Acesso em: 20 set. 2019.

o lugar da língua alemã, uma língua histórica, marcante na trajetória do luteranismo, na atualidade e buscar compreender como as novas gerações lidam com a história, o dialeto e qual o significado do estudo da língua alemã hoje.

Essas são as motivações que originaram o exercício desta pesquisa. O percurso, o itinerário, as mudanças e as nuances serão apresentadas a seguir.

Desejo uma boa leitura!

1 INTRODUÇÃO

Embora o Brasil fosse o destino de muitos imigrantes, especialmente a partir do início do século 19, nossa pesquisa reside sobre os imigrantes de origem germânica. Todavia, face aos inúmeros estudos já desenvolvidos sobre as circunstâncias que os levaram a sair de seu país e a desembarcarem em terras brasileiras, atentamos para uma investigação do contexto histórico de surgimento e de desenvolvimento de algumas escolas da Rede Sinodal de Educação, na especificidade do fomento ao ensino da língua alemã. Assim, embora tenhamos como cortina de fundo toda uma história da imigração, interessa-nos, sobretudo, a análise das circunstâncias da fundação de Rede Sinodal no sul do Brasil, especialmente, para observar e para compreender o lugar da língua alemã nessas instituições e, a partir dela, sua história, sua religião. Analisamos e discutimos, sob perspectivas alinhadas à História da Educação e à História das Instituições Escolares da Rede Sinodal, a imigração alemã, especialmente no tocante da língua alemã, como elemento que metamorfoseou a formação cultural.

O foco central desta pesquisa é, portanto, a análise dos modos como o fomento à língua alemã em escolas luteranas do sul do Brasil se articula com os valores religiosos confessionais e a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano. Entendemos que é por meio da língua que determinada comunidade guarda e transmite seus saberes, suas narrativas e seus bens simbólicos. A língua assume materialidade e nela sentidos são constituídos, silenciados, reelaborados ou excluídos. No âmbito desta pesquisa, faz-se necessário compreender o lugar da língua alemã no ensino nestas instituições, bem como o seu teor simbólico e ideológico, numa perspectiva de manutenção ou não de um mito fundacional.

Desenvolvemos a pesquisa a partir de três escolas da Rede Sinodal: Instituto Ivoti – Ivoti/RS, Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS e a SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio – Três de Maio/RS, todas construídas sob os alicerces históricos da cultura alemã.

Existem diversas escolas particulares brasileiras que possuem sua raiz fundacional na história e na cultura dos imigrantes alemães. Além das três instituições diretamente abordadas nessa pesquisa, temos, por exemplo: Colégio Imperatriz –

Guarapuava/PR; Escola Alemã Corcovado – Deutsche Schule Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ; Sociedade de Beneficência Humboldt/Colégio Cruzeiro - Rio de Janeiro/RJ; Colégio Sinodal Doutor Blumenau – Pomerode/SC; Colégio Humboldt – São Paulo/SP; Colégio Visconde de Porto Seguro – São Paulo/SP; Pastor Dohms – Porto Alegre/RS. Ao longo das suas histórias e ainda hoje, percebemos que essas escolas desenvolvem múltiplas estratégias buscando se manter fiéis às suas raízes de origem, o que lhes confere uma identidade própria. A adaptação e a flexibilização do currículo para contemplar o ensino da língua alemã e a observação de um calendário próprio que integram elementos da cultura alemã, parecem estar dentro das principais estratégias. Mas como cada comunidade se articula e se enxerga nesse processo? Qual é o valor desses elementos culturais em pleno século 21? Qual o enfoque dado à língua alemã? E de que modo a religião se articula nesse movimento?

A Rede Sinodal de Educação, órgão responsável, na IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), pelo setor educacional escolar e universitário, presta serviço às escolas vinculadas, coordenando as atividades em comum das instituições sinodais na área de aperfeiçoamento profissional de professores e outros profissionais da escola, teatro escolar, música, esportes e formação de lideranças. Além disso, presta assessoria técnico-pedagógica e administrativa aos estabelecimentos de ensino. Embora sua atual formatação seja recente (1981), o Sínodo Rio-Grandense vem demonstrando especial preocupação com as escolas desde 1924, ocasião em que foi criado o Departamento de Ensino.

A Rede Sinodal adota por missão, “promover a interação das instituições sinodais de educação a partir das diretrizes educacionais evangélico-luteranas”.³ Seguem os oito princípios básicos: autonomia, conhecimento, ética, busca da excelência, humildade, abertura ao novo, solidariedade e o referencial luterano.⁴ Desse modo, além de atender as exigências legais para o funcionamento de uma escola no Brasil, observa-se que há um modo particular de ser escola. Existem elementos que lhe conferem um diferencial e, dentre estes, pressupomos que está o lugar que é dado à língua alemã. É evidente que o ensino da língua alemã não é uma exclusividade das escolas da Rede Sinodal. No entanto, encontramos esse “jeito de

³ A REDE Sinodal. **Rede Sinodal de Educação**. [s.d.]. Disponível em: <http://redesinodal.com.br/portalarrede/a-rede-sinodal/missao-visao-e-principios/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

⁴ A REDE Sinodal... 2019.

ser Sinodal” ao associarmos esse cuidado com a língua com uma confessionalidade luterana professa, manifestada num protagonismo luterano, pela ideologia que perpassa a história desde a fundação do luteranismo, no século 16. A esses elementos que se reproduzem e atualizam na história podemos chamar de mito fundador. Portanto, o conceito de mito fundador que trazemos aqui, e vamos posteriormente desenvolver, é de um vínculo que interliga um passado como origem, que se conserva e reinventa num presente.

Mas até que ponto o fomento à língua alemã subjaz a uma gama de princípios e valores religiosos confessionais? Até que ponto é possível demonstrar essa vinculação? De que modo a organização de escolas da Rede Sinodal de Educação reflete, mantém, incorpora valores religiosos confessionais e se estrutura a partir deles? E em que medida ela articula a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano? Aonde podemos identificar a ideia que trazemos de mito fundador? Estaria isso vinculado também ao ensino da língua alemã?

Todos esses questionamentos conduzem ao seguinte problema de pesquisa: em que medida a organização institucional, acadêmica, pedagógica de escolas luteranas do sul do Brasil vinculadas à Rede Sinodal de Educação, e, nelas, o fomento à língua alemã, se articula com os valores religiosos confessionais e a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano.

De modo geral, nas diversas escolas, fundadas em contextos da colonização alemã, observa-se o fomento ao ensino da língua alemã. Algumas a mantêm no currículo formal, outras em atividades complementares, como corais, eventos da pastoral escolar, aulas no contraturno, exposições etc. Passados quase dois séculos desde a chegada dos primeiros colonizadores, por que todo esse cuidado com a língua alemã?

No quesito da língua, podemos afirmar que a sua preservação ultrapassa muito ao interesse de conhecer o idioma alemão falado pelos antepassados, até porque, numa análise preliminar e aparente, a língua alemã não confere um *status* especial ao conhecedor de modo a qualquer ser humano preterir estudar esta a outra língua estrangeira. Também não pode ser encarado numa simples relação com a possibilidade de ascensão pessoal e profissional. A questão é mais complexa e envolve um conjunto de elementos. E é justamente isso que nos propomos a compreender e a defender nesta pesquisa.

Trabalhamos com a hipótese de que o fomento ao ensino da língua alemã, em escolas da Rede Sinodal, carrega consigo um conjunto de princípios identitários culturais, ideológicos e religiosos, ligados ao protagonismo luterano e, por conseguinte, ao seu mito fundador. Ao mesmo tempo em que o ensino da língua alemã confere às instituições um diferencial frente à maioria das escolas particulares, ele serve como instrumento de afirmação de uma identidade alemã.

Mas qual seria o verdadeiro papel e o lugar da língua alemã nas escolas? Entendemos que a língua alemã é um aporte para a transmissão de um determinado jeito de ser; portanto, o ensino da língua alemã e a identidade cultural e religiosa caminham juntas nas escolas da Rede Sinodal, em princípios de retroalimentação, impulsionadas pelo mito fundador. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa visa a analisar até que ponto a organização institucional, acadêmica, pedagógica de escolas luteranas do sul do Brasil e, nelas, o fomento à língua alemã, articula-se com os valores religiosos confessionais e a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano, numa perspectiva de manutenção ou não de um mito fundacional.

Para que possamos ter sucesso nessa busca, precisamos verificar como a tentativa de construção de uma identidade luterana perpassa as opções pedagógicas das instituições. Além disso, faz-se necessário a compreensão da articulação do ensino da língua alemã em diferentes escolas através de programas específicos, de eventos culturais, de espaço na grade curricular, de formação de professores. Será também pela análise da história que motivou a fundação de cada escola que podemos relacionar a língua alemã a valores religiosos confessionais e ao mito fundador nas diferentes escolas pesquisadas, buscando elementos comuns, convergentes e divergentes.

Dentre as diversas escolas particulares instaladas no Brasil que nasceram no seio de comunidades de descendentes alemães, algumas se organizaram em redes de ensino. Esse é o caso, por exemplo, da Rede Sinodal de Educação. De um olhar distante, é notório o cuidado que se tem com a preservação de uma identidade cultural através do seguimento de um conjunto de princípios e de condutas comuns.

O protagonismo luterano, presente no projeto político pedagógico das escolas e nas diretrizes da Rede Sinodal de Educação, que mantém viva uma determinada identidade, é alimentado, no nosso entendimento, também pelo fomento e ensino da língua alemã. O protagonismo do ideal fundante se refaz no dia a dia, pelo que

denominamos de mito fundador. Para elucidar a concepção de mito fundador, tomemos a definição de Marilena Chauí, filósofa e escritora brasileira:

Mito fundador porque, à maneira de toda "fondatio", impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.⁵

Trazendo a concepção de Chauí para dentro das instituições de ensino, podemos conceber que as narrativas ligadas ao mito fundador perpassam as diferentes opções político-pedagógicas das instituições. A língua alemã, mesmo que de modo indireto, fomenta essa narrativa nas escolas da Rede Sinodal. Desse modo, o estudo proposto se justifica na importância de uma análise sobre escolas da Rede Sinodal, na observação do papel específico que o ensino da língua alemã exerce e como se articula com os valores religiosos confessionais e a manutenção de uma narrativa de protagonismo luterano.

Assim, a pesquisa desempenha um papel reflexivo sobre e para as escolas da Rede Sinodal. O fato de entrarmos em três escolas da Rede Sinodal nos permite compreender as diretrizes mestras dessa rede e como elas repercutem e se aplicam concretamente nas instituições. Entendemos que a escola desempenha um papel social sobre o meio em que está inserida, o que lhe confere um *status*. Todavia, ela necessita constantemente pensar e repensar suas ações, isto é, sua missão educativa e pedagógica diante de um mundo em constante mudança, entre a tradição e a inovação. As narrativas do mito fundador, especialmente por meio da língua alemã, ligam essas escolas a sua tradição fundante. Nas palavras de Chauí, elas “impõe um vínculo interno com o passado como origem”. Indiretamente, conta-se a sua história e se dá sentido e significado a um modo de viver e compreender a vida. É de fato interessante pensar sobre as justificativas para a manutenção do ensino da língua alemã em escolas no Brasil, mesmo passadas três, quatro, cinco gerações dos primeiros imigrantes e mesmo ainda com discentes que não possuem vínculo direto com a Alemanha.

⁵ CHAUI, Marilena. O mito fundador do Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de março de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2603200003.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Inicialmente, parece-nos importante ressaltar que, embora nossa pesquisa recaia sobre escolas construídas por descendentes de imigrantes alemães no Brasil, não nos atemos à história da vinda desses imigrantes. Não a ignoramos e tampouco a menosprezamos. Nossa pesquisa se desenvolve a partir das histórias da fundação de três escolas da Rede Sinodal e da consolidação da Rede Sinodal de Educação.

1.1 Origens

Para falarmos das escolas da Rede Sinodal, parece-nos interessante observar o ímpeto dos imigrantes alemães e seus descendentes mais próximos, de cuidar da instrução de seus filhos. Dessa forma, era um costume construir, em mutirão, um espaço coletivo para o ensino e para as práticas religiosas.

A alfabetização dos filhos, acrescida do preparo profissional, era preocupação que o imigrante alemão trouxe de sua pátria alemã onde, ao contrário de Portugal, a escolarização já fazia parte do cotidiano das comunidades. A alfabetização para os evangélicos tinha também razões religiosas, capacitando os fiéis à leitura da Bíblia.⁶

Foi no seio das divergências entre católicos e evangélicos, especialmente diante do artigo 5º da Constituição de 1824,⁷ que estabelecia proibição aos evangélicos de erguerem casas de oração com configuração exterior de templo, que surge uma associação dos evangélicos, o Sínodo Rio-Grandense (1886), que reuniu, inicialmente, oito comunidades evangélicas.

O Sínodo evangélico, auxiliado por instituições alemãs, cuidou da sua igreja e da formação de pastores. Em 1922, em Cachoeira do Sul, foi criado o Seminário para a formação de pastores e de professores. Posteriormente, ele foi transferido para São Leopoldo.

Vale ressaltar aqui, de modo preliminar, que o período da Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial foram nefastos para as comunidades alemãs formadas no Brasil. Foi durante essa época que a língua alemã foi proibida, livros foram

⁶ FLORES, Hilda Agnes Huebner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004. p. 111.

⁷ “Art. 5: A Religião Catholica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo”. BRASIL. **Constituição Política do Império Do Brazil**. 25 mar. 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

recolhidos, escolas comunitárias foram fechadas, colonos alemães foram perseguidos. Muitos professores comunitários foram destituídos de seus cargos com o “Programa de Nacionalização.”⁸ Os poucos símbolos estrangeiros que havia nas escolas foram substituídos por nacionais. Passaram a ser obrigatórios o ensaio e a execução do hino nacional, o hasteamento da bandeira e a realização de horas cívicas. Com o término da Segunda Guerra Mundial, a promulgação da Constituição de 1946, o ensino primário passou a ser obrigatoriamente na língua nacional. Foi uma espécie de retomada tardia de medidas de nacionalização, comenta Flores.⁹

1.2 O lugar da Língua Alemã

De modo geral, e numa primeira abordagem sobre o lugar da língua alemã na sociedade, trazemos a pesquisadora Isabel Cristina Arendt. Na sua obra intitulada “Educação, Religião e Identidade Étnica”, ela dedica uma parte substancial para falar da relevância da língua no ideário germanista. Segundo ela, o uso da língua nas publicações, como, por exemplo, o ALZ (Folha da Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul), é um modo de conservar a língua materna no Brasil, mantendo o vínculo com a cultura alemã.¹⁰

Arendt realiza um profundo estudo do ALZ¹¹, quando, em 1914, identifica discussões acerca das funções das aulas de língua alemã. Segundo a autora, ressalta-se, nesse texto, a necessidade de conhecer perfeitamente a língua alemã, sendo esta considerada a língua materna (Muttersprache). “Negligenciá-la seria o primeiro caminho para o afastamento do próprio Volkstum” (Folclore). Fica claro que cabe à escola a responsabilidade do ensino correto da Muttersprache.¹² Vale recordar que, na época, nas escolas alemãs fundadas no Brasil, a língua portuguesa era tratada de modo secundário. Nos anos seguintes, no período da primeira guerra mundial, começaram alguns questionamentos sobre a necessidade de aprender a língua portuguesa. Alguns professores buscaram formação específica, embora a

⁸ VIER, Justino Antonio. **História de Dois Irmãos-RS: passado e presente: 170 anos de Imigração Alemão: 40 anos de Município.** Dois Irmãos, RS: O autor, 1999. p. 151.

⁹ FLORES, 2004, p. 116

¹⁰ ARENDT, Isabel Cristina. **Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: 2008.

¹¹ ALZ – Allgemeine Lehrerzeitung Fur - Rio Grande do Sul, Vereinsblatt des Deutschen Evangelischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul. (Jornal Geral do Professor para o Rio Grande do Sul, Folha da Associação de Professores Alemães Evangélicos no Rio Grande do Sul).

¹² ARENDT, 2008, 133-134.

língua alemã permanecesse prioritária. O entendimento que se dissemina por volta dos anos 1930 é que o ensino da língua portuguesa deve ocorrer apenas para finalidades práticas da vida.¹³

Segundo Arendt, a discussão nas escolas evangélicas no Brasil em 1930 é que, se a língua alemã fosse tratada como na condição de estrangeira, facilmente seria perdida entre a população de origem alemã.¹⁴ Corrobora com essa ideia a pesquisadora Irgart Grützmänn. Para ela, a língua é “o espelho e a transmissão da essência alemã, sendo vista como um autêntico repositório do caráter nacional”.¹⁵

1.3 Língua e Linguagem

Mas, para que pudéssemos analisar o papel que a língua alemã exerceu e exerce na sociedade, entendemos que deveríamos buscar fontes de sustentação. Desse modo, para referenciarmos a língua e a linguagem, no intuito de entender a profundidade conceitual de cada qual, trazemos, inicialmente, Mikhail Bakhtin.

Sendo fonte obrigatória para os estudos da história do pensamento linguístico atual, o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) dedicou parte de sua vida aos estudos e às análises da linguagem. O Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido o grupo de intelectuais que se reunia sistematicamente de 1919 a 1929, dentre os quais Bakhtin era um dos integrantes, tinha em comum uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias e, por que não dizer, a paixão pela linguagem.

Dentre as maiores contribuições do Círculo de Bakhtin foi o de enxergar a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo, contrariando a ideia de um sistema meramente autônomo. Para eles, a língua era pensada na sua relação com a vida. A língua é deduzida da necessidade do ser humano de autoexpressar-se, de objetivar-se.¹⁶

Bakhtin defende a ideia de que a língua materna, sua composição vocabular e sua estrutura gramatical não chegarão ao nosso conhecimento a partir de

¹³ ARENDT, 2008, 139.

¹⁴ ARENDT, 2008, 139.

¹⁵ GRÜTZMANN, Irgart. **A mágica flor azul**: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. p. 80.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 270.

dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Dessa forma, segundo o autor, “aprender a falar significa aprender a construir enunciados”.¹⁷

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais. Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos.¹⁸

Segundo Bakhtin,

Qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.¹⁹

De modo geral e introdutório, podemos dizer, especialmente a partir de Bakhtin, que a língua existe em função dos locutores e dos interlocutores. Assim, ensinar, aprender e empregar a língua passa necessariamente pelo sujeito, na e da história, pois se vale dos conhecimentos históricos para elaborar suas falas e discursos e redigir seus textos.

A língua é compreendida enquanto fenômeno integral concreto, sem que se desconsidere as relações lógicas em sua integridade concreta e viva. Isso é importante para que possamos pensar a relação da língua com o cotidiano, na sua relação dialógica com a vida e a cultura, pois a essa é parte integrante e necessária. Na pretensão que temos nessa pesquisa, de analisar a presença da língua na formação e manutenção da identidade alemã, esses aspectos são de fundamental importância.

Outro autor relevante para este o estudo é Clifford Geertz. Na sua obra “A Interpretação das Culturas”, chama a atenção para o modo difuso, diversificado e, por vezes, raso do qual se define a cultura, muito aquém de um debate e uma interpretação antropológica no tocante da subjetividade ou, até mesmo, da objetividade da cultura.

¹⁷ BAKHTIN, 1997, p. 283.

¹⁸ BAKHTIN, 1997, p. 285.

¹⁹ BAKHTIN, 1997, p. 294.

A partir de Geertz, podemos entender a cultura como um complexo resultado das experiências vividas e dos significados a elas atribuídas. Nesse sentido, acena o autor, a cultura é sempre pública, ou seja, não existe na cabeça de alguém, mas se manifesta e é o próprio modo de sermos e nos relacionarmos com os outros, com a natureza e com as coisas. Embora não seja em si física, também não é uma identidade oculta, tampouco abstrata. Ela é pública porque seu significado o é.²⁰

O que se evidencia a partir de Geertz é que a cultura não foi dada a um animal acabado ou virtualmente acabado, mas foi um componente essencial para o surgimento desse animal. O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e as práticas de reunião, o início da verdadeira organização familiar, a descoberta do fogo e a presença evolutiva cada vez maior de símbolos significantes (linguagem, arte, mitos e rituais), para a comunicação e orientação, são componentes da construção do homem novo. A linguagem, como componente da cultura, ocupa um papel central nesse processo transformador e evolutivo. Sem a linguagem, esse avanço não seria possível ou não se daria no mesmo nível. Esse conceito volta em Rubem Alves, que a seu modo, o amplia e explicita.

Ainda na tentativa de aproximar e amarrar essas diferentes abordagens, trazemos Rubem Alves. Em sua obra “O Suspiro dos Oprimidos”, Alves tece uma relação do lugar da linguagem com a criação e a manutenção de um universo simbólico e, portanto, com a constituição de identidade, dentro de uma comunidade de pertencimento. A linguagem, do qual a língua é parte integrante, afirma o teólogo mineiro, é a “memória coletiva da sociedade”²¹. E a linguagem alimenta e sustenta o universo simbólico humano, do qual integra também a religião.

As ideias de Edvino Rabuske, em “A filosofia da linguagem e da religião”, aproximam-se as de Alves, quando afirma que a linguagem é, além de uma interação de um sujeito com outros, uma comunicação e uma realização no sentido da internalização de normas e de papéis sociais. De acordo com ele, “para compreender o significado de uma expressão linguística é necessário constatar o seu uso e as normas e práticas sociais que subjazem a esse uso. Falar é realizar um ato regado socialmente [...]”.²² Portanto, segundo essa perspectiva, o uso da linguagem não se

²⁰ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC, Rio de Janeiro, 2008. p. 9.

²¹ ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 15.

²² RABUSKE, Edvino. **A filosofia da linguagem e da religião**. 6. ed. Porto Alegre: EDIPURS, 1994. p. 35.

dá a quem da sociedade, ou seja, não se trata de uma livre utilização pelo sujeito, manipulada a seu bel prazer e de modo autônomo, mas é portadora de normas sociais, por vezes inconscientemente assumidos.

Nota-se que, nessas referências, tanto Rubem Alves quanto Edvino Rabuske usam o termo geral da linguagem no sentido amplo, sem a preocupação nas subdivisões e da especificidade da língua nesse processo. Com isso, a ideia da língua está compreendida, porém não separada de outros elementos que compõem a linguagem.

Para Rubem Alves, a linguagem – e dentro dela, o que compreende a língua – ocupa uma condição essencial de construção do mundo. E é ela a base da memória de determinado povo.²³ Assim, ao pensar nos imigrantes alemães, ensinar a língua materna às novas gerações, torna-se de fundamental importância para a preservação das raízes germânicas.

Certamente, na tarefa cotidiana das escolas ensinarem a língua alemã às crianças e aos jovens, nem todos os aspectos conceituais da língua permaneçam tão evidentes. Se assim for, eis mais uma razão para o estudo que propomos. O que parece evidente é a necessidade de compreendermos as funções da língua na sociedade que seguramente ultrapassam a necessidade de comunicação entre os membros de um determinado grupo.

1.4 Da metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, além da pesquisa bibliográfica, houve o emprego de uma metodologia de cunho qualitativo, ou seja, foram dois focos de investigação, mas interligados pelo mesmo objetivo; foram eles: entrevistas semiestruturadas e a pesquisa documental. Nessa direção, vale ressaltar que o trabalho foi devidamente encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST, obtendo a devida aprovação para o desenvolvimento do estudo.

As entrevistas foram desenvolvidas a partir de um roteiro de questões abertas com a possibilidade de inclusão de perguntas a partir do momento que algum elemento não estiver claro. Houve, portanto, flexibilidade que permite partir das

²³ NUNES, Antônio Vidal. **Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 123-124.

perguntas centrais para periféricas, adicionando novas questões. Essa metodologia foi empregada na entrevista a professores, diretores ou coordenadores dos programas de línguas de cada instituição envolvida na pesquisa, sendo um por instituição. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A estrutura geral das entrevistas abordou a seguinte temática:

1. História da Escola:

Quais foram os ideais de fundação da escola e como eles se consolidaram durante a história?

2. Valores Institucionais:

Quais são os principais valores institucionais presentes na escola?

3. Características gerais da escola:

Quais são as marcas e características gerais da escola?

4. Diferenciais da escola:

Quais são as especificidades ou diferenciais da escola?

5. O lugar da Língua Alemã:

Qual é o lugar da língua alemã na escola?

6. Identidade Institucional:

De que modos a identidade institucional (da Rede Sinodal) é difundida na escola?

7. Cultura e tradições:

Quais são os principais eventos em que transparecem a cultura e tradições

8. Religião e religiosidade:

Qual é o lugar da religião e vivência da religiosidade na escola?

9. Vínculos institucionais e governamentais com a Alemanha:

A escola já manteve ou mantém alguma vinculação com a Alemanha?

O outro foco da pesquisa foi desenvolvido por meio da análise documental, a partir dos documentos produzidos pelas instituições ao longo de sua história.

O trabalho foi desenvolvido em três instituições, escolhidas a partir de critérios específicos. Primeiramente, optou-se pelo desenvolvimento da pesquisa em Escolas da Rede Sinodal de Educação. Entendeu-se que, dessa forma, seria possível colher informações e estabelecer um quadro comparativo, justamente pelos elementos comuns entre ambas, o que é fundamental para esta pesquisa. A partir dessa definição, foram selecionadas três instituições, sendo duas da região metropolitana de Porto Alegre, uma instituição de grande porte (Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS), outra, de porte médio (Instituto Ivoti – Ivoti/RS), e a terceira, de grande porte (A Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM – Três de Maio/RS), no interior do Rio Grande do Sul, na faixa nordeste do Estado, pertencente a denominada Grande Santa Rosa.

a) Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS

Foi a partir de meados de 1886 que surge o Sínodo Rio-Grandense, uma entidade composta por imigrantes e por descendentes que cultivavam a religião evangélica luterana. Para marcar o jubileu de ouro da entidade, começa a ser gestado o Colégio Sinodal de São Leopoldo. Assim, do sonho de criar um ginásio, como elo de ligação entre as escolas primárias e o ensino superior, em 1936, surge o colégio. Visavam um estabelecimento de ensino para que os jovens do interior do Rio Grande do Sul tivessem a possibilidade de aperfeiçoar a sua formação em nível secundário, a fim de formar lideranças comunitárias.

Atualmente, a escola tem duas unidades de ensino: Colégio Sinodal – São Leopoldo e Colégio Sinodal – Portão. São mantidas pela Instituição Sinodal de Assistência de Educação e Cultura – ISAEC, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. Em sua base formativa, a língua alemã sempre teve um lugar privilegiado.

b) Instituto Ivoti – Ivoti/RS

O Instituto Ivoti possui uma longa história e tem um papel importante na formação de professores na língua alemã. Foram iniciadas suas atividades em 1909, em Taquari, no "Seminário Evangélico Alemão de Professores" (Deutsches Evangelisches Lehrerseminar). Foram interrompidas temporariamente suas

atividades entre os anos de 1939 e 1948. Em 1975, teve início o projeto “Formação de Professores de Língua Alemã” e é iniciado o curso Técnico em Contabilidade. No ano de 1977, foi criado o Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã (IFPLA), Instituto que funciona até hoje.²⁴

c) A Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM – Três de Maio/RS

A escola iniciou as suas atividades em 1922, sendo o Senhor Kreutler o primeiro pastor aqui residente, também seu primeiro professor. As aulas eram ministradas na Casa da Comunidade (Gemeindehaus). Depois passaram para uma sede própria.

O desenvolvimento da pesquisa acontece através de uma investigação da linguagem, da identidade e da religiosidade em instituições particulares do Brasil. Pelas características da pesquisa, sendo ela qualitativa, documental e com a aplicação de entrevistas, houve a necessidade da visita a cada uma das instituições em pelo menos duas ocasiões, além de contatos eletrônicos via e-mail e por telefone. Essas visitas exploratórias ocorreram no segundo semestre de 2019, logo após a aprovação do projeto no comitê de ética da instituição.

1.5 Da estrutura e recursos

O trabalho de pesquisa está estruturado e dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, Germanidade, educação e religião, trazemos elementos basilares da história do luteranismo e da educação. Analisamos os atos de Lutero (século XVI) e seu ímpeto reformador. Na sequência, descrevemos a caminhada educacional brasileira desde a chegada dos portugueses para, a partir dessas bases, tratar da história da vinda dos luteranos ao Brasil, mas sempre com foco sobre o campo educacional. Entendemos que para qualquer análise contemporânea no campo da língua alemã, que é o objeto desta pesquisa, seja necessário esse resgate, buscando conexões.

²⁴ NOSSA História. INSTITUTO IVOTI. [s.d. Disponível em: <https://www.institutoivoti.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 5 ago. 2019.

Para que pudéssemos entrar na especificidade da pesquisa, tratando especificamente da presença e da influência da língua alemã em algumas escolas brasileiras onde a pesquisa é desenvolvida, havia a necessidade de buscar referenciais ligados à linguagem, língua e cultura, que trazemos no segundo capítulo: Cultura, Identidade e linguagem. O capítulo se subdivide ainda em Linguagem: memória coletiva da sociedade; Língua e cotidiano e Cultura como rede simbólica.

No terceiro capítulo, “Ensino da língua alemã em diferentes contextos educacionais”, tratamos mais especificamente do lugar da língua alemã em escolas da Rede Sinodal, buscando suas relações com o Mito Fundador e os valores religiosos presentes. Embora a maior concentração esteja no terceiro capítulo, face a natureza deste, as falas das entrevistas estão distribuídas ao longo de todo trabalho, as vezes para justificar algo, outras vezes para contestar.

Para facilitar a compreensão do leitor, optamos por dispor as falas das entrevistas em itálico. Preservamos as suas marcas de coloquialidade. Além disso, foram substituídos os nomes dos entrevistados por nomes fictícios, na finalidade da preservação da identidade e o anonimato, conforme consta no requerimento aprovado pelo Comitê de Ética. O nome das instituições permaneceu inalterado.

A pesquisa conta com o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

2 GERMANIDADE, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

Não obstante toda a pesquisa de historiadores a respeito das motivações, da chegada e dos primeiros anos dos alemães no Brasil, ainda existem elementos imprecisos e até informações contraditórias. Sabemos que a vinda dos alemães ao Brasil atendeu a inúmeros interesses. Se, por um lado, a ocupação e cultivo das terras interessavam ao Brasil, por outro, a possibilidade de fugir da crise europeia e de recomeçar a vida interessavam aos imigrantes. “Vendeu-se o sonho” da nova vida com oferta de terras para o cultivo além de apoio financeiro inicial. Todavia, a distância entre as promessas feitas aos imigrantes e a realidade que encontraram foi abissal. Nessa direção, o presente trabalho tem como propósito a análise do lugar da língua alemã, especificamente no processo histórico do luteranismo no Brasil, especialmente por meio da educação.

2.1 A educação do período do “descobrimento do Brasil” à chegada dos alemães

Para que possamos compreender o contexto do desenvolvimento das escolas comunitárias do luteranismo, fazemos uma leitura geral da história da educação brasileira a partir da chegada dos portugueses no século XVI.

No Brasil colonial e monárquico, a estratificação social limita-se a duas: da família patriarcal e da formada por negros e mestiços. Apenas a primeira tinha algum acesso a educação, educação trazida e apresentada pela Companhia de Jesus, os jesuítas. A educação ministrada não era um agente transformador, pois ficava alheia à realidade social. Era uma educação que vinha ao encontro dos interesses de latifundiários e de senhores de engenho.

O objetivo da atuação dos jesuítas no Novo Mundo era o de conseguir cada vez mais fiéis e servidores. Este objetivo foi alcançado através da educação. Com a catequese instruíam-se tanto os indígenas quanto os filhos dos colonos e agregados das fazendas, garantindo desse modo sua conversão como fiéis. Já para servidores eram recrutados os indivíduos da classe dominante, para os quais se criaram os colégios.²⁵

²⁵ STRECK, Gisela I. W. **Escola comunitária**: fundamentos e identidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2005. p. 73.

Se, por um lado, os jesuítas propunham uma educação no Brasil, por outro, essa educação contribuía para reforçar um sistema implantado de grande desigualdade social e exploração. É evidente que não podemos generalizar a sua atuação e existem muitos pontos entremeios que os historiadores se ocuparam em resgatar. Para nós, era importante fazer referência a história para analisar o que se sucede a partir do início do século 19, aproximadamente 50 anos após a expulsão da Companhia de Jesus.

2.2 Os imigrantes alemães no Brasil

No século 19, surge uma nova classe social formada por pessoas ligadas ao comércio, a burocracia e ao artesanato. De algum modo, ela se aliou a classe dominante e buscou na educação um meio de ascensão.

A vinda de D. João, em 1808, provocou algumas mudanças, inclusive no campo educacional. Dessa época, datam os primeiros cursos superiores. Se houve um investimento no ensino superior, com a finalidade atender as necessidades da Corte, o mesmo incentivo não incidiu sobre a formação básica. Mesmo com a independência, as políticas educacionais não se modificaram.

O Ato Adicional de 1834 trouxe alguma regulamentação sobre as atribuições no contexto educacional. Caberia ao poder central o direito de criar e administrar o ensino superior, enquanto os ensinos secundário e primário ficariam sob a incumbência das províncias e dos municípios. Com a falta de recursos para gerir as escolas primárias e secundárias, estas foram assumidas em grande parte por instituições privadas.

Streck divide esse período em três fases, desde o nascedouro a consolidação das escolas dos imigrantes alemães. Vamos nos valer dessas divisões/fases para abordar esses aspectos históricos da formação das escolas comunitárias:

2.3.1 A educação dos imigrantes alemães – 1ª fase: a escola junto à igreja²⁶

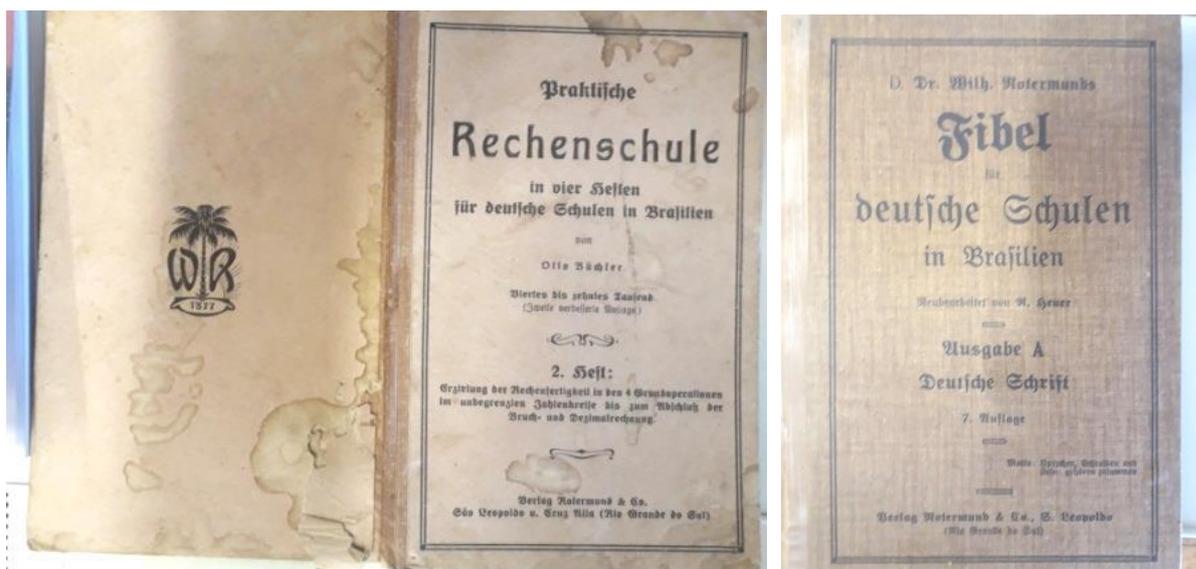
Os primeiros imigrantes alemães que chegaram, a partir de 1824, foram alocados em regiões interioranas com pouca ou nenhuma infraestrutura. Viviam

²⁶ STRECK, 2005, p. 75.

basicamente da agricultura. No aspecto educacional, ficaram totalmente desassistidos. O governo imperial não conseguia atender nem as demandas educacionais da população em geral, quem dera dos imigrantes. Desse modo, não restava outra alternativa que não fosse os próprios imigrantes providenciar escola para seus filhos. Foram criadas associações escolares para pensar a instrução das crianças. Na falta de pessoas qualificadas, muitas vezes o próprio pastor assumia mais essa função. Havia uma estreita relação entre comunidade de fé e escola.

A metodologia de ensino da época se assemelhava a usado na Alemanha. A língua usada na instrução era o alemão, com algumas poucas tentativas do ensino do português. Em geral, não havia material didático. Diante da necessidade, Wilhelm Rotermund, em 1877, fundou uma editora e tipografia em São Leopoldo – RS, onde passou a editar livros e materiais didáticos. Essa foi, sem sombra de dúvidas, uma contribuição importante. Essas imagens mostram alguns dos materiais produzidos. Além disso, Rotermund deixa sua marca na história das primeiras comunidades escolares.

Figura 1: Materiais disponíveis na Biblioteca do Instituto Ivoti - Ivoti/RS



Fonte: Do autor

2.3.2 Os imigrantes alemães e a educação – 2ª fase: a organização das escolas

No ano de 1837 foi fundada a Sociedade Evangélica para Alemães Protestantes na América do Norte. Ela tinha o objetivo de acompanhar os alemães que se instalaram na América do Norte. A partir de 1860, essa sociedade acabou se preocupando também com alemães vindos para a América do Sul, especialmente no Chile e no Brasil. Foi quando a Igreja Luterana na Alemanha voltou seu olhar para a situação dos imigrantes no Brasil. Foram enviados pastores, obreiros e docentes. Segundo levantamento de Martin Dreher, em 1865, chegaram mais de 200 pastores e 40 professores e professoras alemães ao Brasil. Além disso, foram destinados recursos financeiros para a Igreja e para as escolas comunitárias.²⁷

Em 1868, houve uma primeira tentativa de associar as comunidades luteranas no Rio Grande do Sul, ocasião em que foi fundado, em São Leopoldo, o Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul. Posteriormente, esse Sínodo interrompeu suas atividades sendo retomado em 1886 por Wilhelm Rotermund com a criação do Sínodo Rio-grandense. Esse Sínodo chega, entre outros, com o propósito de congregar as comunidades do Rio Grande do Sul e reorganizar o sistema educacional criado pelos imigrantes alemães desde a sua chegada em 1824. Dessa forma, receberam apoio as escolas comunitárias primárias e buscou-se a criação de escolas secundárias.

Em 1899, foi eleita, pelo Concílio Geral do Sínodo Rio-grandense, uma Comissão Escolar, cuja tarefa consistia em manter e organizar o sistema escolar. No entendimento do então presidente do Sínodo, P. Pechmann, não deveria existir “nenhuma cidade, nenhuma picada sem escola.” Esse pensamento dá uma mostra da preocupação com a formação das crianças e jovens da época, o que levou os líderes a fundarem diversos espaços de formação, especialmente as escolas comunitárias, tanto católicas como protestantes. Conforme dados apurados, “em 1920 havia 787 escolas teuto-brasileiras, sendo 310 católicas, 365 evangélicas e 112 mistas. Em 1935 eram 1041 escolas, sendo 429 católicas, 570 evangélicas e 42 mistas”.²⁸

²⁷ DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, 1984. p. 82.

²⁸ KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994. p. 28.

Especificamente, na abrangência do Sínodo Rio-grandense, eram 513 escolas, 589 professores e 17.177 alunos. Certamente, a expressividade dos números impressiona quando pensamos que isso se passa nas primeiras décadas do século 20. Torna-se incontestável o fato de que as escolas comunitárias eram responsáveis em grande parte pela formação inicial do povo.

2.3.3 As escolas comunitárias – 3ª fase: a consolidação da rede de escolas a crise das escolas comunitárias

Decorridos 50 anos desde a fundação (1886) do Sínodo Rio-grandense, o Concílio Geral decidiu pela criação de uma escola secundária. Em 1936, foram iniciadas as atividades do Colégio Sinodal de São Leopoldo. A preocupação extrapolava a formação inicial de alfabetização. Tinha-se a pretensão de, com essas escolas, buscar um elo entre o ensino primário e o nível superior. Esse fato simboliza um amadurecimento enquanto entidade e exigiu uma ampla cooperação das comunidades para a arrecadação de fundos para a construção.

Se por um lado temos as escolas comunitárias que consolidaram sua marca na história por meio da educação e viveram seu apogeu, no que se refere a número de escolas e alunos assistidos, deflagra-se, por outro lado, um momento crítico para as escolas comunitárias. Os ideais da nacionalização do ensino brasileiro, deflagrado no governo Getúlio Vargas, chega às escolas comunitárias.

A chegada do Estado Novo tolheu a autonomia das escolas, gerando uma das piores crises de sua existência. Através de um golpe de Estado, Getúlio Vargas assumiu o poder em 1937. As leis ligadas aos ideais de nacionalização, promulgadas em 1938, afetaram diretamente as escolas. Um dos pontos que gera muita crítica é o art. 129 da constituição de 1937: “o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever do Estado”. Enquanto as classes mais abastadas da sociedade usufruíam de uma educação pública ou particular de um nível diferenciado, aos pobres ficava reservado o ensino profissionalizante, ou seja, produção de mão de obra. Desse modo, a própria escola fazia uma distinção social, havia aqueles que deveriam ser instruídos de forma mais ampla e aqueles que deveriam se profissionalizar.

2.3 Nacionalização e o declínio das escolas comunitárias alemãs

De modo geral, podemos dizer que 1938 foi um marco divisor para as escolas comunitárias, pois foi a data inicial da nacionalização das escolas particulares. Houve uma intervenção direta sobre a administração da escola a partir da lei que determinou que o ensino de Português, de História do Brasil e que a Instrução Cívica, deveriam ser realizados por professores brasileiros. Como se não bastasse, esses professores seriam custeados pelas comunidades com valores pré-fixados pelo Estado. Antes do final deste mesmo ano, uma nova lei: essa proibia que estrangeiros exercessem cargos de direção nas escolas; assim, a língua alemã foi proibida de vez, inclusive nos intervalos. Em agosto de 1939, foi promulgado o decreto que mais atingiu as escolas. Ele instruía os secretários estaduais de Educação a construir e manter escolas em áreas de colonização de estrangeiro, fiscalizar o uso e ensino de línguas estrangeiras, intensificar o ensino de História e Geografia do Brasil, proibir que a escola fosse dirigida por estrangeiro e que a língua estrangeira fosse usada em qualquer instância. Ora, grande parte das escolas comunitárias possuíam na direção pastores alemães. Podemos supor que substituir todos esses profissionais não tenha sido uma tarefa nada simples.

Streck resume esse momento ressaltando que,

as dificuldades foram muitas, e o nível do ensino foi afetado pela troca de professores. A proibição de falar a língua alemã trouxe problemas para as crianças que não sabiam falar o português. Para o P. Hermann Dohms, presidente do Sínodo Riograndense, o principal a fazer era continuar existindo como sistema de escolas comunitárias.²⁹

As escolas, de modo geral, tiveram muitas dificuldades em atender as exigências. O desafio de todas era o de “continuar existindo como sistema de escolas comunitárias”. Muitas delas tiveram que fechar as portas. As que sobreviveram, tiveram que se adaptar e se inserir no contexto brasileiro de cultura educacional. A professora Rebeca, do Instituto Ivoti, em sua entrevista, fala de um “*silenciamento estratégico*” da língua alemã para que a escola não fosse “*encampada*”³⁰. A professora Mariana, do Colégio Sinodal, destaca o sofrimento gerado pelas imposições desse período, mas realça a capacidade dos profissionais da educação em lidar com as exigências. Segundo ela, “*a escola também sofreu com isto. Mas graças a Deus a*

²⁹ STRECK, 2005, p. 94.

³⁰ Entrevista da Professora Rebeca (Instituto Ivoti).

*gente sempre teve pessoas aqui que conseguiram junto ao Ministério Público, enfim, conseguiram voltar a funcionar. A língua alemã foi proibida por um tempo mas depois se volta.*³¹

Uma das primeiras necessidades encontradas foi a troca de nomes das escolas comunitárias, já que a maioria possuía nomes alemães. Para ilustrar, seguem dois exemplos: (1) O atual Instituto Rio Branco trazia em seu nome (Centenário), uma homenagem à chegada dos imigrantes alemães no Brasil, foi obrigado a se adequar. (2) O atual IENH (Instituição Evangélica de Nova Hamburgo), na sua origem, por volta de 1832, era chamada de Gemeindeschule, nome que passou, por exigências impostas no período da 2ª Guerra Mundial, para Colégio Pindorama. Mais tarde, aí por opção, para Instituição Evangélica de Novo Hamburgo. Além disso, houve também a necessidade de troca de vários professores e diretores. As escolas começaram a comemorar datas do calendário brasileiro como solenidades cívicas, desfiles etc. As escolas também começaram a ser inspecionadas.

O nacionalismo brasileiro estava relacionado com a questão da língua. Como o país não tinha um passado e uma cultura de onde se poderiam buscar elementos para despertar um sentimento de unidade em todas as etnias, o único elemento desta unidade seria a língua.³²

A Segunda Guerra Mundial agravou a situação das escolas comunitárias, especialmente desde a entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha. Instaurou-se um clima de desconfiança em relação às escolas comunitárias construídas pelos imigrantes alemães.

De modo geral, podemos considerar que os ideais da nacionalização buscam na língua, no caso, na Língua Portuguesa, um elemento congregador de diferentes etnias. O nacionalismo proposto no Brasil visava a combater um aparente “culto” à língua materna dos imigrantes, não somente a dos imigrantes alemães. Quando olhamos para a história, do lugar que estamos hoje, podemos nos perguntar se efetivamente havia a necessidade de uma imposição radical da língua nacional em detrimento das demais línguas.

Se pudéssemos apontar um ganho para as escolas comunitárias diante da nacionalização, aquelas que sobreviveram, foi de que elas tiveram que se adequar as

³¹ Entrevista da professora Mariana (Colégio Sinodal)

³² STRECK, 2005, p. 100.

exigências do cenário educacional brasileiro de forma oficial. Isso implicou numa adequação às regulamentações e aos registros para se enquadrarem nas leis educacionais do país e se credenciarem para, legalmente, continuarem seu trabalho. Segundo Streck, “as escolas comunitárias foram tiradas da sua marginalidade, perderam sua liberdade de organização e entraram no cenário educacional brasileiro, de forma oficial, como ensino privado ou particular.”³³ Isso as habilitou a crescerem enquanto escolas, dentro de uma proposta específica. O apoio às escolas comunitárias surgiu de dentro das comunidades e foi reafirmado nos Concílios Gerais dos Sínodos ao longo da década de 50 e 60.

2.4 O Golpe Militar de 1964

O golpe de 1964, que instaurou a Ditadura Civil Militar no Brasil, trouxe, no campo educacional, algumas mudanças. O antigo ensino primário e ginásial foi transformado em 1º grau, sendo obrigatório a todos. O 2º grau tornou-se totalmente profissionalizante, numa possibilidade de oferta em 130 cursos distintos. O grande problema dessa estrutura é que não se dispunha de profissionais formados em cada uma dessas áreas. Assim, em 1982, a obrigatoriedade do 2º Grau técnico foi revogada. Em 1984, iniciou-se o período denominado “Nova República”, com isso houve uma tentativa de redemocratização da Educação.

Nessa época, mais precisamente entre 1968 e 1978, a IECLB viveu um período de reestruturações. O Departamento de Ensino, que antes estava subordinado ao Sínodo Rio-grandense, vinculou-se diretamente a IECLB. O relatório apresentado pelo Departamento de Educação por ocasião do 11º Concílio, em 1978, trouxe um panorama das escolas evangélicas. Segundo este, existiam, na IECLB nessa data, mais de uma centena de escolas primárias, totalizando aproximadamente 12000 alunos e 40 estabelecimentos evangélicos de 1º e 2º grau, com cerca de 21000 estudantes.³⁴ Na ocasião, surgiu a preocupação em elaborar um documento que definisse os princípios e objetos da escola evangélica.

³³ STRECK, 2005, p. 103.

³⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB, Documentário – XI Concílio Geral, Joinville (SC), 1978. p. 50.

2.5 Da nova realidade da escola evangélico-luterana

2.5.1 A fundação da IECLB e as escolas comunitárias

O término do Estado Novo, em 1945, apresentou novas possibilidades na área da educação. Alguns prédios escolares confiscados foram devolvidos, escolas foram reabertas e houve um período de expansão e de oferta de novos cursos. A queda de Vargas e a constituição de 1946 deram ares de democracia ao país. A própria Educação foi reavaliada e se começaram a engendrar mudanças.

Dentro dessa reestruturação da Educação, a partir da constituição de 1946, dois artigos merecem destaque: o artigo 166, que definia que o ensino seria ministrado pelos poderes públicos e era livre a iniciativa particular, desde que respeitadas as leis reguladoras; e o artigo 169, que apresentava índices de investimentos na educação, sendo assim distribuído: União (10%); os Estados, o Distrito Federal e os Municípios (20%). A partir dessas definições, se empreenderam longas discussões acerca da iniciativa particular, se deveria, ou não, receber parte desses recursos. Ocorreram diversos manifestos em defesa da escola pública. Não obstante o impasse, a iniciativa particular continuava conquistando espaço.

Em termos de organização eclesial, inicia-se um período importante: aos poucos vai surgindo uma estrutura que congregará os Sínodos existentes no território nacional, e cria-se a Federação Sinodal. Este é o embrião da qual nascerá a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Esta nova estrutura afetará as escolas comunitárias e sua organização e exigirá mudanças e adaptações.³⁵

Criada em 1950, a Federação Sinodal congregou quatro sínodos: Sínodos Evangélico de Santa Catarina e Paraná, Rio-Grandense, Evangélico do Brasil Central e da Igreja Luterana do Brasil. No 1º Concílio da Federação Sinodal, ao mesmo tempo em que foi ressaltada a importância da Igreja em manter as escolas, destacou-se como tarefa prioritária e urgente o trabalho do Instituto Pré-Teológico e da Escola Teológica, para a formação de seus futuros pastores.³⁶

No 2º Concílio da Federação, em 1954, definiu-se o acréscimo no nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. No 4º Concílio, em 1962, retirou-se do nome a terminologia “Federação Sinodal”. Durante o 6º Concílio, realizado em

³⁵ STRECK, 2005, p. 104.

³⁶ Ata do 1º Concílio Eclesiástico da Federação Sinodal, São Leopoldo, RS, 1950. p. 6-7.

São Paulo, no ano de 1968, ratificou-se a Constituição da IECLB, com a aprovação do Regimento Interno e a divisão do território em quatro regiões, congregando-os como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

A ata do 47º Concílio do Sínodo Rio-grandense, datada de 15 de maio de 1949, apresentou um relatório, de autoria do Prof. Willy Fuchs, então responsável pelo Departamento de Ensino do Sínodo, onde são demonstrados o crescimento das escolas comunitárias do nível primário: entre 1942 e 1949 houve um aumento numérico de aproximadamente 100 escolas. Interessante observar na descrição do relatório que, das 229 escolas, 197 são atendidas por um professor cada e, dessas, 188 estão situadas na zona rural.³⁷ Ainda, na descrição do relatório, é apontada a grande preocupação com a falta de professores e o grande número de crianças não alfabetizadas. A falta de professores, entre outros, é consequência do período da nacionalização e 2ª Guerra Mundial, quando diversos ambientes formativos foram fechados, como foi o caso do Seminário Evangélico de Formação de Professores, fechado em 1939 e reaberto somente em 1950.

Houve uma notável expansão dos educandários a partir da década de 40, tanto em número de alunos atingidos quanto em sua estrutura física. Entretanto, aos poucos, temos uma mudança no foco de atuação. Se até então a abordagem se dava basicamente em escolas primárias, agora as escolas criam seus cursos ginasiais. É um período de construção de novos espaços para acolher os novos cursos. Os dados apresentados em 1957, no 52º Concílio, pelo Departamento de Ensino do Sínodo Rio-grandense, já demonstram certa estagnação no número de escolas primárias, e uma crescente busca pelo ensino secundário. Se avançarmos mais um pouco e fizermos o comparativo numérico, fica mais evidente ainda. Enquanto em 1935 havia 510 escolas primárias e um estabelecimento de ensino médio, em 1960 existiam 205 escolas primárias e 20 escolas secundárias, oferecendo 34 cursos diferentes. Algumas escolas, que não integram o quadro acima, celebraram parcerias com o poder público com a cedência do espaço físico e de professores, enquanto o Estado assumi a remuneração destes. Essa foi uma saída encontrada, já que a grande preocupação de todas as escolas estava relacionada a sua manutenção.

³⁷ Cf. Ata do 47º Concílio do Sínodo Riograndense, Feliz, 1949. p. 19-22.

O 56º Concílio Geral do Sínodo Riograndense, de 1962, face aos desafios, foi iniciado com um questionamento, lançado pelo seu presidente, de que se, efetivamente, o Sínodo deveria continuar se ocupando também da área da educação. A resposta pode ser facilmente percebida numa séria de iniciativas que reafirmam o propósito para com a educação: (1) houve um aumento no contingente humano no Departamento Escolar; (2) houve o fomento à formação de professores; (3) houve a criação da Escola Normal Evangélica em Ivoti(RS) e a oferta de cursos na área teológica para professores das escolas evangélicas.³⁸

Na década de 60, houve um decréscimo ainda maior de escolas comunitárias e, conseqüentemente, de alunos. Por outro lado, cresceram as parcerias estabelecidas entre Estado e comunidades. Havia falta de professores preparados para atender o vertiginoso crescimento do ensino secundário. Algumas escolas deixaram de oferecer novos cursos por falta de profissionais. Nesse período, existia uma boa relação entre o Estado e escolas comunitárias.

No ano de 1967, a partir do concílio Do Sínodo Rio-grandense, traçaram-se novas prioridades às escolas comunitárias. A ênfase antes dada ao analfabetismo desapareceu dos relatórios, dando lugar a capacidade de cada escola de gerir seus recursos visando a sua manutenção. Desde 1964, o Departamento de Educação do Sínodo Rio-grandense vem insistindo para um planejamento dos recursos financeiros visando a independência financeira de cada escola. Segundo Streck,

se antes o Sínodo assumia e reassumia a responsabilidade pelas escolas comunitárias, agora esta responsabilidade fica exclusivamente ao encargo das comunidades ou das entidades mantenedoras a estas vinculada. Somente a formação de obreiros para o trabalho eclesialístico é de responsabilidade direta da Igreja ou do Sínodo.³⁹

A manutenção das escolas, agora sob a responsabilidade exclusiva das comunidades, deve ser feita preferencialmente pela cobrança de anuidades das famílias. Como rendas complementares e extraordinárias, estão os lucros de festas, contribuições de empresas ou de pessoas particulares, bolsas de estudos etc. Para que isso seja possível, faz-se necessária a conscientização dos pais.

Com essa nova conjuntura, mudam as atribuições do Departamento de Educação. Esse passa a se preocupar com o aperfeiçoamento dos professores, com

³⁸ Ata do 56º Concílio Geral do Sínodo Riograndense, Santa Cruz do Sul, RS, 1962. p. 19-20.

³⁹ STRECK, 2005, p. 116.

a melhoria constante do ensino e com o trabalho conjunto dos professores num mesmo objetivo, visando à qualificação do ensino.

A história das escolas comunitárias, contada a partir dos relatórios nos concílios sinodais, mostra que, até a década de 50, o próprio Sínodo assumia a responsabilidade pela rede de escolas e animava as comunidades a ampliarem essa rede para que as crianças evangélicas tivessem a oportunidade de ser alfabetizadas. [...] A partir da década de 60, a questão muda: as comunidades são responsáveis pela manutenção das escolas evangélicas [...]⁴⁰

O Sínodo Rio-grandense, antes preocupado com a educação e com formação de todos, agora se preocupa principalmente com a formação de obreiros. Essa formação começa a ser financiada pela Alemanha, através de um sistema de bolsas. A maioria dos alunos beneficiários das bolsas vivem em internatos. Nas três instituições participantes diretamente desta pesquisa, houve o sistema de internatos. Esses, por uma série de razões, foram extintos ao longo da história das escolas. Não compreendemos essa extinção como uma reestruturação de princípios e de valores fundacionais, apenas como uma redefinição das ações a partir das necessidades, ou seja, se antes os internatos eram necessários para atender as demandas, hoje não são mais. Alguns prédios ainda mantêm as características desses internatos.

A ênfase dada na formação de obreiros denota claramente uma preocupação com a preservação de valores específicos da confissão luterana nas escolas comunitárias. Segundo Streck,

uma questão que permanece em relação às escolas evangélicas é seu papel de educar a juventude evangélica dentro dos preceitos doutrinários da sua confissão. À medida que vai decrescendo o número de escolas primárias na rede de escolas evangélicas, persiste, no entanto, o cuidado de se formar professores evangélicos [...].⁴¹

Nesse sentido, a escola deve ser um lugar de testemunho, de vivência e de ensino evangélicos. Esses valores são temas transversais nas escolas da Rede Sinodal. Em duas das escolas pesquisadas, essa opção fica tão evidente que a escola mantém um departamento chamado de pastorado escolar.

⁴⁰ STRECK, 2005, p. 118.

⁴¹ STRECK, 2005, p. 119.

2.5.2 Um novo tempo

O ano de 1980 e os seguintes foram de mudanças nas estruturas da IECLB. Uma primeira busca consistia numa melhor compreensão da realidade brasileira e a inserção da IECLB nesse contexto. A partir desse diagnóstico, foi possível eleger as prioridades. O campo educacional ainda convivía com dificuldades financeiras, além disso, as escolas ainda buscavam compreender melhor o seu lugar dentro da estrutura de IECLB.

Em 1981, houve uma reestruturação do Departamento de Educação, sendo que esse passou a atuar em três níveis: Associação Evangélica de Educação; Conselho de Educação - IECLB e Direção Executiva. As escolas evangélicas, ligadas a IECLB, podiam optar em se associar, ou não, ao Departamento de Educação da IECLB. Através do regulamento do Departamento de Educação era possível compreender as diretrizes e os princípios de educação que se pretendia:

- a) Coordenar os esforços da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB no campo educacional
- b) Exercer a orientação geral dos estabelecimentos de ensino evangélicos no desempenho de sua tarefa, visando uma unidade de propósitos em função do vínculo que os caracteriza, respeitada a autodeterminação de cada entidade mantenedora;
- c) Estimular o intercâmbio e o conagraçamento de todos os estabelecimentos escolares no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB;
- d) Participar, através de suas estruturas de representação, da conduta dos processos da educação no país, mediante colaboração em todos os órgãos educacionais – oficiais ou não – a que tiver acesso;
- e) Promover o aperfeiçoamento do ensino em geral e do ensino religioso, em particular, bem como dos setores administrativos das escolas evangélicas;
- f) Cultivas o intercâmbio com entidades congêneres;
- g) Promover congressos, seminários, cursos de aperfeiçoamento, encontros de estudos – nacionais ou regionais – de acordo com as necessidades;
- h) Editar, divulgar ou intermediar periódicos, trabalhos e publicações que visem ao aprimoramento no trabalho das escolas;
- i) Expedir recomendações de ordem geral, inclusive sobre remuneração do pessoal docente e administrativo;
- j) Prestar assistência técnica aos estabelecimentos, assessorando-os conforme a necessidade.⁴²

⁴² DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - IECLB. Conselho Escolar: atribuições e compromissos da administração geral da escola evangélica. São Leopoldo: Sinodal. 1994.

No mesmo regulamento, constam também as competências da Associação Evangélica de Educação, hoje a Rede Sinodal de Educação.

No ano de 1982, o Departamento de Educação propôs ao 13º Concílio Geral uma mobilização e uma integração da IECLB via ativação da Pastoral da Educação. A moção foi aceita e o tema fixado para 1984 foi o da “Educação”. A apresentação do tema foi pautada por dois questionamentos: a ligação entre Igreja e educação e que tipo de educação é necessária no contexto brasileiro, levando em consideração a fé cristã.

A educação pertence à missão da Igreja. E no contexto brasileiro, é necessário que aconteça uma educação que vise a realidade brasileira, que busque a formação do homem para que participe com responsabilidade da vida nacional, que reúna valores éticos que o façam exercer sua profissão de maneira limpa e correta e esteja preparado para ser um fiel servidor que luta contra a injustiça e contra a corrupção, que se saiba comprometido com a pessoa toda e com todas as pessoas em fidelidade à causa libertadora do Evangelho de Jesus Cristo.⁴³

Essa fala denota claramente e reafirma o compromisso da Igreja Luterana para com a educação e vice-versa. Se, por um lado, a Igreja opta pela educação como uma de suas frentes de atuação, contribuindo com a formação das crianças e jovens, por outro, a escola é um campo vasto onde a igreja propaga os valores cristãos.

A discussão em torno da educação se amplia no ano de 1985, quando a IECLB elege como tema central “Educação – compromisso com a verdade e a vida”. Só o fato da proposta do tema ser a educação já demonstra a preocupação que se tem nessa área. Esse tema foi levado para a reflexão dentro das comunidades. Foram realizados diversos encontros e cursos de aperfeiçoamento para professores e para obreiros. A temática da educação continuou como tema de discussão em 1986, e de vários modos se ampliou, devido ao processo de elaboração da Constituição Brasileira.

Na IECLB, depois de um longo debate, foi apresentado e aprovado, em 1990, um documento contendo as “Diretrizes de uma política educacional da IECLB”. O documento parte de uma fundamentação bíblica e confessional para determinar os objetivos da educação. Segundo ênfase dada pelo documento, são necessários:

⁴³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – Relatório do Pastor Presidente, XIV – Concílio Geral, Marechal Cândido Rondon, (PR), 1984. p. 16.

- o entendimento da fé cristã – compreender e desenvolver-se a si mesma e no relacionamento mútuo
- a promoção do ser humano – que a partir da identidade se assume como agente de uma sociedade
- o serviço ao mundo – que a partir da fé se coloca a serviço.⁴⁴

O Departamento de Educação, criado em 1981, pela fusão do Departamento de Ensino e do Centro de Diretores, muda, em 2000, para Rede Sinodal de Educação. Atualmente, a Rede Sinodal de Educação possui mais de 50 escolas filiadas, sendo que algumas contam com mais de uma unidade de ensino.

2.5.3 A proposta pedagógica das escolas alemãs no Brasil

Ao falarmos mais especificamente da proposta pedagógica das escolas alemãs, precisamos considerar, em primeiro lugar, é que o surgimento de uma rede de escolas comunitárias, especialmente no Rio Grande do Sul, tem profunda ligação, primeiro, com a organização da vida comunitária do povo protestante, e, segundo, com a vivência da fé, especificamente pelo desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Em outras palavras, a sua finalidade e sua identidade está ancorada e fundamentada na teologia luterana.

Um fato interessante a observar, para compreender as motivações do surgimento das escolas, foi de que a grande maioria dos imigrantes que aqui chegaram eram alfabetizados. Esse fato está ancorado à preocupação de que “ser protestante implicava saber ler a Sagrada Escritura, estar apto a receber instrução religiosa, enfim, participar ativamente da vida comunitária”.⁴⁵ Esse ideal é defendido por Lutero ao propor mudanças na educação no início do século 16, na Alemanha.

Fato é que, conforme escreve Streck,

Os primeiros imigrantes e, posteriormente, o povo teuto-brasileiro que se formou principalmente nos três estados do sul do Brasil criaram escolas e uma infraestrutura para a formação de docentes e, durante aproximadamente 100 anos, assumiram sua manutenção. Proporcionaram escolarização para

⁴⁴ DIRETRIZES da Política Educacional da IECLB. **Portal Luteranos**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/diretrizes-da-politica-educacional-da-ieclb> Acesso em 20 out. 2019.

⁴⁵ STRECK, 2005. p. 9.

um grande número de crianças e mantiveram as taxas de analfabetismo num patamar diferente do resto do país.⁴⁶

2.5.4 Lutero

Quando falamos da trajetória do que hoje denominamos de Rede Sinodal, não podemos desconsiderar o pensamento educacional que vem desde Lutero. Não temos espaço aqui para uma abordagem biográfica de Lutero. Limitamo-nos a sinalizar alguns princípios gerais que se perpetuaram na história e estão presentes nas escolas luteranas.

Quando falamos de Lutero, o primeiro fato que vem a mente é a sua contestação à Igreja Católica, igreja à qual ele pertencia. Precisamos expandir essa compreensão e ressaltar que a crítica de Lutero à Igreja se estende a outros setores sociais, inclusive à educação. Portanto, a reforma proposta por Lutero não está diretamente ligada à Educação. Ela é mais ampla e a envolve. Desta forma, ao falarmos de Lutero e sua contribuição para a educação, seja na sua época ou atualmente, e para não cometermos nenhuma injustiça aqui, precisamos reforçar que ele foi um teólogo do século 16. Como tal, escreveu sobre diversos assuntos e dentre eles, a educação. Isso parece evidente e repetitivo, mas é de suma importância que não percamos essa premissa nas análises e leituras posteriores. A educação é apenas uma das preocupações de Lutero na sua época. Claro que isso não a coloca em segundo plano. Tanto isso é verdade que possui dois importantes escritos sobre a temática da educação que são relidos e estudados até hoje: “Aos conselhos de todas as cidades alemãs para que criem e mantenham escolas cristãs” (de 1524) e “Uma prévia para que se mandem os filhos à escola” (de 1530).

Na época, a educação estava vinculada aos mosteiros, que já não supriam as necessidades de formação.

Lutero viveu numa época em que o cristianismo detinha o poder sobre a vida espiritual e social. Não havia distinção entre Igreja e Estado. Embora Lutero seja um agente desta ruptura, deixa claro que, tanto no reino espiritual quanto no secular, é Deus que governa. Enquanto o reino espiritual é regido por meio do Evangelho, o secular é por meio da lei. Todavia, ambos falam da vontade de Deus.

⁴⁶ STRECK, 2005, p. 9.

Segundo Streck,

Por meio do evangelho, ele quer fazer de seres humanos pessoas cristãs e salvas por intermédio de Cristo, mediante a Palavra, a pregação e os sacramentos. No reino temporal, quer manter a justiça e a paz no mundo, mediante o poder e a espada. Tanto no reino espiritual como no temporal, Deus necessita de pessoas que exerçam funções, ou seja, servidores, ministros de Deus.

Esses dados são importantes aqui para que possamos melhor compreender a exortação que faz aos dirigentes e aos pais no tocante da educação, a fim de que fossem mantidas escolas e de que seus filhos fossem mandados a elas. Embora as justificativas pela instrução das crianças possa ter contornos sociais, a preocupação primária não deixa de ser uma educação na fé. Saber ler e escrever tem um propósito claro vinculado à possibilidade de conhecimento do Evangelho.

A crítica que Lutero lança sobre a Igreja no século 16 é, na verdade, algo que se replica a todos os setores da sociedade. Ele justifica que a educação, ora vinculada aos mosteiros, já não atendia as necessidades da época. No seu entendimento, a educação deveria “formar pessoas capacitadas para gerenciar as questões pertinentes à nova realidade econômica, política, social e eclesial”⁴⁷, papel que ela não cumpria. Parece-nos importante reforçar aqui que o prisma de análise de Lutero sobre a educação é a teológica, ou seja, é um teólogo que pensa as necessidades da sociedade de sua época no tocante de sua fé, mas que não se restringe a isso. No seu ideal de sociedade, a educação exerce um papel importante. Dessa forma, a escola teria o propósito de capacitar pessoas para o ministério espiritual, com ênfase no ensino de línguas, na pregação e no regime secular: educar pessoas com capacidade de administrar e de governar bem a sociedade. Nessa perspectiva, a educação deveria atingir todas as crianças para possibilitar o devido acesso⁴⁸ à Palavra de Deus e a seu pleno desempenho de funções na sociedade.

Ao mesmo tempo em que Lutero lança uma dura crítica ao sistema de educação da época, que já não atendia as necessidades da sociedade, faz um apelo às autoridades e aos pais:

⁴⁷ STRECK, 2005, p. 45.

⁴⁸ O domínio das línguas, no entendimento de Lutero, possibilitaria que todas as pessoas tivessem acesso a Palavra de Deus, o que na sua época era intermediada pelo clero. Essa motivação, mais tarde, levou Lutero a traduzir o Novo Testamento para a língua alemã, justamente para possibilitar o acesso e a interpretação pelas pessoas.

Por isso vos imploro a todos, meus caros senhores e amigos, por amor de Deus e da pobre juventude, que não considereis esta causa de somenos importância, como o fazem muitos que não enxergam a intenção do príncipe do mundo. Pois se trata de uma causa séria e importante, da qual muito depende para Cristo e para o mundo, que ajudemos e aconselhemos a juventude.⁴⁹

Lutero sugere que os cidadãos invistam em educação o dinheiro antes gasto em indulgências, missas e peregrinações. Doar esse dinheiro às escolas é uma maneira de agradecer a Deus.

Anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança temporal. Por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores?⁵⁰

Lutero justifica as motivações para o cuidado com a educação ao 4º mandamento de Deus, conforme a Sagrada Escritura: “Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos”.⁵¹

Lutero ancora a educação dos filhos como um mandamento de Deus; assim, negligenciar essa tarefa seria pecado e passível de castigo. Segundo Lutero, “De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude?”⁵². Nesse sentido, pais e autoridades municipais dividem a responsabilidade pela educação das crianças. Segundo ele, as maiores riquezas de uma cidade são “quando possui muitos homens bem instruídos, muitos cidadãos bem ajuizados, honestos e bem educados.”⁵³

Lutero, além de defender a criação de escolas, ressalta a necessidade do ensino das línguas, especialmente o latim, o grego e o hebraico. Destaca que “as línguas são uma dádiva de Deus”, e mais: “se não forem preservadas as línguas, por fim o Evangelho há de perecer.” Assim, “o latim, o grego e o hebraico são tesouros e

⁴⁹ LUTERO, Martinho. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. Trad. Ilson Kayser. *In*: _____. **Obras selecionadas**. Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995a. p. 305.

⁵⁰ LUTERO, 1995a, p. 305.

⁵¹ LUTERO, 1995a, p. 307.

⁵² LUTERO, 1995a, p. 306.

⁵³ LUTERO, 1995a, p. 309.

instrumentos usados por Deus para divulgar o evangelho...”⁵⁴ Segundo o próprio Lutero, “Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são com as bainhas da espada do Espírito”⁵⁵

O escrito de Lutero “Uma prédica para que se mandem os filhos à escola” é endereçado às autoridades municipais de Nürnberg, na Alemanha. Nele, são exortadas as famílias para que mandem seus filhos à escola. Nürnberg havia recentemente inaugurado uma escola, fato que é elogiado por Lutero. Esse texto é referenciado na Bíblia.⁵⁶ Lutero atribui uma importância capital à escola: levar a criança à escola é, indiretamente, levá-la a Cristo, porque, em Cristo, segundo Lutero, as crianças se tornariam herdeiras do seu reino. Havia uma clara compreensão dos objetivos das escolas cristãs, nelas, “se educam jovens nas ciências, na disciplina e no verdadeiro culto a Deus, onde aprendem a conhecer Deus e sua Palavra, para depois se tornarem pessoas capazes de governar igrejas, países, pessoas, casas, filhos e criadagem.”⁵⁷

“Deus não deu os filhos e seu sustento somente para teu prazer ou para educá-los para a pompa do mundo. Exige-se de ti seriamente que os eduques para o serviço de Deus.”⁵⁸ Lutero não mede esforços para mostrar os prejuízos de não mandar os filhos para a escola, prejuízos no plano espiritual e secular. Segundo ele, “O país perde proteção e paz. E tu és o homem cuja culpa (quando depende de ti) ninguém pode possuir segurança na sua vida, a mulher, os filhos, a casa, a propriedade e os bens[...] desprezas esse serviço como se não te dissesse respeito, ou com se estivesses livre perante todas as pessoas e não tivesses a obrigação de servir a Deus.”⁵⁹

Streck sintetiza a visão de Lutero sobre a educação:

A educação tem a ver com toda a sociedade, e cada cidadão tem uma tarefa a desempenhar. Lutero incumbe as autoridades para que estejam vigilantes e, ao descobrirem crianças aptas, as mandem à escola, mesmo que a família não tenha recursos para custear o estudo. Para tanto, se deveriam usar recursos da Igreja. Os ricos deveriam destinar parte dos seus bens, em

⁵⁴ LUTERO, 1995a, p. 311.

⁵⁵ LUTERO, 1995a, p. 312.

⁵⁶ Mt 19, 14. “Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, porque a elas pertence o reino dos céus”.

⁵⁷ LUTERO, Martinho. Uma prédica para que se mandem os filhos a escolas. Trad. Ilson Kayser. In: _____, **Obras selecionadas** Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 330.

⁵⁸ LUTERO, 1995b, p. 335.

⁵⁹ LUTERO, 1995b, p. 352.

testamento, a bolsas de estudo. Esta forma de agir não só traz benefícios para o presente, como também para as futuras gerações que ainda nem nasceram.⁶⁰

2.5.5 Da proposta pedagógica de Lutero

Não nos é possível falar especificamente de uma pedagogia instaurada por Lutero, mas sim de uma proposta educacional com princípios pedagógicos norteadores, alicerçados nas suas concepções teológicas. Lutero lança as bases do que considera fundamental no sistema de educação. Faz isso com duras críticas sobre o sistema educacional da Idade Média, sistema que estava vinculado a conventos e a mosteiros. Lutero chama-o de “acristão” e de ser uma “obra do diabo”. O termo “acristão” denota claramente a vinculação da escola com a teologia, ou seja, seu papel formador cristão.

Mas, afinal, o que faz Lutero tecer tão duras críticas à educação de sua época? Diferente de Erasmo, um humanista e pensador cristão da Idade Média, Lutero considera a educação como uma “coisa do mundo”, uma obra humana. Dessa forma, desfaz a ligação existente entre educação e salvação. A educação dos filhos é uma tarefa de pai e mãe, e a autoridade para tal vem de Deus. A educação é, para Lutero, “um serviço que pai e mãe, educadores e educadores prestam a crianças e jovens. Esse serviço prestado às futuras gerações tem a tarefa de preparar as pessoas para Deus e para o Mundo [...]”⁶¹

Nessa perspectiva, “[...] a educação tem a função de preparar as pessoas moralmente para desempenharem sua tarefa no mundo e educá-las cristãmente, possibilitando o contato com a Palavra e o culto a Deus.”⁶²

a ligação entre educação e fé se dá porque ambas se necessitam e se exigem. Sem a educação a fé não é duradoura. A tarefa da educação no âmbito espiritual é dar meios para que a pessoa possa lidar com a Sagrada Escritura, como fundamento para a pregação, de maneira segura, pois sem a educação esta segurança não está garantida. Por outro lado, sem a Sagrada Escritura a educação perde sua orientação, pois no reino temporal serve à moralidade e esta depende teologicamente dos mandamentos de Deus. Por isso, a educação não deve buscar sua autonomia em relação a Palavra de Deus.⁶³

⁶⁰ STRECK, 2005, p. 56.

⁶¹ STRECK, 2005, p. 61.

⁶² STRECK, 2005, p. 61.

⁶³ STRECK, 2005, p. 62.

Aqui se justifica as razões pelas quais educação e teologia caminham lado a lado. Quando nos transportamos para a atualidade e falamos de uma proposta pedagógica para a escola confessional luterana, um primeiro ponto que precisamos reforçar ao falarmos de proposta pedagógica para a escola confessional luterana, é que esta não é uma busca pela formulação de uma teoria pedagógica luterana com tal, mas, simplesmente, uma tentativa de justificar a existência da escola confessional luterana.

Como já afirmamos anteriormente, Lutero propõe uma escola numa aparente ambiguidade, ou seja, como “coisa do mundo”, portanto, tanto como responsabilidade dos seres humanos, quanto atrelada ao cristianismo, em atenção a palavra de Deus. Assim, de modo geral, no campo educacional, a formação de pessoas em escolas boas são responsabilidades que Deus confiou aos seres humanos. Sendo Deus responsável pela criação do mundo, para preservá-lo, chama à responsabilidade as pessoas (cristãs). Na perspectiva de Lutero, o ensino cristão se coloca em duas funções: dar consistência a toda estrutura da escola e ser um referencial de diálogo com a pedagogia.

2.6 Escolas comunitárias e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Antes propriamente de falarmos de escolas comunitárias, vale a lembrança de que a história da educação comunitária está impressa pela forte presença dos jesuítas (1549 – 1759). Eles trouxeram um modelo educacional europeu da contrarreforma, fundamentado em São Tomás de Aquino. Segundo Alвори Ahlert,

Era uma educação de cunho evangélico com objetivos doutrinários e foi utilizada para impor o modelo de vida europeia àqueles povos que habitavam as terras que foram ocupadas pelos portugueses e espanhóis. Esta ação desdobrava-se: a) em educação das novas gerações e b) na ação missionária para converter os povos colonizados à fé cristã.⁶⁴

Inicialmente, parece inevitável fazer uma associação direta da história da escola comunitária de confissão luterana com a própria história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Isso não chega a ser uma inverdade, no entanto, precisamos considerar muitas nuances e entremeios.

⁶⁴ AHLERT, Alвори. **Educação, ética e cidadania**: referenciais para as escolas da Rede Sinodal de Educação. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

Segundo Dreher, os imigrantes luteranos, a partir de sua cultura e do que aqui encontraram, construíram uma sociedade própria, com bases na organização comunitária, a fim de garantir condições básicas de cidadania e de exercício dos direitos civis. A identidade dessa sociedade estava cunhada num conjunto de usos, de costumes e de tradições que o autor denomina de “germanidade”.⁶⁵ A religião constituía um forte elo de ligação entre as famílias, sendo um dos motivos de encontro e de organização social. A língua alemã possibilitava a interação entre os diferentes grupos e era, de algum modo, parte de identidade que os ligava a Alemanha.

Embora não seja esse o foco desta pesquisa, mas não poderemos deixar de sublinhar aqui, o desentendimento entre católicos e evangélicos acerca da “confessionalidade”. Havia, claramente, na virada do século, uma ofensiva católica pela criação de suas escolas paroquiais, num ideal de “afastar as crianças dos ímpios”, os evangélicos. Streck, numa ligeira apresentação, traça algumas características fundacionais das escolas comunitárias no Sul do Brasil.

O surgimento das escolas confessionais comunitárias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) está vinculado à vinda dos imigrantes alemães protestantes ao Brasil, a partir de 1824. O povo teuto-brasileiro organizou sua vida comunitária, eclesial e social e criou uma infraestrutura que incluía uma rede de escolas para atender à demanda por educação de seus filhos e filhas. Assim, escolas comunitárias vinculadas a comunidades protestantes são um traço característico dos estados do sul do Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul. Neste estado se tornou típica a estreita ligação entre escola e comunidade eclesiástica, encontrando-se a escola e a igreja juntas num mesmo prédio ou lado a lado.⁶⁶

Nota-se, facilmente, que o contexto social dos imigrantes alemães que chegaram no Brasil, a partir de 1824, não pode ser facilmente desvinculado do educacional. Além disso, esses imigrantes reconstruíram o contexto social o mais próximo possível da realidade de onde saíram. Assim, as escolas comunitárias (Gemeindeschulen) retrataram seus conceitos e concepções de educação.

Streck aponta três fatores que considera basilares para a sociedade organizar o ensino: o econômico, o cultural e o político.⁶⁷ Dessa forma, resume a autora.

As razões históricas para a criação de uma rede de escolas pelos imigrantes alemães protestantes no Brasil devem ser buscadas, assim, a partir das

⁶⁵ DREHER, Martin N. Os impasses do germanismo: a conquista encetada em 1492/ 1500 foi de macho contra macho. In: KOCH, Ingelore Starke. (org.) **Brasil: outros 500**. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo, RS: Sinodal/ COMIN/IEPG, 1999. p. 65.

⁶⁶ STRECK, 2005, p. 66.

⁶⁷ STRECK, 2005, p. 68.

concepções que estes trouxeram na bagagem e que foram cunhados pelo contexto e organização do sistema educacional dentro do qual nasceram, assim como da realidade cultural e educacional que encontraram na sua nova terra.⁶⁸

A educação pública na Alemanha no início do século 19 - época em que os primeiros alemães deixaram sua terra natal e embarcaram no sonho de reconstrução da vida no Brasil - trazia ainda o ideal da Reforma Protestante, o qual reivindicava a educação para todo o povo. Endossava esse ideal o fato religioso, ou seja, para o povo protestante era impossível viver a fé sendo analfabeto. Era necessário saber ler para ter-se acesso à Bíblia, cantar os hinos etc. Assim, também os imigrantes que chegaram ao Brasil tinham essa preocupação: alfabetização dos seus filhos e filhas.

A realidade escolar deixada para trás pelos imigrantes alemães que começaram a chegar ao Brasil a partir de 1824 era um sistema de escolas bem organizadas, com ensino gratuito e obrigatório para todos e índice de analfabetismo muito baixo. A concepção o com que vieram precisam ser entendidas a partir deste contexto de discussão de ideias e métodos educacionais novos [...].⁶⁹

Para os imigrantes alemães que embarcaram no sonho de refazer a vida em terras brasileiras, a chegada aqui representou uma ruptura com um sistema, mesmo que em crise, consolidado na Alemanha. Traziam em suas malas a esperança, as lembranças e o conhecimento, e, assim, reconstruíram aqui a Alemanha que conheciam.

2.7 Pessoas que fizeram história

A história está profundamente marcada por pessoas que tiveram importante papel na construção da sociedade. Vamos trazer algumas dessas pessoas que, sob a nosso foco de análise, fizeram muita diferença.

2.7.1 Pastor Hermann Gottlieb Dohms

Ao falar de escolas comunitárias no Brasil, não poderíamos deixar do Pastor Dohms. Seus estudos, na Alemanha, fizeram com que retornasse ao Brasil convencido da necessidade de construir a “Igreja Evangélica de Rito Alemão”. Com

⁶⁸ STRECK, 2005, p. 68.

⁶⁹ STRECK, 2005, p. 71.

isso, eclodiu a necessidade de formação teológica e de professores para o fortalecimento das escolas comunitárias.

Gisela Streck ressalta a importância do P. Hermann Dohms no campo da formação e da educação. Conforme a autora, “a atuação do P. Dohms desde sua comunidade e escola, influenciou o Sínodo Riograndense e fortaleceu o sistema educativo representado pelas escolas comunitárias”.⁷⁰ De modo geral podemos dizer que esse período foi de expansão, de reflexão e de busca de uma identidade.

2.7.2 Hans Günther Naumann e a luta pelo ensino da Língua Alemã

Em “Se você não assumir”⁷¹, Hans Günther Naumann desenvolve um relato em que narra a sua trajetória pessoal quando, em 1949, aos 26 anos, assumiu a tarefa de reinstalação do Seminário de Formação de Professores, hoje o Instituto de Educação Ivoti. Interessa-nos, sobretudo, nessa narrativa, embora o autor não a caracterize como histórica, o olhar especial que se possui sobre o ensino da língua alemã.

Naumann relata que em 1976, na fundação do IFPLA, no sul do Brasil, havia 30 escolas com a língua alemã no currículo, essas na sua grande maioria particulares. Em 2001, o número se aproximou de 250 escolas. Em 2008, a 350.⁷² Mas é preciso entender esse processo numericamente evolutivo.

Naumann esclarece⁷³ que no início de sua vida docente, em 1942, a legislação brasileira previa o ensino de três línguas estrangeiras, de ensino obrigatório: Latim, Francês e Inglês. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação atribuiu às escolas a escolha de línguas estrangeiras.⁷⁴ Nessa ocasião, segundo o autor, o Rio Grande do Sul indicou o alemão, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano. As escolas, hoje denominadas de Rede Sinodal, dentro de sua

⁷⁰ STRECK, 2005. 84.

⁷¹ NAUMANN, Hans Günther. **Se você não assumir**: recordando a caminhada de um Professor de Professores. Ivoti: Echo Editora Gráfica; São Leopoldo: Sinodal, 2009.

⁷² NAUMANN, 2009, p. 317.

⁷³ NAUMANN, 2009, p. 317.

⁷⁴ Embora essa tenha sido uma oportunidade de introduzir a Língua Alemã nas escolas, a Lei de Diretrizes e Bases de Educação de 1961, é considerado um retrocesso para o desenvolvimento das Línguas Estrangeiras no Brasil. Na LDBs de 1961 são fixadas cinco disciplinas obrigatórias (Português, Matemática, Geografia, História e Ciências), ficando a cargo dos Conselhos Estaduais decidir sobre o ensino de línguas.

tradição como antigas escolas teuto-brasileiras, geralmente, optaram pelo Alemão e pelo Inglês.

Na realidade, o efeito desta lei, no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, foi desastroso. Seguindo a lei do mínimo esforço, a obrigatoriedade mínima passou a ser a regra. Houve, assim, diminuição do ensino de línguas estrangeiras, particularmente nas escolas públicas estaduais e municipais. Além disso, as escolas, no intuito de valorizar o ensino profissionalizante, caíram no extremo de supervalorizar, unilateralmente, as disciplinas da área de Matemática e Ciências Naturais. No que se refere ao ensino específico do Alemão, observa-se a forte tendência da limitação ao ensino de uma única língua, universal, o Inglês. A língua alemã, também nas regiões com forte população de origem germânica, passou a ser considerada a língua de pessoas culturalmente e economicamente atrasadas. Estudar Inglês era “chique”, mesmo se fosse somente para saber dizer *good morning*. Onde havia a consciência da vantagem de aprender uma segunda língua, ao lado da língua inglesa, optava-se, muitas vezes, pelo Espanhol, a língua que para os alunos também parecia oferecer menos dificuldades.⁷⁵

Facilmente podemos observar, na atualidade, os efeitos da falta de políticas de incentivo ao ensino das línguas estrangeiras. A geração de brasileiros que dominam uma língua estrangeira, cuja vida escolar inicial é dessa época, é muito pequena. Não havia uma cultura de valorização das línguas.

Aos poucos, com muita luta de algumas pessoas, o ensino das línguas é revisto, incentivado e mais valorizado. Ocorreram incentivos externos, como foi o caso do IFPLA (Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã). A própria Rede Sinodal, no início da década de 1980, reconheceu a sua importância e dedicou-se mais ao ensino das línguas estrangeiras. No setor público, o projeto “Pluralismo de Línguas Estrangeiras nas Escolas”, lançado pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, contribuiu muito para o crescente interesse pela língua estrangeira.

⁷⁵ NAUMANN, 2009, p. 318.

3 CULTURA, IDENTIDADE E LINGUAGEM

Quando nos propomos, como pesquisa acerca da linguagem e identidade dos imigrantes alemães no Brasil, sabíamos que teríamos que trazer à luz os temas da linguagem, da língua e da cultura. Isso para que pudéssemos tratar especificamente da presença e da influência da língua alemã em algumas escolas da Rede Sinodal, onde a pesquisa é desenvolvida. Diante desse intento, buscamos autores referenciais nas distintas áreas, o que nos deu uma base, mesmo que não de modo conclusivo. Notamos quão complexos e diversos são os temas e que já não é possível uma conceituação única. Para o seguimento da pesquisa, vamos ancorar nosso trabalho especialmente aos conceitos de Mikhail Bakhtin, pela concepção da língua como atividade social e dialética, e de Clifford Geertz, que nos apresenta o conceito de cultura. As convicções de Rubem Alves, na medida do possível, irão perpassar os estudos e as análises.

No intuito de estabelecer as bases para a análise e a discussão da “Língua alemã e o mito fundador no luteranismo”, vemos a importância de trazermos fundamentos sobre os temas da linguagem, da língua e da cultura. Estamos cientes da amplitude da temática e de que não será possível exaurir a sua complexidade conceitual.

O primeiro objetivo deste estudo se ancora na necessidade de justificar e de sustentar a opção do estudo da língua alemã no contexto de escolas particulares do sul do Brasil, mais precisamente, três escolas da Rede Sinodal de Educação. É através da análise das relações da língua alemã com a história dessas instituições, sua identidade, suas memórias e sua religião, que queremos averiguar, ao longo da elaboração da pesquisa, a hipótese de que o fomento ao ensino da língua alemã, em escolas da Rede Sinodal, carrega consigo um conjunto de princípios identitários culturais, ideológicos e religiosos, ligados ao protagonismo luterano e, por conseguinte, ao mito fundador.

Partimos do princípio de que, ao mesmo tempo em que o ensino da língua alemã confere às instituições um diferencial frente à maioria das escolas particulares, ele serve como instrumento de afirmação de um determinado modo de ser e de fazer educação. Entendemos que a língua assume materialidade nas relações e que nela,

sentidos são constituídos, silenciados, reelaborados ou excluídos. Mas o que é especificamente a língua? Qual é a diferença entre língua e linguagem? Se a língua se constitui como elemento cultural, de que tipo de cultura estamos falando? O que é cultura? E, no sentido amplo, a que papel se presta a língua alemã nas escolas da Rede Sinodal de Educação?

Para referenciar e compreendermos melhor a linguagem, a língua, a cultura e, dentro dela, a identidade, no intuito de entender a profundidade conceitual de cada um desses fenômenos e de suas inter-relações, trazemos em evidência alguns autores. Iniciamos abordando concomitantemente os termos identidade, cultura e linguagem através do teólogo e filósofo Rubem Alves. Entendemos ser de fundamental importância a visão que aproxima a linguagem à identidade e a cultura. Para elucidarmos e aprofundarmos os conceitos de linguagem e língua, evidenciamos Mikhail Bakhtin. O autor nos apresenta elementos para, primeiro, compreendermos separadamente os termos língua e linguagem, segundo, para buscarmos um elo com a cultura.

Na sequência, trazemos Clifford Geertz e sua conceituação de cultura e a aproximação desta com a linguagem. Através deles, buscamos uma aproximação com as matrizes fundacionais de algumas escolas da ISCLB, numa tentativa de construir uma ponte entre os conceitos de língua e de linguagem com o todo do trabalho investigativo que aqui desenvolvemos.

Entendemos que, embora essa abordagem esteja organizada com algumas subdivisões, os temas se entrelaçam constantemente, de modo que fica difícil falar de língua e de linguagem sem que abordemos a concepção de cultura. Tampouco fica fácil falar de cultura sem que se observe a identidade subjetiva e social dos indivíduos que a integram.

3.1 Linguagem: memória coletiva da sociedade

“A palavra, portanto, é uma nota de rodapé à existência.”

O que ora buscamos, inicialmente, é uma tentativa de identificarmos o ponto cartesiano em que cultura e linguagem se encontram e de que forma isso confere identidade a um indivíduo ou a um grupo. Essa tarefa, *a priori*, parece não impor muita dificuldade já que, pelo senso comum, a linguagem carrega traços de uma

determinada cultura, sendo que a cultura e a identidade são expressas pela linguagem. Entretanto, o que é cultura? O que entendemos por linguagem? De que tipo de identidade estamos falando? Quando entramos nas múltiplas conceituações e seus desdobramentos, percebemos que a tarefa não é tão simples.

Em sua obra “O Suspiro dos Oprimidos”, Rubem Alves tece uma relação do lugar da linguagem com a criação e com a manutenção de um universo simbólico, e, portanto, com a constituição de identidade dentro de uma comunidade de pertencimento. A linguagem, afirma o teólogo mineiro, é a “memória coletiva da sociedade”⁷⁶. É a linguagem que alimenta, sustenta e potencializa o universo simbólico humano, do qual a religião também faz parte.

O ponto de partida de Alves é a premissa de que os seres vivos, sem reserva, são “seres de carência” e que um dos problemas iniciais a resolver se liga à necessidade de sobrevivência. É essa a necessidade que leva os seres vivos à interação. Nesse sentido, a sobrevivência de uma determinada espécie ou de determinado grupo é resultante do sucesso dos mecanismos desenvolvidos. Segundo Alves, a “sobrevivência, em última análise, é uma função do poder, da eficácia do organismo para se apoderar do seu meio”⁷⁷. Sem isso, as consequências poderiam ser catastróficas, inclusive a possibilidade de extinção de uma determinada espécie.

Mas e quando essas necessidades primeiras de carência são supridas, o que resta? Quando, de algum modo, o ser humano já não necessita do outro para sobreviver, o que o leva a seu encontro? O que mantém a relação, a partilha? Além disso, de que forma, conseguimos diferenciar esse mecanismo entre os animais e os seres humanos? O próprio autor nos oferece subsídios para a compreensão.

Embora, para Alves, a existência do ser humano também seja uma luta pela sobrevivência, é preciso distingui-lo do animal. Este, na compreensão do autor, diferente do ser humano, possui uma “programação completa”, fechada, uma “memória biológica”. Nesse entendimento, cada organismo possui, pelo passado de sua espécie, uma memória biológica. Essa programação está inscrita no próprio corpo do animal. Assim sendo, não há liberdade de reorganização da sua experiência. No entanto, é o seguimento dessa memória biológica que garante a sobrevivência. É claro

⁷⁶ ALVES, 1984, p. 15.

⁷⁷ ALVES, 1984, p. 8.

que, a longo prazo, ela pode e deve sofrer metamorfoses, mas serão pela necessidade de adaptação na finalidade primeira da sobrevivência.

Nos seres vivos, em seu modo mais primitivo da existência, as adaptações ao mundo, em geral, são pautadas em duas esferas bastante simples: fuga da dor e busca do prazer. Para ilustrar, tomemos como exemplo o treinamento de um animal para acrobacias circenses. A fim de que repita certos movimentos, são aplicados, ao animal, pequenos estímulos de alerta que geram algum desconforto ou recompensa. Sempre que responde bem aos comandos, desenvolvendo o movimento desejado, é recompensado com algum afago ou alimento. Como não há uma compreensão racional do comando, tampouco essa ação lhe é instintiva pela inscrição biológica, ela precisa ser incorporada, fazendo desse um treinamento exaustivo. Para as plateias do espetáculo circense, os movimentos inéditos do animal são reconhecidos e arrancam aplausos.

Mas e o ser humano? Como ele aprende o que sabe? Certamente, não é meramente pelo instinto de sobrevivência. Tampouco é, de modo simplório, uma fuga da dor e uma busca pelo prazer. Esses mecanismos só são válidos para a primeira infância, quando o choro acusa a dor, o mal-estar, o sofrimento ou o sono; as risadas, o prazer.

Rubem Alves se ocupa em apresentar uma clara distinção entre o ser humano e o animal. Ele apresenta o ser humano com uma “programação aberta”, que é incompleta e até defeituosa. Se determinado comportamento já está inscrito na espécie animal desde o nascimento, no ser humano não é assim. As diferentes estruturas de valores que ele cria ou elege para seguir são um bom exemplo da diferenciação. Não há, portanto, uma relação causal entre o corpo humano e a atividade humana, como existe no animal.⁷⁸

No livro “Conversas com quem gosta de ensinar”, Rubem Alves usa a analogia da vespa e da aranha para diferenciar a aprendizagem humana da biológica. Na aprendizagem biológica, há uma repetição sem fim, sendo que cada geração reproduz a outra. Assim, possibilita-se a vida biológica: o conhecimento está impregnado no ser vivo e é instintivo. Nas vespas, comenta Alves, “todo o conhecimento necessário à

⁷⁸ ALVES, 1984, p 12.

sua vida já está presente, inconscientemente, no seu corpo. Programada perfeitamente para viver e para morrer”.⁷⁹

Diferentemente das vespas, somos nós, “seres de programação biológica atrofiada, encolhida, restrita”.⁸⁰ Estabelecemos convenções e criamos a cultura. Existem caminhos pelos quais nos tornamos e permanecemos humanos. Essa humanidade, segundo o autor, tem de ser ensinada, aprendida e preservada. Isso se faz necessariamente por meio da linguagem, “porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas”.⁸¹

Numa aplicação dessa teoria, Rubem Alves, entre a sutileza de suas palavras, escolhidas à luz da poesia, faz duras críticas ao modelo educacional de sua época. “Temo que estejamos formando milhares de bonecos que movem as bocas e falam com a voz de ventríloquos. Especialistas em dizer o que os outros disseram, incapazes de dizer sua própria palavra”.⁸²

Dizer a sua própria palavra significa uma apropriação do conhecimento de tal modo a lhe conferir identidade, que, por sua vez, remete-se a uma cultura. Logo, dizer sua palavra numa língua específica (como é o caso da língua alemã), ancora-a a determinados elementos culturais. Esse parece ser um ponto de convergência: o sujeito autônomo o suficiente em sua língua a ponto de expressar aspectos culturais e identitários.

Segundo Alves,

A história e a antropologia nos revelam que a produção humana é fantasticamente variada, diversificada e mesmo contraditória. Ao comparar os utensílios que culturas distintas criaram para atender às suas necessidades, constatamos simplesmente que eles são diferentes, e com isto, somos remetidos a diferentes maneiras de comportamento humano.⁸³

Enquanto o animal se adapta e se ajusta a natureza, para o ser humano, a natureza não é o limite. O ser humano a transforma de acordo com suas exigências e necessidades. É justamente dessa vontade de sujeitar a natureza às necessidades do seu corpo que o ser humano cria universos simbólicos. Para suprir a fragilidade do

⁷⁹ ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 2. ed. São Paulo: ArsPoetica, 1995. p. 65.

⁸⁰ ALVES, 1995, p. 65.

⁸¹ ALVES, 1995, p. 65.

⁸² ALVES, 1995, p. 81-82.

⁸³ ALVES, 1984, p 11.

corpo humano, analisa Alves, o ser humano inventa técnicas para aumentar a sua eficácia e melhorar o desempenho dos seus membros.⁸⁴

Nesse entendimento, conforme Alves,

A aprendizagem é a transformação de uma espécie que se poderia perder no passado, numa ferramenta para conquistar o futuro. [...] cada organismo é uma estrutura que preserva uma invenção, e um aprendizado típico para o problema da sobrevivência.⁸⁵

Aqui começamos a tratar de linguagem. Sim, a linguagem é a grande ferramenta cultural do ser humano para interagir no seu meio. Segundo Rubem Alves, “é a linguagem que faz a sociedade possível e esta torna a linguagem necessária. O condicionamento de nossa percepção pela linguagem é, realmente, o condicionamento de nossa maneira de ver, ouvir e sentir pela sociedade”.⁸⁶O que aqui se apresenta é a superação de mecanismos de interpretação meramente biológica. O ser humano se faz em sociedade. Desse modo, há também, de alguma forma, a suplementação do esquema interpretativo pautado na dor e no prazer pelo esquema interpretativo cultural e de valores. Em outras palavras, a atividade humana é governada pelos valores do grupo e esses são os mecanismos para a interpretação do mundo. Isso não significa a anulação dos mecanismos de interpretação biológica, mas a sua superação.

Portanto, se é a memória biológica que dá ao animal a possibilidade de preservar e de usar as experiências passadas de sua espécie, e sem ela seria impossível uma unidade de comportamento, o ser humano, por ter uma programação biológica restrita precisa se inventar para que seus conhecimentos não se apaguem com a sua morte. É a linguagem que supre essa necessidade. A terminologia da linguagem que trazemos é vasta, podendo ter múltiplos conceitos. Alves entende a linguagem como

[...] a memória coletiva da sociedade. É ela que provê as categorias fundamentais para que certo grupo social interprete o mundo, ou seja, para que ele diga como ele é. Mas exatamente por causa disto, por determinar a interpretação, a linguagem determinará também a maneira pela qual a referida comunidade irá organizar a sua ação.⁸⁷

⁸⁴ ALVES, 1984, p. 12.

⁸⁵ ALVES, 1984, p. 8-9.

⁸⁶ ALVES, 1984, p.13.

⁸⁷ ALVES, 1984, p.15.

Nesse entendimento, podemos dizer que é a linguagem que possibilita ao ser humano compartilhar suas experiências positivas e evitar as mal sucedidas, inicialmente, pelo puro ato de sobrevivência, mas, posteriormente, no viés do regramento da vida em sociedade.

Esmiuçando o conceito de linguagem, Alves diz ser “um conjunto de sinais fonéticos e/ou gráficos convencionais, criados pela sociedade a fim de representar para o homem as coisas e suas relações, e assim tornar possível a comunicação necessária à conjugação e ação”.⁸⁸ Sendo assim, é por meio dela que se estabelece e se fomenta o conhecimento.

Levando em consideração os pressupostos acima elucidados, podemos dizer que o ato de conhecer é, portanto, também um ato de *ser e conhecer* enquanto ser humano e sociedade. À medida que vamos conhecendo, atribuímos nomes ao que conhecemos. Dar um nome a algo significa um modo de apropriação daquela coisa, pois, pela linguagem, ela entra no rol das coisas identificadas e reconhecidas – aquilo que nos pertence pelo conhecimento e pela cultura. Esse processo de nominar as coisas se dá por meio do reconhecimento, da comparação e da reorganização mental. Segundo Alves, há uma memória estrutural sem a qual não poderíamos dar nomes às coisas, não poderíamos conhecer o mundo. Essas formas não são inatas nem fixas, são decorrentes da cultura.⁸⁹

A linguagem é, portanto, sempre um fenômeno coletivo. Ela pressupõe um autor, um receptor e um objeto. É, segundo Alves, uma “ferramenta criada para o homem no seu esforço para construir um mundo. Mas uma vez criada, a linguagem se transforma de ferramenta em sistema: ao invés de ser o homem quem a usa é ela que usa o homem”.⁹⁰

Quando uma criança vem ao mundo, as coisas lhe são apresentadas por meio da linguagem. O ser humano pode usá-la somente, porque ele já foi por ela socializado. “Na realidade, o ato de pessoas falarem e entenderem uma linguagem comum indica que participam de uma mesma estrutura de valores”.⁹¹ Dessa maneira, a palavra expressa um valor, um sentido e um significado.

⁸⁸ ALVES, 1984, p. 17.

⁸⁹ ALVES, 1984, p. 19.

⁹⁰ ALVES, 1984, p. 21.

⁹¹ ALVES, 1984, p. 29.

3.2 Língua e Cotidiano

O filósofo e linguista que merece espaço aqui é o russo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975). Para ele a língua é pensada na sua relação com a vida. Assim como já sinalizamos diretamente em Rubem Alves, para Bakhtin, a língua é deduzida da necessidade do ser humano de se expressar, de se objetivar.⁹² A língua é compreendida enquanto fenômeno integral concreto. A partir dessa visão, podemos pensar a relação da língua com o cotidiano, na sua dialogicidade com a vida e a cultura, sendo a última uma integrante necessária. O autor, por vezes, usa a terminologia linguagem de modo genérico e a aborda a partir do enfoque dialógico.

Bakhtin compreende a língua como um fato social fundado na necessidade de comunicação. Ele critica a ideia da língua enquanto sistema de regras e entende que as diferentes esferas humanas estão relacionadas com a utilização da língua. Disso, resulta a convicção de que a língua é viva e evolui historicamente na comunicação verbal concreta.

Em Bakhtin, a língua é apresentada como atividade social e dialética, fundada nas necessidades de comunicação. Desse modo, a natureza da língua se apresenta essencialmente dialógica. A língua é um legado histórico e cultural da humanidade. A essa visão de Bakhtin da língua, na sua relação dialógica com o cotidiano e a necessidade do ser humano se expressar, podemos associar e usar para exemplificar a experiência de Lutero na tradução da Bíblia para a língua alemã. Para fazer a tradução, Lutero teve que, de algum modo, se aproximar da língua do povo, de sua cultura, numa relação dialógica, buscando elementos de padronização. Só assim seria possível traduzir a Bíblia para que fosse cognoscível também pelas camadas mais populares.

Bakhtin dedicou parte de sua vida aos estudos e às análises da linguagem. O Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido, consistia na reunião sistemática de um grupo de intelectuais entre 1919 a 1929, dentre os quais, logicamente, estava Bakhtin. Reuniam-se pela paixão comum à filosofia da linguagem e pelo debate de ideias.

Do Círculo de Bakhtin, surgiram importantes reflexões que repercutem até hoje. Dentre as maiores contribuições, está a de analisar a linguagem no seu

⁹² BAKHTIN, 1997, p. 270.

constante processo de interação mediado pelo diálogo, contrariando a ideia de um sistema meramente autônomo. Para eles, a língua era pensada na sua relação com a vida, resultante de uma necessidade humana de se expressar.⁹³

Ao falarmos de Bakhtin e sua visão de língua, não podemos deixar de abordar sua concepção de “gêneros do discurso”. De modo geral, conforme a teoria bakhtiniana, os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de “enunciados”. Nessa teoria, a língua, seja ela falada ou escrita, usa certos tipos de enunciados. O emprego da língua se dá em formas de enunciados (orais e escritos) concretos. A linguagem que usamos não é solta, mas está carregada de certas estruturas, enunciados, ou gêneros discursivos. Há uma relação inviolável da atividade humana e o uso da língua. Estabelecem-se formas típicas do uso da língua, dos enunciados (tipos relativamente estáveis de enunciados), ou seja, os gêneros dos discursos. O enunciado sempre pressupõe um locutor e um interlocutor. Tanto o locutor quanto o interlocutor têm um papel ativo na construção do enunciado.

Bakhtin defende a ideia de que os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais. Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos.⁹⁴

Como consequência desse pensamento, Bakhtin entende que língua materna, sua composição vocabular e sua estrutura gramatical não chegam ao nosso conhecimento a partir de dicionários e de gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e acabamos por reproduzir na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Dessa forma, “aprender a falar significa aprender a construir enunciados”.⁹⁵ O processo de aprendizagem da língua materna é espontâneo e está carregado de sentido, de experiências e de sentimentos. Isso nos parece importante ressaltar por estarmos tratando, neste trabalho, da língua alemã e do mito fundador no luteranismo, numa pesquisa aplicada a história de três escolas da Rede Sinodal. Diante do que apresentamos, podemos perguntar: de que modo a língua alemã nessas escolas está impregnada de princípios identitários do mito fundador luterano e, por conseguinte, de que forma perpetua na cultura os valores religiosos cristãos? Além disso, podemos pensar: que respaldo tem, nas diferentes

⁹³ BAKHTIN, 1997, p. 270.

⁹⁴ BAKHTIN, 1997, p. 285.

⁹⁵ BAKHTIN, 1997, p. 283.

escolas pesquisadas, a concepção de Bakhtin de que a aquisição da língua materna se dá na espontaneidade e é carregada de sentidos, de experiências e de sentimentos? Observar e analisar o ensino da língua alemã nas escolas sem considerar esses elementos seria como ignorar a história, a cultura e a identidade.

A linguagem nunca é meramente um conjunto de signos vazio de sentido. Ela carrega uma identidade e uma cultura. Podemos e devemos, na finalidade da análise, em algum momento, observar a estrutura da língua e da linguagem; porém (e é isso em especial que nos interessa aqui), jamais podemos abandonar o foco sobre o conjunto de signos e sua interação com uma cultura e, conseqüentemente, sua identidade. A identidade de uma pessoa ou de um grupo vem a nós justamente por meio da linguagem.

Dentre as categorias centrais de Bakhtin, estão as noções de língua e linguagem, de interação, de diálogo e de ideologia. A teoria bakhtiniana claramente rebate a concepção da língua sustentada no objetivismo ou no subjetivismo. Em oposição ao objetivismo, Bakhtin defende explicitamente que a palavra está sempre carregada de um conteúdo, de um sentido ideológico ou vivencial. A linguagem é de natureza social e ideológica.

No conceito de língua defendido por Bakhtin está inclusa também a fala. Segundo Bakhtin,

Qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.⁹⁶

De modo geral, podemos dizer, especialmente a partir de Bakhtin, que a língua existe em função dos locutores e interlocutores. Assim, ensinar, aprender e empregar a língua passa necessariamente pelo sujeito na história e da história, pois se vale dos conhecimentos históricos para elaborar suas falas, seus discursos e redigir seus textos.

A professora Mariana do Colégio Sinodal, na entrevista concedida, reforça justamente o valor da língua alemã na história e a apresenta como elemento cultural.

⁹⁶ BAKHTIN, 1997, p. 294.

Talvez a gente poderia dizer que historicamente a língua alemã tem um valor, ela é importante, primeiro porque nós estamos numa cidade de colonização alemã, e depois, muitos de nossos alunos são descendentes desses alemães, então carregam os sobrenomes... mas isto não é o centro da questão. A questão é que a língua alemã ela é uma língua importante, uma língua cultural, enquanto talvez pudéssemos dizer que o inglês é mais uma língua comercial, uma língua de negócios, todo mundo fala o inglês, o alemão é uma língua cultural. Então, esse resgate cultural. A cultura começa com a língua.⁹⁷

A tese de Bakhtin se relaciona justamente ao que a professora se refere: a língua como dialógica e como legado histórico e cultural da humanidade. A partir da língua, encontramos os fundamentos para aprofundar o que pretendemos no todo da tese: analisar a língua como expressão da cultura, da identidade e da religião de ascendentes de alemães que chegaram no Brasil.

3.3 Cultura como rede simbólica

Na obra “A Interpretação das Culturas”, Clifford Geertz chama a atenção para o modo difuso, diversificado e, por vezes, raso do qual se define a cultura, muito aquém de um debate e de uma interpretação antropológica no tocante da subjetividade ou até mesmo da objetividade cultural. Associado a isso, cabe-nos o questionamento sobre o papel social da cultura, isto é, o desafio de uma pesquisa acerca da identidade e da cultura de um determinado grupo está na superação do senso comum conceitual e da análise da função da cultura.

Para conceituar cultura, Geertz recorre ao filósofo Max Weber, que concebe o ser humano como um animal amarrado a teias de significado, tecidas pelo próprio ser humano. Nessa concepção, a cultura é representada pelas teias, sendo a sua análise a procura justamente do significado das teias construídas.⁹⁸

A partir desse conceito, podemos entender a cultura como um complexo resultado das experiências vividas e dos significados a elas atribuídas. Nesse sentido, acena Geertz, a cultura é sempre pública, ou seja, não existe na cabeça de alguém, mas se manifesta e é o próprio modo de sermos e nos relacionarmos com os outros, com a natureza e com as coisas. Embora não seja em si física, também não é uma identidade oculta, tampouco abstrata. Ela é pública porque seu significado o é.⁹⁹ Essa

⁹⁷ Entrevista da professora Mariana (Colégio Sinodal)

⁹⁸ GEERTZ, 2008, p. 4.

⁹⁹ GEERTZ, 2008, p. 9.

concepção se assemelha ao entendimento de cultura de Rubem Alves que já expomos. Para ele, a cultura é resultante das convenções estabelecidas pelo ser humano. Deste modo, a humanidade deve ser ensinada, aprendida e preservada.¹⁰⁰

Geertz revela uma grande preocupação com o modo investigativo e de análise dos relatórios etnográficos. Segundo ele,

a exigência de atenção de um relatório etnográfico não repousa tanto na capacidade do autor em captar os fatos primitivos em lugares distantes e levá-los para casa como uma máscara ou um entalho, mas no grau em que ele é capaz de esclarecer o que ocorre em tais lugares, para reduzir a perplexidade – que tipo de homens são esses.

Em se tratando de uma análise da cultura, o pesquisador pode se deparar com “verdades fictícias”, como “algo construído” ou “modelado”. Independentemente de essas verdades serem fictícias, construídas ou modeladas, a importância não está no fato de a história ter sido inventada, mas nas condições e nas razões de sua criação. Existe, em geral, uma supervalorização da coerência como teste de validade de uma descrição cultural, em detrimento a outros aspectos interpretativos como, por exemplo, o significado que determinada herói possui, independentemente se há coerência da história com o imaginário social. É justamente nesse ponto de análise que está a contribuição para nossa pesquisa, uma vez que analisamos e relacionamos a história da imigração alemã e o papel que a língua desempenha sobre a identidade, sobre a cultura e sobre a religião, as quais se mantêm depois de quase dois séculos da chegada dos primeiros imigrantes. Nesse sentido, vamos para além dos conceitos e das justificativas formais.

Em se tratando da essência da antropologia interpretativa, pode-se dizer que seu papel não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram, “[...] e assim incluí-las no registro de consulta sobre o que o homem falou”¹⁰¹.

Geertz, em seus estudos, ressalta a postura de um cientista perante as ciências naturais e sociais. Assim, diante das ciências naturais, “procure a simplicidade, mas desconfie dela”; e das ciências sociais, “procure a complexidade e ordene-a”. O estudo da cultura leva em conta essa máxima. Um exemplo disso é a

¹⁰⁰ ALVES, 1995, p. 65.

¹⁰¹ GEERTZ, 2008, p. 21.

ascensão de uma concepção científica da cultura, derrubando uma visão da natureza humana dominante no Iluminismo.

As tentativas de localizar o homem no conjunto dos seus costumes assumiram diversas direções, adotaram táticas diversas; mas todas elas, ou virtualmente todas, agiram em termos de uma única estratégia intelectual ampla: a que eu chamarei, de forma a ter uma arma de brandir contra ela, de concepção “estratigráfica” das relações entre os fatores biológico, psicológico, social e cultural na vida humana.¹⁰²

Segundo essa teoria, o ser humano é composto por estratos. A análise do ser humano consiste na retirada de camada por camada. A remoção das variegadas revelam as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Na remoção dessas, encontramos fatores psicológicos. Retiram-se os fatores psicológicos, surgem os fundamentos biológicos.¹⁰³

Geertz faz uma crítica a ideia de um *consensus gentium*, ou seja, um consenso de toda a humanidade de que há algumas coisas sobre as quais todos os homens concordam como corretas, reais, justas ou atrativas. Segundo o autor, a abordagem *consensus gentium* falha em três aspectos: (1) que os universais propostos sejam substanciais e não categorias vazias, um exemplo disso é a religião, pois, embora seja universal empírica, não é possível lhe atribuir um mesmo conteúdo, nem sequer um conteúdo específico (vida eterna, deus); (2) que sejam fundamentados em processos particulares biológicos, psicológicos, e não vagamente ligadas a realidades subjacentes; e (3) que possam ser convincentemente defendidos como elementos essenciais numa definição de humanidade ¹⁰⁴.

Assim, endossamos a visão de Geertz de que precisamos procurar relações sistemáticas entre fenômenos diversos e não identidades substantivas entre fenômenos similares. Aplicando essa visão sobre a pesquisa cultural da língua alemã, pretendemos maior abrangência e profundidade.

Os padrões de comportamento dos animais inferiores, pelo menos numa grande extensão, são dados com a sua estrutura física, ou seja, as fontes genéticas de informação ordenam suas ações com pouquíssimas variações. Rubem Alves chamaria isso de “memória biológica”. Do outro lado, o ser humano, o que lhe é dado de forma inata são capacidades de resposta extremamente gerais, embora tornem

¹⁰² GEERTZ, 2008, p. 28.

¹⁰³ GEERTZ, 2008, p. 28.

¹⁰⁴ GEERTZ, 2008, p. 29.

possível uma maior plasticidade, complexidade e a possibilidade de uma efetividade de comportamento. Quando não é dirigido por padrões culturais,

o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ordenamento da existência humana, mas uma condição essencial pra ela – a principal base de sua especificidade.¹⁰⁵

Isso nos faz compreender, como já sinalizamos em Rubem Alves, que o ser humano se rege por fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo, já que, naturalmente, é limitado e incompleto. Na antropologia, podemos perceber alguns avanços que demonstram o que o autor denomina “descendência do homem”, ou seja, o despertar do *homo sapiens* do seu estado de primata. Geertz destaca três avanços que evidenciam isso: (a) o despertar de uma perspectiva sequencial entre a evolução física e o desenvolvimento cultural; (b) a descoberta das mudanças biológicas que fizeram o ser humano moderno; (c) a consciência de que o ser humano é, fisicamente, um animal incompleto e inacabado. Com isso, desmistifica-se a compreensão tradicional de que o avanço biológico do ser humano fora concluído antes da cultural.

Assim, o que fica evidente é que a cultura não foi dada a um animal acabado ou virtualmente acabado, mas foi um componente essencial para o surgimento desse animal. O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e as práticas de reunião, o início da verdadeira organização familiar, a descoberta do fogo e a presença evolutiva cada vez maior de símbolos significantes (linguagem, arte, mitos e rituais) para a comunicação e a orientação são componentes da construção do ser humano novo. A linguagem, como componente da cultura, ocupa um papel central nesse processo transformador e evolutivo. Sem a linguagem, esse avanço não seria possível ou não se daria no mesmo nível. Isso posto, conclui o autor, não existe o que chamamos de natureza humana independente da cultura. Segundo Geertz,

Os homens sem cultura não seriam os selvagens inteligentes de *Lord of the Flies*, de *Golding*, atirados à sabedoria cruel dos seus instintos animais, nem seriam eles os bons selvagens do primitivismo iluminista, ou até mesmo, como a antropologia insinua, os macacos intrinsecamente talentosos que, por algum motivo, deixaram de se encontrar. Eles seriam monstruosidades

¹⁰⁵ GEERTZ, 2008, p. 33.

incontroláveis, com muito poucos instintos úteis, menos sentimentos reconhecíveis e nenhum intelecto: verdadeiros casos psiquiátricos.¹⁰⁶

Somos, portanto, animais incompletos e temos, na cultura, o elemento de completude da nossa existência. Mesmo que tenhamos por suposição que a nossa capacidade de falar nos seja inata, nossa capacidade de falar uma determinada língua é cultural. Assim, nossas ideias, nossos valores e nossos atos e até mesmo nossas emoções são culturais.

Por isso, quando nos propomos a observar uma determinada sociedade, precisamos ter clara essa concepção de cultura. O conceito de cultura é diretamente proporcional ao conceito de ser humano. Além disso, segundo Geertz, “tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas”.¹⁰⁷

Segundo Geertz, no campo do conceito de cultura sobre o conceito de ser humano,

temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face.¹⁰⁸

Em “A religião como sistema cultural”, Geertz analisa a religião, restringindo-a a dimensão cultural. Usa a terminologia da cultura como um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

A religião é compreendida pelo autor como aquela que oferece um modelo de comportamento para os homens. O ser humano de fé, por sua vez, é aquele que acredita na sua religião e no efeito de sua crença, mesmo que a realidade mostre um quadro que lhe seja contrário. A religião formula, por meio de símbolos, uma ordem genuína que dá conta e até celebra as ambiguidades, os enigmas e os paradoxos da

¹⁰⁶ GEERTZ, 2008, p. 35.

¹⁰⁷ GEERTZ, 2008, p. 37.

¹⁰⁸ GEERTZ, 2008, p. 38.

experiência humana. Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas.

3.4 Para Resumir

Portanto, de modo sucinto podemos dizer que somos seres de relação e essas relações também se dão por meio da linguagem. A linguagem não se restringe apenas a língua, mas também a outros signos (gestos, sinais, expressões). O que comunicamos, seja intencional ou não, depende muito da cultura. Aqui vale a diferenciação trazida por Alves e reforçada por Geertz, do animal e do ser humano, ou seja, enquanto aquele, de modo instintivo, pela natureza inscrita no seu corpo, age praticamente sempre do mesmo modo, o ser humano, não. Este, ser inacabado, cria artimanhas para sobreviver e suprir suas necessidades. O que guarda culturalmente o torna mais forte e capaz de superar suas limitações, sejam elas físicas ou cognitivas. É graças à linguagem, culturalmente estabelecida, que consegue passar de geração em geração suas experiências, seus aprendizados. É por meio dessa mesma linguagem que a vida em sociedade lhe é possível.

Quando nos propomos a pensar a manutenção da língua alemã no contexto brasileiro a partir na história da chegada dos imigrantes alemães e na atualidade precisamos considerar toda essa conceituação. Isso também justifica todo o esforço de pessoas em defesa da língua alemã não obstante todas as adversidades internas e externas. Justifica também as ações da Rede Sinodal, o espaço que abre para a manifestação de todos os elementos culturais.

4 ENSINO DA LINGUA ALEMÃ EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCACIONAIS, O MITO FUNDADOR E OS VALORES RELIGIOSOS CONFSSIONAIS

4.1 Como tudo começou...

Toda lembrança depende dos significados que o narrador concede às suas reminiscências: ele ou ela vai evidenciar o que mais lhe dá sentido. Além disso, para lembrar-nos de algo precisamos contar com o esquecimento. O importante é considerarmos o que foi lembrado, porque o que foi lembrado é o que hoje recebe algum sentido.¹⁰⁹

A história dos sujeitos, mesmo que se constitua de retalhos, começa a fazer sentido quando os aproximamos e costuramos a colcha. Imbuídos desse ideal, passamos a apresentar brevemente a história de cada uma das escolas participantes da pesquisa (Colégio Sinodal – São Leopoldo/RS, SETREM – Três de Maio/RS, Instituto Ivoti – Ivoti/RS,). Pretendemos sinalizar algumas das motivações da fundação, elementos da identidade e valores, o lugar da língua alemã, para encontrarmos pontos convergentes entre as escolas e na sua leitura da história do luteranismo.

4.1.1 Colégio Sinodal de São Leopoldo

Aqui se traz à tona o que poderia ter ficado à margem, talvez esquecido para sempre. E isto tudo se tornou possível por quê? Justamente porque somos sujeitos portadores de memória.¹¹⁰

O Professor Ivan Renner, atual diretor do colégio, na apresentação do livro “Raízes, ramos e frutos”, alusivo aos 75 anos de história do Colégio Sinodal, resume o presente do colégio como,

[...] resultado dos desafios enfrentados com fé e determinação pelos seus idealizadores. Os propósitos éticos e culturais se constituíram, ao mesmo tempo, em esteira de caminhada e alvo a ser alcançado, na busca da

¹⁰⁹ FISCHER, Beatriz T. Prefácio. In: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 18.

¹¹⁰ FISCHER, 2011. p. 19.

concretização de seus objetivos. Isso todos que por aqui passaram podem atestar com o seu testemunho de vida.¹¹¹

Segundo a professora Beatriz, no Colégio Sinodal, ao longo dos tempos, na contramão da sociedade contemporânea, “houve sempre a preocupação de salvar arquivos”, fazendo referência a cultura de descartar o que é velho.¹¹² Ela ressalta com isso seu apresso pela história preservada e lembrada. Destaca ainda, referindo-se, de modo geral, à história do Colégio Sinodal que

[...] algumas pontes são erguidas entre o tempo pretérito e o tempo futuro, narrando histórias do passado aos jovens de hoje e de amanhã, falando do cotidiano de uma comunidade escolar, de suas lutas e perseveranças, de suas agruras e conquistas.¹¹³

E são justamente esses “arquivos” salvos, seja em livros ou na memória das pessoas que passaram no colégio, é que é possível significar e resignificar as histórias pessoais e do colégio.

O Pastor Edson Streck recorda as palavras de Rudolfo Müller, um dos idealizadores do colégio, após a decisão do Sínodo Rio-Grandense¹¹⁴ de construir o Ginásio Sinodal como marca do seu cinquentenário de existência: “fundar um ginásio de alto nível, no qual nossos filhos poderão adquirir uma formação que os levará até as portas do estudo superior em nossas universidades”.¹¹⁵ Portanto, o propósito da construção do Colégio Sinodal era ser uma escola de referência, uma ponte entre as escolas comunitárias e o Ensino Superior. Mas tinha também o intuito de formar lideranças comunitárias. Assim, do interior viriam jovens em busca de formação para retornar e atuar nas suas comunidades. Esse era um dos motivos da construção da escola e da sua opção pelo sistema de internato.

Ainda, segundo Edson, a construção do Colégio Sinodal é uma atividade pensada em conjunto.

O Colégio sinodal carrega a herança de ser uma instituição que se encontra num “caminho conjunto” com pessoas que o idealizaram e comunidades

¹¹¹ RENNER, Ivan. Desafios e compromissos. In: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinde Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 12.

¹¹² FISCHER, 2011, p. 15.

¹¹³ FISCHER, 2011, p. 16.

¹¹⁴ O Sínodo Rio-Grandense, fundado em 1886, é uma instituição eclesiástica criada na finalidade de congregar forças de comunidades evangélicas que viviam isoladas.

¹¹⁵ STRECK, Edson. Colégio Sinodal: o “caminho do conjunto”. In: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinde Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 27.

evangélicas que se uniram na sua edificação. É um “caminho conjunto” dessas comunidades que afirmam que a educação, de forma estreita com a confissão de fé, é absolutamente prioritária.¹¹⁶

O colégio cria materialidade a partir da comemoração do cinquentenário do Sínodo Rio-Grandense (fundada em 1886), entidade de imigrantes e de descendentes de imigrantes alemães ligados à igreja luterana. As escolas comunitárias eram mantidas pelas paróquias. O Sínodo, composto pelas diversas paróquias, decidiu criar uma escola que oferecesse uma possibilidade de continuidade aos estudos. Foi no 42º Concílio do Sínodo Rio-Grandense (1935) que se afirmou o propósito de “levar adiante a ideia de criar-se um ginásio como elo de ligação entre as escolas primárias da rede do Sínodo e o curso superior. Queriam ofertar a jovens do interior a possibilidade de aperfeiçoar a sua formação em nível de segundo grau para se tornarem líderes em suas comunidades.”¹¹⁷

A partir dessa decisão, começou a caminhada para a reunião de fundos. As paróquias se envolveram nesse processo. Assim, em 19 de maio de 1936, foi lançada a pedra fundamental do Ginásio Sinodal. Em 15 de março de 1937, foi realizada a abertura oficial do ano letivo, com 21 alunos matriculados. Eles teriam que frequentar aulas de matemática, ciências naturais, geografia, história e mais línguas, dentre elas o latim e o alemão. Segundo a professora Mariana, “o objetivo inicial de possibilitar que pessoas talvez que não pudessem frequentar uma boa escola na sua comunidade e se desenvolver”.¹¹⁸

Kunert descreve o período de fundação como “tempos de nuvens escuras no horizonte”, em alusão ao radicalismo político europeu e das mudanças na Constituição Federal no Brasil, que previa a elaboração de uma Lei Escolar com restrições ao uso da língua e a proximidade do Golpe de Vargas. É nesse contexto que surge o Ginásio Sinodal: ele deve ser “oficial, confessional, em regime de internato, visando à formação integral dos alunos, preparando-os para exercer liderança em seus locais de atuação.”¹¹⁹

[...] foi sonhado por muitos, que, espalhados pelo Rio Grande do Sul e até fora dele, uniram esforços apesar desse contexto desfavorável. É fruto de

¹¹⁶ STRECK, 2011, p. 28.

¹¹⁷ KUNERT, Udo Ingo. Contando a história. In: RENNERT, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 146-147.

¹¹⁸ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

¹¹⁹ KUNERT, 2011, p. 149.

ideia coletiva. Nasce de sonho comunitário. Já forma família antes de existir [...], símbolo do Jubilei de Ouro da fundação do Sínodo Rio-Grandense.¹²⁰

Alguns fatos foram marcantes nesses mais de 80 anos de escola. Dentro desses, não poderíamos deixar de mencionar as dificuldades enfrentadas em função do período de nacionalização e da Segunda Guerra Mundial. Em março de 1943, foi cassada a “licença” de funcionamento do então Ginásio Sinodal. Só depois de muita luta e de insistência da comunidade, houve a liberação para o funcionamento em outubro daquele ano, salvando o ano letivo de 121 alunos. Antes disso, em 1942, quando o Brasil entrou na guerra, proibiu-se o uso da língua alemã nos cultos religiosos. Havia também certa desconfiança por parte das autoridades federais e estaduais em relação ao Sínodo Rio-Grandense e, conseqüentemente, em relação ao Ginásio Sinodal. Assim, todo cuidado era pouco para evitar sanções.

Foi um tempo de muita atividade cultural, pois se precisava manter os alunos ocupados. Mas, além disso, foram tempos de nacionalização, em que se impunha a realização de horas cívicas, inúmeras, anualmente, durante os anos de Estado Novo. Eram organizadas palestras, peças teatrais ufanistas, participação em atos públicos por ocasião da Semana da Pátria e outros feriados nacionais.¹²¹

A partir do ano de 1945, vários acontecimentos se sucederam, dentre eles a construção do internato, fato que colaborou a elevar, em 1948, o Ginásio Sinodal a Colégio. Nos anos seguintes, as turmas aumentaram e foram ampliadas as instalações.

A língua alemã sempre esteve presente no colégio. Além do mais, muitos alunos se comunicavam com mais facilidade na língua alemã do que na língua portuguesa. A prova disso é que as primeiras versões de um jornalzinho criado pelos alunos foi produzido em língua alemã. O jornal era inicialmente denominado de Schüler-Zeitung (jornal dos alunos). No ano seguinte, especialmente pelo período conturbado que o país passava, o periódico estudantil passou a ser chamado de “Ateneu”. E pouco tempo depois, em função da nacionalização, “O Ateneu” foi fechado. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) criado por Getúlio Vargas exigia o registro de todos os jornais, inclusive os estudantis.

¹²⁰ KUNERT, 2011, p. 145.

¹²¹ KUNERT, 2011, p. 157.

No livro *Raízes, ramos e frutos*, existem diversos relatos de ex-alunos. Existem várias referências a brincadeiras. Citamos aqui a brincadeira dos Tilltopen, uma lenda adaptada da Alemanha.

É impossível não nos lembrarmos dos lendários “Tilltopen”¹²², um pequeno animal fictício que os alunos internos recém-chegados no colégio tinham de caçar à noite, no matinho do IPT (Instituto Pré-Teológico). Saíam com um saco de alinhagem em busca do animal que não existia, regressando ao amanhecer, exaustos e estupefatos com as gargalhadas dos veteranos. Essa grande brincadeira teve origem na Alemanha e foi trazida por professores e alunos”.¹²³

Outra menção feita à língua alemã diz respeito ao ensino e à aprendizagem da língua. Segundo Uebel, “por saber o idioma alemão, que aprendi no colégio e com meus pais, fui convidado, naquela oportunidade, pelo médico-cirurgião Peter Pohl a operar em Berlim, na Alemanha.”¹²⁴

Em 1976, começou uma discussão em torno da manutenção ou do fechamento do internato. Havia necessidades de ampliação e de melhorias. Era uma estrutura cara e muitas famílias já não tinham condições de manter seus filhos. Essa decisão se alastrou por mais de uma década. A decisão era difícil, pois essa era justamente uma das características que motivaram a fundação do Ginásio Sinodal. Na tentativa de encontrar uma solução para o impasse, mudou-se para a modalidade de semi-internato. Em 1988, após uma votação, ficou decidido pelo fechamento do internato a partir de 1989.

A professora Mariana, na entrevista concedida, ressalta que o Colégio Sinodal é uma instituição de ensino e, como tal, o objetivo primeiro é a aprendizagem, porém, ela ressalta as características de escola cristã e luterana e, sendo assim, valores relacionados ao ser ético, crítico, respeitoso, solidário e cidadão. Ela destaca o projeto “Ser Sinodal”, que compreende uma série de valores e de atitudes a serem vivenciados no colégio. Conforme Mariana,

[...] o cognitivo sim, mas o social e a interação são fundamentais, com respeito, com ética, com empatia. Esta é uma marca sim, que a escola valoriza: oferecer o melhor para o aluno para também desenvolver nele o

¹²² Tilltopen é um personagem de histórias em quadrinhos na Alemanha

¹²³ UEBEL, Carlos Oscar. Boas lembranças e o lendário Tilltopen. In: RENNERT, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 105.

¹²⁴ UEBEL, 2011, p. 106.

*melhor que ele pode dar. Possibilitar que ele consiga se desenvolver de forma integral e conseguir sempre o melhor.*¹²⁵

4.1.2 SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio

“os anos iniciais foram muito difíceis e exigiram sacrifícios quase além dos limites da capacidade humana [...] mas ninguém ficou mais pobre, nem pereceu na jornada” (Sr. Erwino Mensch – Líder da SETREM)

No site oficial da SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio da SETREM, há uma epígrafe introdutória ao texto que apresenta a escola. A partir dessa citação de Artur da Távola, é possível uma clara compreensão dos compromissos que a instituição possui em relação a história e com a educação.

Eu educo hoje com os valores que recebi ontem para pessoas que são o amanhã. Os valores de ontem, eu os conheço. Os de hoje, percebo alguns. Dos de amanhã, não sei. Se uso os de ontem, não educo: condiciono. Se uso os de hoje, não educo: complico. Se só uso os de amanhã, não educo: faço experiências às custas das crianças. Se uso os três, soffro. Mas educo. Por isso, educar é perder sempre, mas perder-se. Educa quem for capaz de fundir ontens, hojes e amanhãs, transformando em um presente no qual o amor e o livre arbítrio sejam as bases. Educa quem for capaz de dotar os seres dos elementos da interpretação dos vários presentes que lhe surgirão repletos dos passados e seus futuros.¹²⁶

A Sociedade Educacional Três de Maio - SETREM tem sua origem nas primeiras comunidades evangélicas luteranas. Segundo a professora Antônia, a SETREM “*nasceu no berço do luteranismo, na perspectiva de que para cada igreja tivesse uma escola ao seu lado*”. E durante a história, esses princípios foram se consolidando, “*a comunidade abraçou a SETREM*”.¹²⁷

Entre 1910 e 1920, Buricá (atual Três de Maio) recebeu seus primeiros desbravadores. Em 1918, na casa da família Friedrich, o pastor Koch, celebrou o primeiro culto. Ainda naquele mesmo ano, após um culto, celebrado pelo pastor Halle, foi criada a Comunidade Evangélica São Paulo. A partir dessa comunidade, foi construída, em 1922, a Escola da Comunidade - “Gemeindeschule”. O pastor Kreutler foi o primeiro pastor residente e também seu primeiro professor. As aulas ocorriam na

¹²⁵ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

¹²⁶ A SETREM – Histórico. SETREM. [s.d.] Disponível em: <https://institucional.setrem.com.br/46/historico>.

¹²⁷ Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

Casa da Comunidade (Gemeidehaus). No ano seguinte, a escola se filiou ao Serra-Verband (Associação Serrana das Escolas), que fornecia os livros didáticos.¹²⁸

No ano de 1931, a tutela da escola passou à Sociedade Escolar Santa Rosa. Divergências de diversas ordens motivaram seu rompimento nos anos seguintes, com isso, 1932, a comunidade retomou a escola que agora é denominada de Colégio Centenário. A escola voltou a crescer.

A Segunda Guerra Mundial deixou suas marcas na história da escola. Fechada por alguns meses em 1944, a escola reabriu suas portas em 1945 e passou a se chamar de Escola Sinodal São Paulo.

A possibilidade de conseguir recursos públicos estaduais e federais para a educação foi uma das motivações para a fundação, em 1950, da “Sociedade Escolar Três de Maio”, nome que posteriormente foi adequado para Sociedade Educacional Três de Maio.

Os propósitos educacionais comuns mantidos entre SETREM e Comunidade Evangélica são:

- fundar e manter escolas sem fins lucrativos para proporcionar educação à juventude desde o pré-primário até o superior.
- oferecer à juventude condições de estudo que não venham a desvinculá-la do seu meio de origem.
- formar professores rurais a serviço de escolas e de comunidades, ou onde puderem ser úteis.

Ao longo da história, a SETREM recebeu um apoio especial do Departamento de Educação da IECLB e também recebeu apoio de instituições estrangeiras, como foi o caso da “Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe” e “Brot für die Welt”, ambas alemãs.

Como descrevemos, a escola nasceu numa comunidade evangélica, características estas preservadas até hoje. Egon Musskopf, no livro “Sinal verde para

¹²⁸ HASENACK, Martin H. **História dos 40 anos do SETREM**. Samavi, Três de Maio/RS, 1990. p. 5-6.

crescer”, destaca a vinculação das aulas de Ensino Religioso aos valores defendidos pela IECLB, porém, sem princípios doutrinadores.

Filiada a esse departamento da IECLB, sua atuação está alicerçada no evangelho de Jesus Cristo. Assim, as aulas de Ensino Religioso sempre estiveram presentes, desde o maternal até a conclusão do EM. Embora ministrada por professores vinculados à IECLB, estas aulas nunca foram doutrinárias. A orientação sempre foi dirigida para a coexistência pacífica, para uma vida alegre e sadia, para o respeito às práticas e princípios éticos, morais e cristãos, respeitando a diversidade cultural religiosa de seus alunos e comunidade escolas.¹²⁹

Esse destaque nos parece importante para entender como a escola mantém seus princípios fundacionais e que leitura faz da história. Nesse sentido, chama atenção um trabalho exposto no jardim da escola onde são apresentadas as 95 teses de Lutero. Trata-se de uma exposição artística permanente que dando aparentes sinais de um cuidado que a escola despende com a história, criando elos entre o passado e o presente. Além disso, existem pelo pátio várias placas com frases de cunho reflexivo, alertando sobre o cuidado com a natureza e com as relações interpessoais. Diante de tais elementos simbólicos fica o questionamento sobre a sua real finalidade: estariam ali para assegurar uma determinada filosofia introjetada na escola ou seriam expressões de um desejo de se aproximar a filosofia luterana? Pelas entrevistas podemos sinalizar de que há, na equipe diretiva, um orgulho pela origem é um desejo de se afirmar uma escola de confissão luterana.

Figura 2



¹²⁹ MUSSKOPF, Egon Hilario. **Sinal verde para crescer**. Novo Hamburgo: ECHO Editora, 2004. p 182-183.

Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória em 03/09/2019

Figura 3



Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória em 03/09/2019

Figura 4



Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória em 03/09/2019

Figura 5



Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória em 03/09/2019

Figura 6



Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória em 03/09/2019

Na leitura de Antônia, atualmente, a SETREM tornou-se o que é *“graças a esse empenho, essa doação da comunidade, desde a questão dos edifícios, de todos os terrenos, enfim, tudo isso foi doação da comunidade.”*¹³⁰

A escola, comenta Antônia, tem valores pautados na confissão luterana: *“Nós somos uma escola assumidamente de confissão luterana, evangélica [...] como escola de confissão luterana, ela tem os princípios muito consolidados.”*¹³¹ Dentro desses princípios, está o compromisso com o conhecimento. *“Nós temos princípios de qualidade, de integridade em que nós visamos o conhecimento, o nosso pilar é o conhecimento”*¹³², destaca Antônia.

A coordenadora Antônia ainda faz referência ao tipo de vinculação que mantém com a Rede Sinodal, vinculação que não é econômica, mas de parceria pela identificação e pelas raízes fundacionais.

Atualmente, a SETREM atende mais de 2,5 mil estudantes, distribuídos entre o Centro de Ensino Médio, que oferece Educação Infantil, Fundamental e Médio, Cursos Técnicos e Centro de Idiomas, e a Faculdade Três de Maio, com curso de Graduação, Especialização e Extensão.

Junto ao Centro de Ensino Médio, localiza-se o PASCH, um programa com financiamento do governo alemão e que oferece aulas em língua alemã. Possui uma excelente estrutura, com material didático e recursos áudio visuais, programas de intercâmbio estudantis para a Alemanha e realização de provas de proficiência. Esse programa gera maior visibilidade para a língua alemã dentro da escola e desperta o interesse de muitos alunos.

4.1.3 Instituto Ivoti

O Instituto Ivoti, como hoje é denominado, possui uma longa trajetória. Inicia suas atividades em abril de 1909, no município de Taquari, como um Seminário Alemão de formação de Professores Evangélicos (Deutsches Evangelisches Lehrerseminar). Nasceu com o intuito de formar professores e lideranças. Na

¹³⁰ Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

¹³¹ Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

¹³² Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

entrevista ao professor Marcos essa ideia se evidencia. Segundo o professor, “o objetivo era justamente este, (referindo-se ao trabalho de formar lideranças) dentro daquele espírito que o evangélico precisa ter acesso a leitura bíblica, portanto ele precisa aprender a ler e as comunidades faziam isso de uma forma muito intensa.¹³³

Em 1910 transferiu-se para Santa Cruz do Sul e em 1926, para São Leopoldo. Já no ano de 1966 transferiu-se para Ivoti/RS onde permanece até hoje.

Outra data importante que merece destaque é 1939, quando houve a interrupção temporariamente das atividades em função das exigências da nacionalização do ensino brasileiro. Esse foi um período bem difícil quando várias escolas fecharam definitivamente.

No ano de 1976, em parceria com a Unisinos (universidade do Vale do Rio dos sinos), ocorreu a fundação do IFPLA – Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã. Atualmente vinculado com o Instituto Ivoti, o IFPLA escreveu sua história sendo responsável pela formação da maioria dos professores de língua alemã no Brasil. Segundo o professor Marcos,

a criação do IFPLA, Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã, aconteceu aqui porque a escola então tinha uma fama... todo mundo sabia que aqui as pessoas tinham um bom conhecimento de língua alemã e na falta de professores habilitados ou professores que dominassem a língua num nível desejado.¹³⁴

No ano de 1998, houve a criação do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Em 2017, deu-se início ao projeto de Educação Infantil bilíngue (na língua alemã). O Instituto Ivoti é uma das únicas escolas do Rio Grande do Sul que possuem a formação com currículo bilíngue na língua alemã.

A professora Rebeca apresenta algumas características do Instituto Ivoti, depois que se estabeleceu no município de Ivoti/RS. Segundo ela,

[...] mantendo a identidade de comunitária, dela que são aquelas escolas de migração que foram fundadas mais no início da imigração ainda. A partir da década de 60 ela se constitui como uma escola com moradia escolar, era um dos traços fortes e de preparação de professores no nível de magistério mas também tinha o antigo tradutor/intérprete, e também formando professores de alemão depois da fundação do IFPLA.¹³⁵

¹³³ Entrevista com o Professor Marcos (Instituto Ivoti)

¹³⁴ Entrevista com o professor Marcos (Instituto Ivoti)

¹³⁵ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

A professora Rebeca enfatiza a presença da língua alemã desde a sua fundação. Destaca a busca da escola pela formação de um ser humano na sua integralidade e dentro dos princípios luteranos. Perguntada sobre os diferenciais e peculiaridades da escola, Rebeca enfatiza a *“questão dos valores, o respeito para com o próximo, a empatia, o colocar-se no lugar do outro e [...] o investimento forte em línguas.*¹³⁶

Atualmente,

Com 110 anos de fundação, a instituição é fruto dos esforços de imigrantes alemães que iniciaram a construção de escolas no início do século passado e sua origem marca a inconformidade com a realidade educacional no país e a responsabilidade de oferecer uma educação qualificada.¹³⁷

O Instituto Ivoti está associado a Rede Sinodal de Educação. A professora Raquel, na sua entrevista, destaca a importância dessa vinculação: *a gente se identifica como escola da Rede, trabalha em rede para tentar manter essa característica que eu particularmente julgo bem interessante e importante porque a Rede Sinodal tem essa questão dos valores mesmo.*¹³⁸

4.1.4 Para resumir

As três escolas pesquisadas, nasceram de um apelo da comunidade, surgiram como escolas luteranas e dentro das necessidades específicas das comunidades de origem. Afirmam-se como mantenedoras das tradições do passado, de experiências vividas na Alemanha e, ao longe, com os ideais de Lutero. Ao longo da história e ainda hoje, dão sinais da busca por uma fidelidade a sua natureza de origem. Se as compreendermos dessa forma, poderíamos dizer que são pontes históricas que ligam a escola do século 21 à do século 19, (à vinda dos imigrantes), e ao século 16, (a Lutero). Esses elementos de identidade histórica são a razão primeira da escola ter sido construída. A pergunta que podemos fazer e, supomos que cada escola também a faça, é se as ela continua sendo a expressão dessa identidade histórica. Fato é que este elo de ligação histórica e a identidade cultural nem sempre são tão explícitos nos textos referenciais ou, quando aparecem, não ficam em

¹³⁶ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹³⁷ SOBRE o Instituto Ivoti. **Instituto Ivoti**. [s.d.] Disponível em: www.institutoivoti.com.br/institucional/sobre Acesso em: 20 nov. 2019.

¹³⁸ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

evidência. Isso não quer dizer que tenham se perdido. Dentre as escolas pesquisadas, encontramos diversos elementos que são característicos dessa identidade. Podemos citar alguns: todas possibilitam e propiciam ampla participação da comunidade em eventos da escola. A língua alemã é preservada, pois faz parte da origem. O próprio Lutero se mantém vivo através das ações educativas. Há uma identidade luterana marcante em cada uma das escolas; há um jeito de ser escola que as palavras não abarcam o sentido. Podemos ainda lançar questões a caráter de curiosidade: Quem são, afinal, as pessoas envolvidas nos processos educativos de cada escola? Como esse jeito de ser escola perpassa e afeta as suas vidas?

4.2 O fomento à língua alemã na Rede Sinodal de Educação

A Rede Sinodal, no curso de sua existência, adotou uma série de posturas e medidas justificadas pela necessidade de formação dos seus educandos dentro de princípios cristãos, tendo como referência sua história forjada desde o século 16, com Lutero. A vinda dos imigrantes ao Brasil deu contornos específicos ao luteranismo. É a partir das compreensões elaboradas, balizando tradição e necessidades, que sua presença influenciou e formou a atual sociedade brasileira. Muitos municípios preservam, como seu patrimônio cultural, elementos históricos e datas festivas específicas da imigração alemã, italiana, japonesa etc. As releituras da história feitas atualmente podem, eventualmente, ser extremadas: por um lado, imprimir um teor demasiado de drama sobre os eventos; por outro, podem ignorar a história ou inviabilizá-la. Todavia, a história que se construiu não pode ser idealizada, tampouco questionada - é essa e sem reticências.

No que se refere à língua alemã, existiram e existem inúmeras medidas adotadas dentro das escolas que a privilegiaram, mesmo que essas nem sempre tenham ficado em evidência. Há, também, algumas iniciativas em nível municipal de incentivo ao ensino e à aprendizagem da língua alemã.

Ao fazer o estudo dos principais documentos da Rede Sinodal, esperávamos encontrar várias referências à língua alemã, dada a sua aparente importância histórica. Todavia, existem pouquíssimas alusões e, quando acontecem, são pela citação de alguns vocábulos em alemão, geralmente pela dificuldade em encontrar uma tradução ou um termo substituto que exprima o mesmo sentido. Outras vezes,

reforçam alguma ideia ou princípio específico. Para exemplificar, citamos alguns que encontramos com alguma frequência no contexto que pesquisamos: “Gemeinschaft”, “Glaube”, “Seminar” e do próprio fundador do luteranismo “Martin Luther”. Nas entrevistas, o uso de termos emprestados da língua alemã é muito mais evidente ainda; vejamos alguns exemplos: a professora do Instituto Ivoti, ao falar da fundação, afirma que “*a escola foi fundada como um Lehrerseminar*”. A professora do Colégio Sinodal, por sua vez, usa o termo “*Sie debattieren*” para se referir aos debates dos alunos em sala de aula. Ainda, da entrevista do Colégio Sinodal, para falar do lugar da língua alemã cita uma frase: “*Englisch ist ein Muss und Deutsch ist ein Plus*” [Inglês é uma obrigação e alemão é uma vantagem, em tradução livre].

Se observarmos mais de perto os enxertos da língua alemã em língua portuguesa, podemos supor, nas entrelinhas, um apreço pela língua, pela história e pela tradição. Os autores das referências o fazem, porque possuem conhecimento da língua e julgam importante fazê-lo. Talvez isso agregue valor ao texto. Temos aqui, claramente, representados elementos da história e da tradição. A língua alemã carrega consigo uma história e um sentido, ainda mais quando falamos do luteranismo. Faz-se isso por respeito e num tom de reverência. É como se a língua portuguesa não abarcasse o teor da história. É como se o escritor dissesse: “mas isso só é possível dizer em alemão. Não tem tradução”. Há um empréstimo de vocábulos à língua portuguesa para dizer algo significativo, simbólico e que existiu na história do luteranismo.

Quando analisamos a história do Brasil, logo percebemos que alguns fatos contribuíram e ajudam a entender essa ausência mais maciça da língua alemã nos documentos oficiais. O período da nacionalização e da 2ª Guerra Mundial contribuíram significativamente para que a língua alemã fosse reduzida, falando metaforicamente, a uma nota de rodapé, ou seja, quase já não consta no corpo do texto, porém, nunca foi esquecida ou perdeu seu valor. Sabe-se hoje, por relatos de professores e ex-alunos, que a língua alemã continuou sendo ensinada nos bastidores, já que publicamente, por um longo período, não foi possível. Não obstante as imposições externas, algumas pessoas fizeram do ensino da língua alemã seu projeto de vida e deixaram um legado às gerações contribuindo na manutenção do idioma.

Se, por um lado, temos os impeditivos legais ao ensino e aprendizagem da língua alemã nas escolas, temos, por outro, a necessidade das escolas de ofertarem

também o que se evidencia na sociedade. Esse é o caso da língua inglesa: por vezes, as escolas atenderam aos apelos mercadológicos em que a língua inglesa prepondera em relação às outras línguas. Desta forma, a língua inglesa ganhou espaço nas escolas, seja pelas exigências do mercado, seja pelas exigências legais das Diretrizes Nacionais da Educação. Não estamos empregando qualquer desmerecimento ao estudo a língua inglesa, apenas estamos tentando justificar o seu espaço nas escolas da Rede Sinodal. A professora Rebeca, do Instituto Ivoti, sugere que se use hoje o termo “línguas”, tamanho é o cuidado que a Rede Sinodal tem com o ensino de diferentes idiomas. A língua alemã é compreendida como o “*algo a mais*”.

*É um diferencial, essa talvez seja a palavra. Acho que tem uma frase que é a clássica: *Englisch ist ein Muss und Deutsch ist ein Plus. Nós nunca trabalhamos que uma língua é melhor que a outra. Todas são importantes, mas além do inglês, o que mais você tem?*¹³⁹*

Nas três instituições em que desenvolvemos a pesquisa, a língua alemã tem um espaço privilegiado. Em duas delas, ela recebe o estímulo com financiamento de projetos do governo alemão.¹⁴⁰ A terceira instituição atualmente não possui nenhum projeto com financiamento externo, mas incentiva muito o desenvolvimento de diferentes línguas. A língua inglesa é entendida como absolutamente necessária, enquanto a língua alemã recebe amplo espaço no currículo formal.¹⁴¹ Para a língua alemã, são reservados espaços diversos dentro da escola através de cantos, teatros e exposições. Há um evento específico que não é exclusividade da escola A, B ou C, mas perpassa as instituições. Trata-se da Semana da Língua Alemã.

A Semana da Língua Alemã é organizada na instituição de diferentes formas onde todas as turmas desempenham diferentes trabalhos, fazem exposições, propomos aos alunos também atividades diferentes, justamente para valorizar aquilo que eles já sabem, ou então, mostrar a eles uma Alemanha moderna, porque muitas vezes se tem aquela ideia clássica do alemão usando seu traje típico, tomando chopp, dançando a música clássica, a música típica folclórica.¹⁴²

¹³⁹ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

¹⁴⁰ Junto ao Instituto Ivoti existe o IFPLA (Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã). Criado em 1977, sob o intuito de formar professores de Língua Alemã para atender as escolas. Desde 2012 possui um vínculo com o Instituto Ivoti. Recebe subversão financeira do Departamento Central para escolas no exterior de Colônia (Zentralstelle für das Auslandsschulwesen). No Setrem, existe o Projeto PASCH (Sigla de “Escolas: parceiras do futuro). Tem por objetivo oferecer aulas qualificadas de alemão. Para isso disponibiliza um moderno e diversificado material didático, formação pedagógica, intercâmbio de alunos e bolsas de estudo.

¹⁴¹ No Colégio Sinodal “o alemão sempre teve um lugar central na escola, eu diria. Nós sempre tivemos alemão, desde a educação infantil. É a primeira língua estrangeira que os alunos aprendem.”

¹⁴² Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

Diante do que expomos até aqui, ainda permanecem algumas questões não respondidas: porque tanto interesse das escolas pela língua alemã? A justificativa do “algo a mais” na escola se sustenta? Mesmo a justificativa de que a língua nos liga as nossas origens? Que origens? Qual é efetivamente o significado para escola oferecer um espaço privilegiado à língua alemã? Há um entendimento cultural no Brasil que evidencia a cultura e a língua inglesa. Justifica-se isso pelos inúmeros vocábulos do inglês usados na língua portuguesa e pela corrida aos cursinhos de língua inglesa. Logo, a língua alemã, quando tem espaço, aparece como uma língua a mais. Talvez seja aqui que algumas escolas da Rede Sinodal insistam em afirmar o espaço primordial da língua alemã como elemento cultural. Reivindicam um espaço que já não parece natural no início do século 21.

Atualmente, apresenta-se uma língua alemã moderna. Ensina-se o que se denomina de língua alemã *standard*. Trata-se de uma padronização da língua. Talvez uma das primeiras tentativas dessa padronização tenha sido feita por Lutero, por ocasião da tradução do novo testamento para a língua alemã, comenta a professora Raquel. A tradução deveria estar acessível a todo povo conhecedor da língua alemã. Para que isso fosse possível, seria necessária uma língua com elementos padronizados.

[...] na Alemanha você vai ter, se não me engano, mais de 16 dialetos e eles convivem tranquilamente, convivem. Alguns dizem, ah, tu vem lá do sul, tu vem do norte,... nas suas regiões cada qual tem o seu dialeto e eles tem uma Língua Standart, o primeiro e precursor disso foi Martinho Lutero quando ele traduz a Bíblia, ele traduz dentro da variante dele e acaba criando, propagando uma padronização da língua. Então hoje a gente tem uma padronização, o que em Português a gente chama de padronização e eles chamam de Língua Standart. O que é ensinado em aula é essa Língua Standard, até para potencializar o acesso ao mercado de trabalho.¹⁴³

A referência a língua *standard* não quer imprimir nenhum juízo sobre os dialetos. Estes merecem seu respeito e espaço; porém, para uma comunicação efetiva, opta-se por uma língua com elementos padronizados. Pela língua *standard*, acessa-se o dialeto e não o contrário. Mesmo quando se ensina a língua alemã *standard*, há uma valorização do dialeto e da história.

Podemos dizer que as escolas luteranas, além do seu papel educativo formal, são verdadeiros centros culturais. Na fala da entrevista feita com a professora Antônia

¹⁴³ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

do SETREM, esses elementos ficaram evidentes. Segundo ela, “somos (a escola) parceiros em vários eventos e sempre somos convidados a participar. Tem alguns eventos que nós organizamos e tem alguns organizados pelo calendário do município [...]Tudo que tiver de opções, a gente é parceiro.”¹⁴⁴ Percebe-se isso facilmente pela abertura que se dá à participação da comunidade. Certamente, essa é uma herança das escolas comunitárias. As comunidades continuam se sentindo pertencentes às escolas, mesmo depois que algumas escolas se elitizaram e modernizaram. Há vazão para o desenvolvimento cultural dentro do ambiente escolar, sem que a escola necessite estar à frente de todos os projetos culturais. Os elementos culturais, e aqui especificamente os ligados a cultura germânica, uma vez que as escolas estão localizadas em comunidades de formação germânica, continuam sendo fomentados. Quando a escola cria espaços específicos, ou abre suas portas para a comunidade, esses projetos tendem a (re)aparecer com maior força, parece que os elementos estavam ali, no entanto, adormecidos.

Nas escolas participantes da pesquisa, foram observados vários elementos ligados diretamente à língua alemã (cartazes, mapas, esculturas, símbolos, bandeiras). Alguns mostram a Alemanha moderna, outros recordam o holocausto e outros ainda os primeiros imigrantes. Todo esse movimento é um demonstrativo de que há muito mais do que um respeito para com a história ou o desejo de se aprender a língua alemã pelo seu papel profissional promissor. É bem verdade que, nem sempre, há tempo para parar e refletir sobre a natureza de cada ação; nem sempre, os envolvidos se dão conta dos fatores simbólicos envolvidos nos atos de produzir, expor ou interpretar determinado trabalho. Um cântico em língua alemã na “Noite das Lanternas”¹⁴⁵ não é uma simplesmente mais uma canção, é um ato simbólico de respeito à história, uma afirmação da importância da cultura alemã e um estímulo às novas gerações. Da mesma forma que um cartaz, não é só um cartaz. Veja as imagens abaixo:

¹⁴⁴ Entrevista com a professora Antônia (Setrem)

¹⁴⁵ Celebração Natalina que culmina com o fechamento do ano letivo do Colégio Sinodal de São Leopoldo.

Figura 7



Fonte: Do autor. Registros feitos por ocasião da visita exploratória

Figura 8

*meia e diz: onde estão as pessoas que vocês podem nos dar falando o alemão.*¹⁴⁷

Nas diversas falas dos professores e coordenadores durante as entrevistas, é difundida a ideia de um “empoderamento” a partir da língua alemã. Vamos exemplificar: *“você pode ir além e a língua é o caminho”*.¹⁴⁸ *“E ela (a língua) te potencializa, abre portas para outras coisas, para outros caminhos.”*¹⁴⁹ *“Com os certificados (provas de proficiência) a gente consegue ir adiante”*.¹⁵⁰ *“É uma chance para essas pessoas, para esses alunos, de ter um outro caminho de vida muitas vezes.”*¹⁵¹ *“O mercado olha para essa instituição volta e meia e diz: onde estão as pessoas que vocês podem nos dar falando o alemão.”*¹⁵²

Todas essas falas dizem respeito à cultura, à tradição e à língua alemã. Elas expressam os valores nos quais a instituição aposta e estabelecem pontes do passado, com o presente, para o futuro. Contudo, as justificativas para tamanha reverência e incentivo à língua alemã ainda não estão totalmente esclarecidas.

4.3 A língua alemã e os valores religiosos confessionais

Embora a língua alemã seja pouco citada nos documentos gerais da Rede Sinodal de Educação, ela pode ser compreendida em diferentes princípios. Não há qualquer normativa estabelecendo a sua obrigatoriedade dentro das escolas, porém, de modo indireto, seu ensino é estimulado. Isso fica mais fácil de observar diretamente nas escolas. A Rede Sinodal lança princípios gerais e cada instituição possui autonomia e a concretiza conforme o seu entendimento. Nos PPPs (Projeto Político Pedagógico) são definidas as opções e as prioridades de cada escola, tendo por base os princípios e valores gerais da Rede.

Enquanto a confessionalidade parece um elemento que permaneceu constante e inquestionado na história das escolas, com a língua alemã nem sempre foi assim. É claro que poderíamos abrir a discussão na amplitude de sua necessidade. Quanto mais antigas são as escolas, maior foi seu envolvimento com a língua alemã.

¹⁴⁷ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁴⁸ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁴⁹ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵⁰ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

¹⁵¹ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵² Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

Em muitas delas, todo o ensino se dava na língua alemã. A partir da década de 1930, houve uma necessária adaptação às exigências educacionais nacionais impostas. É justamente a partir desse momento em que a presença da língua alemã é questionada que acontece uma ruptura num processo e um novo capítulo da aplicação do idioma nas escolas luteranas é escrito. Algumas conseguiram fazer as devidas adequações às exigências: *o alemão não foi posto tanto assim na janela*, numa alusão a fala da entrevista da professora Rebeca. Outras escolas não conseguiram se adaptar e encerraram as suas atividades. O que chama atenção é que a defesa do estudo da língua alemã foi uma bandeira de algumas pessoas que, embora as adversidades externas impostas, defenderam-no e fizeram deste seu ideal de vida.

Em relação às motivações e às justificativas para o ensino da língua alemã, podemos trabalhar em três frentes complementares, com preponderância da última:

4.4 A herança de Lutero e o compromisso com a história dos imigrantes

Parece-nos que a pergunta a ser respondida aqui está relacionada com a herança pelo feito de Lutero com a tradução da Bíblia (NT) para a língua alemã e o que isso possibilitou. Assim, ao fazerem referência de que a escola é luterana, desenha-se um certo compromisso histórico de não deixar esse fato da bravura de Lutero cair no esquecimento. Ressaltam-se os ideais de Lutero de propor uma educação para todos, de questionar os pais e a sociedade quanto a educação de seus filhos. Nas entrevistas feitas repetidamente se faz referência a identidade luterana, mesmo que nem sempre se cite especificamente seu fundador. A professora Antônia afirma que a escola *nasceu no berço do luteranismo*. Já a professora Rebeca entende que a identidade da escola está *embasada nos preceitos e nos princípios luteranos*.

Transparece uma preocupação para que a história dos imigrantes alemães não caia no esquecimento em relação as novas gerações. As entrevistas realizadas destacam algumas parcerias com o setor público e com comunidade que dão vazão ao folclore germânico. Um desses espaços está ligado diretamente a um incentivo a fala do dialeto e ao estudo da língua alemã formal. É possível identificar nas escolas da Rede Sinodal um compromisso em trazer elementos dessa cultura para dentro das escolas.

Esse campo foi deveras afetado pela campanha de nacionalização e o período da Segunda Guerra, a tal ponto das pessoas terem vergonha de sua cultura e, como consequência, vergonha de falar o dialeto. Ainda hoje há resquícios nas comunidades.

Talvez seja essa a principal tarefa das escolas luteranas para com as comunidades: suplantar a vergonha pela descendência, em especial no tocante à língua. Existem elementos muito mais profundos e complexos numa sociedade do que expor artefatos dos imigrantes ou trajar os jovens com roupas típicas. O professor Marcos aponta consequências decorrentes do período da nacionalização e da Segunda Guerra Mundial que deveriam ser resgatados pelas escolas. Segundo ele, desenvolveu-se *“muito forte a questão de preconceito, de alemão uma língua de colônia, coisa que de vez em quando a gente escuta, ouve de alunos hoje ainda.”*¹⁵³ O ensino da língua alemã deve criar conexões, transformar preconceitos. Ao mesmo tempo que apresenta uma herança cultural, traz uma Alemanha moderna e cheia de encantos.

Ao tratarmos da didática do ensino da língua, faz-se necessário considerarmos a importância de se manter uma didática que perpassa pelo resgate histórico da língua e cultura, ou seja, não é simplesmente o estudo da língua pela língua, mas tudo o que ela representa e carrega de uma determinada cultura.

Portanto, a melhor forma de um governo, ou uma escola, estimular os elementos culturais da sociedade, é propiciar plenas condições para o ensino e para a aprendizagem da língua. A Alemanha parece que compreendeu bem isso, haja vista todos os recursos dispensados nesse intuito.

4.5 A Língua Alemã como possibilidade para os jovens

Por fim, a língua alemã moderna apresenta uma Alemanha moderna, cheia de encantos e possibilidades para os jovens. Essa é a matriz motora para as outras, ou seja, a partir desse mote, possibilita-se também um resgate histórico e cultural. Essa parte tem amplo financiamento do governo alemão, financiamentos que ultrapassaram as fronteiras alemãs e chegaram as escolas comunitárias fundadas no

¹⁵³ Entrevista com a professor Marcos (Instituto Ivoti)

Brasil, e ainda chegam em algumas escolas da Rede Sinodal hoje. Há o interesse claro e estratégico de que as pessoas conheçam a nova Alemanha, sem esquecer seu passado, mas que de algum modo ressurgiu a partir de sua história, da Segunda Guerra Mundial etc. Sim, o passado é valorizado, mas sem saudosismos. Quer-se mostrar uma Alemanha que chegou a fase adulta. Isso passa por meio da língua. Dominar a língua é um dos principais meios de se inserir nessa nova Alemanha. A Alemanha de onde saíram os imigrantes foi reconstruída, e isso precisa ser conhecido. Precisam ser vistas as possibilidades que a Alemanha atual oferece e a sua capacidade histórica de se refazer e se modernizar.

Interessante observar que são os projetos externos, especialmente, os financiados pelo governo alemão que servem de estímulo para o estudo da língua em muitas das escolas no Brasil que mantêm a língua alemã na sua organização curricular, e não o contrário. Não é pelo estímulo a língua que se buscam os projetos, mas são pelos projetos que é estimulado o domínio da língua.

Passadas três ou quatro gerações desde a chegada dos imigrantes ao Brasil, é bem natural que as crianças e os jovens não tenham necessariamente uma identificação com a cultura alemã, mesmo quando muitos pais tem conhecimento do dialeto, seja ele praticado ou não. No entanto, como já dissemos, a fala do dialeto não tem prestígio social e, por vezes, há vergonha pelo sotaque que permanece quando esses tentam falar a língua portuguesa.

Atualmente, existe um movimento que visa mostrar aos alunos, primeiro, o valor da língua alemã, as possibilidades a partir dela e, segundo o resgate do valor do dialeto. Segunda a professora Rebeca, do Instituto Ivoti, muitos ainda falam o dialeto. Diante disso, Rebeca relata o esforço da escola para que os alunos enxerguem que isso lhes agrega um valor. A língua alemã *“é uma chance para essas pessoas, para esses alunos, de ter um outro caminho de vida”*. O papel da escola consiste em fazer com que vejam que eles *“são bilíngues, que não são monolíngues, para ter orgulho dessa língua de herança.”* Segunda a professora, *“quem tem o dialeto, quem tem orgulho, ou não tem vergonha, vamos dizer assim [...] é uma outra língua, né, ele já tem mais de 60% domínio da Língua Standard.”* A professora recorda e enfatiza pesquisas avançadas que demonstram que *“se tu tens o dialeto, a tua competência leitora na língua standard, é potencializada muito, é muito rápido, porque tu tens toda*

*estrutura de língua, coisa que se tu começar do zero na língua alemã, não é possível.*¹⁵⁴

*É isso que a gente tenta mostrar para eles, quanto é, primeiro uma questão de identidade, essas línguas de herança, não só o alemão mas o italiano também, que a gente está começando a recuperar o orgulho, ou pelo menos não ter vergonha de dizer, não, eu falo o dialeto e que bom que eu falo o dialeto, eu falo mais de uma língua, porque, por esse silenciamento da nacionalização, primeiro as pessoas eram proibidas de falar, e depois a gente passou, teve toda a questão da 2ª Guerra, mais essa embrólio no meio e aí as pessoas tem vergonha, tanto que se você fosse conversar com uma pessoa de mais idade ela vai dizer, ai, eu não falo o alemão certo eu falo o alemão quebrado, daí a gente diz, não, não é o alemão quebrado, é uma variante, é uma outra língua que tem muita proximidade com o alemão. Isso tudo a gente procura também fazer na escola: a gente ensina a Língua Standart mas a gente faz com que eles valorizem a sua identidade [...]*¹⁵⁵

Esse sentimento de vergonha que socialmente recaiu sobre a fala do dialeto alemão, alimentado pela proibição do ensino e da fala durante o período na nacionalização, mas, principalmente, como consequência da Segunda Guerra Mundial, gerou sofrimento. As pessoas tinham dificuldades e vergonha em se comunicar, pois a grande parte não falava a língua portuguesa e a língua alemã que falavam não passava de um dialeto. Fica difícil hoje dimensionarmos o real impacto pessoal e cultural dessas medidas. Os municípios de colonização alemã, assim como algumas escolas, adotam diversas medidas de valorização e resgate de elementos culturais próprios.

A professora Mariana destaca que *“a escola, como um todo, está se reorganizando também para possibilitar a esses alunos essas provas (provas de proficiência) que são um diferencial dentro de número muito grande de escolas que também oferecem o alemão.”* Segundo ela, *“aos poucos, os alunos que começam a perceber o diferencial que é a língua alemã.”*¹⁵⁶

As entrevistas desenvolvidas ao longo da pesquisa dão conta de demonstrar que há um esforço das escolas ao longo de suas histórias pelo ensino e pelo cultivo da língua alemã. Tenta-se cativar os alunos, apresentando os ganhos pelo domínio do idioma. Dessa forma, reafirma-se, com evidências, de que a língua alemã não é somente mais uma língua a ser ensinada e aprendida, ela tem uma predileção entre

¹⁵⁴ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵⁵ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵⁶ Entrevista com a professora Marina (Colégio Sinodal)

as demais. E aí voltamos a mesma pergunta: por quê? Vejamos mais alguns relatos das entrevistas que podem ser esclarecedores:

- *“A língua alemã acaba sendo umas das características de fundação, uma das bases da escola.”*¹⁵⁷

- *“a escola quer, com isso, fomentar o ensino de alemão, ter mais alunos aprendendo o alemão e entre outras coisas, porque o mercado olha para essa instituição volta e meia e diz: onde estão as pessoas que vocês podem nos dar falando o alemão.”*¹⁵⁸

- *“nós temos investido principalmente no alemão em função dessa parceria com o PASCH.”*¹⁵⁹

- *“sempre teve um lugar central na escola. A gente também acredita que a língua alemã, embora seja uma língua considerada difícil, ela abre para o aprendizado de outras línguas, uma vez que você faz esse comparativo das estruturas.”*¹⁶⁰

Reafirma-se aqui o olhar que cada escola possui sobre a língua alemã. As referências feitas aparecem na terceira pessoa do plural: *“a escola quer”*; *“nós temos”*; *“a gente”*. Isso reforça uma ideia de coletividade de pensamento em torno da língua alemã, sua presença e seu espaço nas escolas. Parece algo que está dado, uma convicção que deve ser compartilhada com os alunos.

No quesito da afirmação do lugar e da importância dessa língua nas escolas, reparamos um dado curioso, que a primeira vista parece até contraditório com o que dissemos acima. Alguns entrevistados, no intuito de enaltecer o lugar preferencial da língua alemã, fazem referência a língua inglesa. Vamos exemplificar:

- *“no incentivo e no fomento do alemão e ele tem um lugar tão especial quanto o inglês que é uma língua tradicionalmente muito valorizada pelas pessoas.”*¹⁶¹

- *“são importantes, mas além do inglês, o que mais você tem?”*¹⁶²

¹⁵⁷ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵⁸ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁵⁹ Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

¹⁶⁰ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

¹⁶¹ Entrevista com a professora Antônia (SETREM)

¹⁶² Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

- *“assim como o inglês, a língua alemã tem um lugar assegurado nas escolas.”*¹⁶³

Nota-se claramente que a língua estrangeira, por excelência, seja pela exigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais, seja pela sua valorização no mundo corporativo, é a inglesa. Entretanto, isso não é nenhum desmérito à língua alemã. O que se quer é justamente dizer que não há uma exigência legal externa que obriga a oferta da língua alemã na escola, mas que esta é puramente uma opção, resultado de uma leitura da história. A língua alemã credencia-se como um valor institucional e sua presença já não é questionada. Pode ser ofertada dentro do currículo ou como atividade complementar. Casualmente, nas três instituições da nossa pesquisa, ela possui espaço na grade curricular, sendo obrigatória pelo menos em algum período formativo do aluno. Pode-se afirmar que a língua alemã é uma tradição preservada e estimulada na Rede Sinodal.

Há iniciativas em nível de Rede Sinodal que são evidências de incentivo e apreço pela língua alemã. Embora apareçam nas diversas revistas e nos sites institucionais, essas iniciativas não parecem estratégias meramente mercadológicas. A professora Mariana, do Colégio Sinodal, destaca a iniciativa de Rede Sinodal que, em parceria com uma ONG, viabiliza um intercâmbio para a Alemanha. Nas outras entrevistas, esse fato também é citado. Nessa modalidade, anualmente, são selecionados alunos que recebem bolsas para fazerem o intercâmbio de um mês na Alemanha. Aos professores também são ofertadas possibilidades de intercâmbio de estudos. Além disso, destaca Mariana, os professores da escola fazem parte da Associação Rio-Grandense de Professores de Alemão e da Associação Brasileira de Professores de Alemão, a Abrapa. Através dessas associações, os cospos discente e docente participam de congressos e encontros. A escola, de certa maneira, contribui financeiramente para que essas associações possam fazer esses eventos. Então, “está tudo muito ligado, a gente não está sozinho”, comenta Mariana.

Essa proximidade dos professores de alemão da Rede Sinodal é mencionada nas diversas entrevistas. eles ressaltaram as inúmeras possibilidades de encontros

¹⁶³ Entrevista com o professor Marcos (Instituto Ivoti)

propiciados pela Rede. Há um cuidado para com a formação continuada desses profissionais, o que não deixa de ser um cuidado com a língua.

4.6 A língua alemã e o mito fundador

Ao falarmos de mito fundador, em nenhum momento aplicamos qualquer juízo de valor no sentido da superação do mito para uma suposta racionalidade. Nosso intuito é apenas compreender os processos que se estabelecem no ensino e na aprendizagem da língua alemã em escolas da Rede Sinodal e as possibilidades de relação justamente com o mito fundador.

Mas o que é o Mito Fundador e como esse tema pode ser vinculado aqui? Retomemos a conceituação de mito fundador de Marilena Chauí. A abordagem que aqui fazemos é muito mais no sentido antropológico do que na epistemologia grega do termo *mythos*. Segundo Chauí, “o mito fundador impõe um vínculo interno com o passado como origem, passado que não cessa nunca e se conserva perenemente presente.”¹⁶⁴ Em outras palavras,

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna como da ampliação de seu sentido. Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimenta-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica.¹⁶⁵

Em se tratando da história do luteranismo, entre os atos de Lutero no século XVI e a atualidade, existem diversas leituras possíveis. O que queremos sinalizar inicialmente aqui é como Lutero é apresentado ou visto no dia a dia nas escolas da Rede Sinodal. Sabemos que, nesse ponto, estamos sobre um terreno perigoso ou diria até que estamos “andando sobre areias movediças”. Vamos evitar a todo custo as generalizações, até porque, como dissemos, existem muitas leituras possíveis.

Um primeiro ponto, e na nossa abordagem ele é central, é a forma como alguns autores apresentam a história de Lutero. Em algumas leituras, percebe-se um encantamento pelo feito de Lutero na tradução do Novo Testamento da Bíblia para a

¹⁶⁴ CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 6.

¹⁶⁵ CHAUI, 2000, p. 7.

língua alemã. Esse fato também é enaltecido nas falas dos entrevistados das diferentes escolas. Descreveu-se Lutero com um homem à frente do seu tempo, alguém não temente à morte e que deu contornos à língua alemã que a elevaram a um outro patamar. Assim, ensinar a língua alemã nas escolas seria também um reconhecimento da história de Lutero e da história da vinda dos alemães para o Brasil, a partir do início do século 19.

A Professora Rebeca, do Instituto Ivoti, traz muito bem essa ideia quando, ao falar da padronização da língua alemã na atualidade, a língua *standart*, refere-se a Martinho Lutero como o seu precursor, fato que se dá, no seu entendimento, pela tradução da Bíblia. Será que é nesse imaginário que perpassa nas escolas que podemos justificar tamanha importância da língua alemã nas escolas da Rede Sinodal? Estaria nele representado o mito fundador que, nas palavras de Chauí “impõe um vínculo interno com o passado como origem, passado que não cessa nunca e se conserva perenemente presente”? Sem, nesse momento, dar contornos finais a essa evidência, parece que sim. Sob essa ótica, seria a língua alemã apenas o “*algo a mais*” nas escolas da Rede? Mas se não for só “*um Plus*”, por que não fazer uma referência direta ao Lutero, usando-o como justificativa? Sim, as referências diretas a Lutero são relativamente poucas, especialmente quando se aborda a língua alemã. De modo geral, fala-se muito mais em princípios e em valores cristãos e no tocante da língua alemã, alguma referência aos imigrantes. Outro aspecto a levar em consideração é o de que, se as escolas fundadas em comunidades de imigração e junto das igrejas luteranas tem a escolha de pertencer ou não a Rede Sinodal, por que a grande maioria mantem o vínculo? Vamos paulatinamente responder a essas questões.

É evidente que, diante da distância histórica do pensamento pedagógico de Lutero, é sempre importante pensar sobre a validade desse pensamento. É bem verdade que esse questionamento deve ser uma constante na proposta pedagógica das escolas da Rede Sinodal, ou seja, a questão motora das escolas luteranas deve ser: como ser escola hoje tendo por base os princípios pedagógicos de Lutero. Dizer-se escola luterana tem um peso, carrega um legado e de compromisso com a educação, respeito ao aluno e ao conjunto de valores que cultivados. Isso parece importante ser reafirmado, pois trata-se da identidade. Isso agrega valor à escola, porque, na atualidade, já não se questiona a competência de uma escola luterana.

Dizer-se escola luterana se liga a religiosidade, mas parece que religiosidade sim, religião não. Aqui entramos especificamente numa necessidade de conceituação de identidade.

Dentro da ideia de observar como os ideais de Lutero perpassam as gerações e chegam aos dias atuais, prioritariamente no tocante da língua alemã, trazemos algumas leituras de autores. Não temos outra intenção senão analisar qual a leitura que se faz na atualidade de Lutero no tangente de sua relação com a sistematização da língua alemã, mas principalmente na tradução do Novo Testamento para a língua alemã. Ainda a distância, podemos notar sinais de respeito e de admiração pelo feito da tradução da Bíblia (NT) para a língua alemã.

O fato é que, num período de transição, a Idade Moderna que florescia ainda com resquícios da Idade Média, a Igreja Católica em tempos nefastos, Lutero propôs mudanças em seu meio. Sendo monge católico, ansiava por tempos melhores. Julgado e condenado pelo seu ideal reformador na Igreja Católica, Lutero se refugiou e, quando isso aconteceu, tomou como missão pessoal a tradução da Bíblia para a língua alemã. É justamente esse momento histórico que nos propomos a observar.

Os primeiros questionamentos que devemos fazer são acerca da produção bibliográfica de Lutero e das suas motivações para escrever. O pesquisador Marc Lienhard acena para a ausência de ambições literárias em Lutero.¹⁶⁶ De acordo com ele, de forma geral, sob o viés literário, os escritos de Lutero são de gêneros diversificados e de difícil conexão. Lienhard destaca que quase todas as obras de Lutero são “escritos ocasionais”, ou seja, naquele momento, era-lhe importante transmitir aquela mensagem. Segundo o autor, “à parte dos cursos ministrados, quase a totalidade das obras de Lutero é constituída por textos de ocasião. O assunto lhe fora de alguma maneira imposta”.¹⁶⁷ Nesse sentido, alerta o autor, é sempre importante ficar atento ao contexto em que cada escrito fora produzido. Entretanto, comenta, não se deve entender a “ausência de ambições literárias” com leviandade e superficialidade; pelo contrário, seus textos estão impregnados de sentido existencial, com resposta a um determinado contexto social ou doutrinal.

¹⁶⁶ LIENHARD, Marc. **Martim Lutero**: tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 263.

¹⁶⁷ LIENHARD, 1998, p. 264.

Embora não seja especificamente uma obra autoral, o trabalho que mais evidencia a influência de Lutero na história é o da tradução da Bíblia para a língua alemã. Se observarmos especificamente esse trabalho, notamos que ele ultrapassa muito a função evangelizadora, mesmo que essa pareça a intenção primeira de Lutero, ou seja, proporcionar a leitura e a interpretação da obra pelo povo em sua língua.

Decorridos aproximadamente cinco séculos desde a tradução, não obstante os diversos estudos a respeito, ainda é difícil mensurar o seu real impacto sobre a nação e sobre a consolidação da língua alemã. Embora esteja longe de ser um pensamento consensual, alguns autores entendem que a tradução deu novos contornos à língua alemã, o que acarretou o fortalecimento de sentimentos nacionalistas por parte da população mais pobre. Levando em conta essa perspectiva, podemos considerar que a língua alemã moderna e a tradução da Bíblia estão imbricadas e que a tradução das Escrituras do latim e do grego, modela o idioma germânico. Segundo esse raciocínio, Lutero objetivava um “alemão comum” e, para isso, cria alguns vocábulos que seriam assimilados na sociedade alemã ao longo dos anos.

O que a história nos aponta é que, o surgimento da imprensa, amplamente elogiado por Lutero, deu propulsão aos seus escritos, em especial à Bíblia traduzida.

Os escritos históricos apontam que Lutero traduziu o Novo Testamento em onze semanas, por ocasião de sua reclusão no castelo de Wartburgo, entre os anos de 1521 e 1522. A tradução do Antigo Testamento foi concluída em 1534. Nela, Lutero contou com uma equipe de tradutores.

Lienhard descreve assim esse período:

O combatente reformador, porém, e sua ênfase no sacerdócio universal que revalorizava o lugar das pessoas leigas, reforçariam seu zelo. Impunha-se a necessidade de pôr a Bíblia nas mãos do povo. A estada de Lutero no Wartburgo lhe permitiu assumir o trabalho. Em fins de 1521 atirou-se a tarefa e no espaço de 11 semanas traduziu o Novo Testamento.¹⁶⁸

O autor, ao se referir a Lutero como o “combatente reformador”, ideia que é reforçada pelo apelo a “sua ênfase no sacerdócio universal”, enaltece-o. Lienhard trata a tradução do Novo Testamento como um trabalho em prol do bem da humanidade.

¹⁶⁸ LIENHARD, 1998, p.274.

Lutero era teólogo e com tal possuía um conhecimento apurado da Bíblia; entretanto, não foi único a traduzi-la para a língua alemã. Duas perguntas norteadoras seriam constantes no seu trabalho: “Como se diz isso em alemão?”, “O leitor vai entender?”. A consideração do conhecimento do contexto em que a tradução foi feita é apontada como a principal razão do sucesso de aceitação e de venda da obra. Para que a Bíblia fosse de fácil assimilação das classes mais pobres, Lutero não teria se apegado a análise filológica da língua escrita. Ele partiu da observação, da relação com os mais diversos tipos de pessoas do convívio da cidade, percorrendo as comunidades e interagindo com a população para extrair dela a linguagem falada. Também teria buscado orientações com profissionais para entender certas ferramentas.

Na tradução de Lutero, segundo Stadelmann,

o importante não é apenas quem e o que se exprime, mas como se exprime [...] Assim, a tradução da Bíblia não apenas proporcionou a maior número de pessoas acesso à Revelação, mas, ao mesmo tempo, tornou-se um acontecimento importante para a própria língua, por desafiá-la a criar formas de expressão anteriormente não exigidas nem imaginadas.¹⁶⁹

Os estudos de Lienhard apontam para uma série de palavras da língua alemã, palavras não necessariamente novas, mas que, segundo o autor, não eram usadas ou usadas em outro sentido. Vejamos alguns exemplos:

Termos com *Sünderbock* (bode expiatório), *Machtwort* (palavra enérgica), *Kleingläubin* (de pequena fé), *gottgefällig* (agradável a Deus), *gnadenreich* (rico em graça), *Glaubenskampf* (combate da fé), *Sündenangst* (temor por causa do pecado), *Winkelprediger* (pregador de ‘cantos’, isto é, clandestino), *Bilderstürmer* (iconoclasta), *Wortgezank* (disputa de palavras), são exemplos característicos de tal poder criador. Pôde ser demonstrado que, sob a pena de Lutero, termos conhecidos como *Gnade* (graça) e *Glaube* (fé) receberam um sentido novo. Ou, então, transplantou para a esfera religiosa palavras utilizadas no âmbito profano. É o caso, por exemplo, de *Rechtfertigung* (justificação) ou de *Fromm* (piedoso).¹⁷⁰

Além dos vocábulos que, segundo o autor, passam serem incorporados na língua alemã, na tentativa de ressaltar o ineditismo da tradução bíblica de Lutero, Stadelman destaca algumas características da linguagem: (1) riqueza de vocabulário fora do comum naquela época; (2) uso frequente dos verbos auxiliares para realçar o

¹⁶⁹ STADELMANN, Luís I. Lutero, tradutor da Bíblia, **Perspectiva Teológica**, v. 17 n. 41, 1985. p. 87-100. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1938>. Acesso em: 20 fev. 2019. p. 88.

¹⁷⁰ LIENHARD, 1998, p. 266.

sentido lógico das frases; (3) preferência por palavras concretas (evitando as abstratas); (4) uso do adjetivo em vez do complemento terminativo; (5) formação de palavras aglutinadas, evitando o acúmulo de artigos; (6) acréscimo de palavras para fins de realce; (7) uso de expressões idiomáticas alemãs, substituindo as hebraicas ou gregas.¹⁷¹

O fato é que no início da Idade Moderna, o latim era a língua oficial na Alemanha, usada tanto no campo administrativo quanto no intelectual e no religioso. A língua alemã, por sua vez, não se compunha além de dialetos. Ela carecia de prestígio, ficava em segundo plano, sendo usada pelas camadas mais pobres.

O alemão, como língua nacional, forjou-se durante o século XV, sendo que o imperador Maximiliano contribuiu na sua difusão; no entanto, segundo a teoria de Lienhard, Stadelmann, Dreher e outros, o idioma ganhou o caráter literário com a tradução e a impressão da Bíblia. “A tradução da Bíblia constituiu uma obra particularmente importante. Esse labor, que se estendeu de 1521 a 1534, teve um sucesso duradouro e cunhou o protestantismo de língua alemã até nossos dias”.¹⁷²

Segundo Martin Dreher, a Bíblia traduzida por Lutero modelou a língua alemã por séculos e influenciou o linguajar de todas as camadas sociais. Ele contribuiu de modo peculiar para o desenvolvimento da língua que era falada na Alemanha Central. Todavia, embora Lutero seja apresentado por alguns teóricos como o criador do alemão moderno, vale reforçar aqui que o surgimento do idioma remonta ao século XIV e sua consolidação se dá ao longo dos séculos.

Dessa forma, preferimos uma análise mais simbólica da contribuição de Lutero, ou seja, na compreensão do povo, se uma obra tão importante como o Novo Testamento foi traduzido para a língua alemã, ela (a língua falada) tem seu valor a ponto de Deus se comunicar nessa língua. Há claramente uma valorização da língua alemã, um “empoderamento” social do idioma mais pelo seu valor cultural e, portanto, simbólico do que pela sua estruturação em si.

Luís Stadelmann defende a ideia de que a iniciativa de Lutero [da tradução da Bíblia] acelerou a evolução da língua alemã unificando três linguagens, fusão de dois

¹⁷¹ STADELMANN, 1985, p. 96.

¹⁷² LIENHARD, 1998, p. 272.

idiomas e surgimento de uma língua única, que se impôs como língua comum e passou a influenciar os diversos dialetos.¹⁷³

Para Lienhard,

O impacto de seus escritos de língua alemã, em particular de sua tradução da Bíblia, foi considerável, sobretudo na Alemanha protestante. Em 1520, 90% dos escritos ainda estavam impressos em latim, reduzindo-se para 70% em torno de 1570. A evolução foi acelerada pela ação de Lutero. A influência dele foi evidentemente favorecida pela imprensa.¹⁷⁴

A língua alemã se alastrou especialmente nos territórios protestantes, sendo que o latim permaneceu dominante entre os católicos. O alemão conquistou espaço e deu contornos de língua nacional já nos séculos XVII e XVIII.

Se o lugar exato de Lutero na evolução da língua alemã é discutido, a concordância é mais evidente ao avaliar-se sua importância na história da literatura alemã. Ele pode ser considerado um dos maiores e mais profundos escritores alemães. Foi sobretudo sua tradução da Bíblia que lhe valeu a admiração das pessoas letradas dos séculos ulteriores.¹⁷⁵

Não se tem um número exato da vendagem da Bíblia traduzida por Lutero. M. Dreher aponta números que vão de “cem mil exemplares” a “um milhão de exemplares”, somando-se às impressões fora de Wittenberg. O único a lucrar com as vendas foi o impressor Hans Lufft. Lutero nada ganhou na tradução da Bíblia; procurava, sim, conforme suas palavras, “servir”.

A Bíblia traduzida por Lutero se espalhou pela Alemanha carregando consigo a língua alemã em uma linguagem simples, em uma linguagem do povo. Este era, certamente, o propósito central de Lutero com a tradução: que o povo pudesse ler a Bíblia no seu idioma, numa linguagem que lhe fosse familiar.

Para se ter uma ideia da dimensão que atingiu a Bíblia traduzida por Lutero, entre a tradução da Bíblia (1521/22) e a morte de Lutero (18 de fevereiro de 1546) apareceram 277 impressões, seja da Bíblia inteira ou de algumas de suas partes, seguindo-se, a partir de 1641, traduções dessa Bíblia em baixo-alemão, francês e italiano.¹⁷⁶

¹⁷³ STADELMANN, 1985, p. 93.

¹⁷⁴ LIENHARD, 1998, p. 277.

¹⁷⁵ LIENHARD, 1998, p. 277-278.

¹⁷⁶ STADELMANN, 1985, p. 87.

O próprio Lutero, por vezes, declarava seu apreço à língua alemã, inclusive denominando-a como a língua mais perfeita: *Germanica autem lingua omnium est perfectissima* (Lutero, 1538)¹⁷⁷.

De modo geral, podemos dizer que a tradução da Bíblia serve de ação evangelizadora e da propagação do luteranismo. O fato é que, aos poucos, especialmente no meio luterano, a língua alemã ganhou espaço formal, fazendo frente à língua predominante, que era o latim.

4.7 Para resumir

Um aspecto a considerar, quando falamos de Lutero e a tradução do Novo Testamento para a língua alemã, é que este ato mexe numa estrutura religiosa estabelecida, ou seja, há um modo de fazer o cristianismo em que o povo recebe uma interpretação das escrituras e assiste as missas. Geertz, ao falar da "religião como sistema cultural". Aborda-a na perspectiva da cultura em que aquela oferece um modelo de comportamento para os homens. Desta forma, o ser humano de fé é aquele que acredita na sua religião e no efeito de sua crença. E é nessa perspectiva que vivia no cristianismo no início do século 16. Dorival Fleck, para se referir ao efeito social e religioso da tradução da Bíblia para a língua alemã, fala em "vulgarização da leitura da Bíblia".¹⁷⁸ Todavia, ressalta, que essa vulgarização exigia que as pessoas soubessem ler. O que queremos ressaltar aqui é que Lutero se usa da língua alemã, uma língua do povo, no rol do protesto ao catolicismo e ao latim. Claro que a tradução para a língua alemã não quer ser nenhuma afronta ao latim, mas sim a hegemonia do catolicismo que lia e interpretava aos fiéis as sagradas escrituras do latim. Em parte, esse poder lhes é tirado quando o Novo Testamento é entregue a leitura e interpretação do povo.

Nessa interpretação podemos dizer que Matinho Lutero foi uma pessoa ousada – ousadia que pode ser observada ao questionar a Igreja Católica quanto a

¹⁷⁷ Frase proferida em mais alto tom em um de seus *Tischreden* (discursos à mesa), no dia 19 de setembro de 1538, numa exaltação a língua alemã. [A língua alemã, no entanto, é a mais perfeita de todas].

¹⁷⁸ FLECK, Dorival Adair. Luteranismo e educação. In: GOLDMEYER, Marguit Carmem; WACHS, Manfredo Carlos; MALSCHITZKY, Gustavo; BRAKEMEIER, Gottfried; HOCH, Lothar Carlos. **Luteranismo e Educação: Reflexões**. São Leopoldo: Rede Sinodal de Educação, Sinodal, 2006. P. 27-34.

sua conduta e ao traduzir a Bíblia, entregando-a nas mãos das camadas populares. Lutero conseguiu lidar com as críticas ao seu trabalho que, por vezes, pareciam, para ele, ser “um combustível” para reafirmar suas convicções.

Os estudos de Luciane Frohlich corroboram com as premissas de que a tradução da bíblica de Lutero, com sua ampla aceitação, provocou um processo de normatização de uma língua escrita unificada, tanto que a tradução não valia mais somente como uma obra cultural, mas também como um documento-fonte da língua alemã.¹⁷⁹

Independentemente da posição crítica que alguém possa assumir diante da história, não há como lê-la sem considerar Lutero. Há muitas nuances entre vilão e herói que podem ser consideradas. No tocante da língua alemã, o mínimo que precisamos admitir é que ele foi alguém com apreço a língua alemã a ponto de dedicar um bom tempo de pesquisa para a tradução e que essa tradução foi amplamente distribuída e lida. Não nos cabe aqui a análise se essa tradução foi fidedigna à original. O que vale considerar é que a Bíblia traduzida cumpriu um propósito e deu à língua alemã maior visibilidade.

Em se tratando especificamente da visão que pudemos observar nas escolas participantes da pesquisa, percebemos que alguns conceitos se repetem. Nas diversas falas é possível notar, quando da referência histórica, o feito de Lutero ao traduzir a Bíblia (NT) para a Língua Alemã. Há um certo compromisso histórico com esse feito.

Essa compreensão está presente e se acentua nas diferentes instituições. A professora Rebeca, do Instituto Ivoti ressalta que, “*A língua alemã acaba sendo umas das características de fundação, uma das bases da escola*”.¹⁸⁰ A professora Mariana (do Colégio Sinodal) se refere ao compromisso histórico onde inclusive faz referência a Lutero: “*Eu acho que a gente é o que é por fazer parte dessa rede maior. Então se a gente tem música, se a gente tem teatros, idiomas, se a gente tem tudo isso é de Lutero, mas também pelo que essa Rede pensou para suas escolas*”.¹⁸¹

¹⁷⁹ FROHLICH, Luciane Reiter. **Sendbrief vom Dolmetschen de Martinho Lutero**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2004. p. 12. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87785>>. Acesso: 20 fev. de 2019.

¹⁸⁰ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

¹⁸¹ Entrevista com a professora Mariana (Colégio Sinodal)

Na perspectiva das instituições participantes da pesquisa, proporcionar o acesso à língua alemã na escola simboliza um respeito a essa história. Ofertar a língua alemã é trazer Lutero e toda a história para dentro da escola sem que necessariamente se faça publicamente uma reverência a *ele*. *Ela faz parte de uma identidade que sutilmente é mantida, longe dos holofotes.*

Nota-se que a Rede Sinodal quer, de diferentes modos, representar essa ponte entre passado e presente ao afirmar um conjunto de princípios norteadores que são comuns. Há, portanto, um empoderamento de uma identidade luterana através da preservação da língua alemã. Manter a língua alemã agrega um *status* à escola pelas conexões com a história e fortalecimento como unidade. No cotidiano escolar não há a preocupação primeira se a história contada é fidedigna. Importa o significado e sentido a ela atribuída.

5 CONCLUSÃO

Quando nos propomos a desenvolver uma pesquisa em torno do lugar da língua alemã em escolas da Rede Sinodal, sabíamos que encontraríamos algumas dificuldades. Primeiro, foi difícil delinear a proposta e a conceituação dos diversos temas. Não foram poucas as vezes que houve necessidade de voltar ao problema-foco a fim de redefinir os rumos da investigação.

Ao buscarmos as bases para referenciar o estudo de língua e de linguagem nas escolas da Rede Sinodal, ainda não tínhamos clareza de como seria possível aproximar esta àquela. Essa aproximação se deu ao natural. Ouvindo as práticas educativas, encontramos nos referenciais teóricos os seus fundamentos. Foi possível notar que o que acontece nas escolas não é fruto do acaso, mas possui bases de sustentação.

Quanto ao problema central da pesquisa, é possível afirmarmos e justificarmos que chegamos à conclusão de que efetivamente a língua alemã está presente nas escolas da Rede Sinodal, recebendo um tratamento diferenciado e, de vários modos, fazendo a ponte entre o passado e o presente. Ela está ligada ao um protagonismo luterano, pois confere um “algo a mais” dentro da Rede Sinodal. Esse elemento aparece claramente nas falas das entrevistas. Todavia, eventualmente, os envolvidos não param para refletir sobre os motivos de tal apreço.

Atualmente há um fortalecimento da língua alemã, já não como dialeto, mas como uma língua moderna, a língua *standard*, segundo a professora Rebeca. É a partir desta língua (*standard*) que se estabelecem as conexões com a história, seja dos imigrantes, seja com Lutero na origem do luteranismo no século XVI. Pelas leituras e pesquisas feitas, especialmente relacionadas a língua alemã, é possível identificar uma admiração pelo feito de Lutero ao traduzir a Bíblia. Eventualmente encontramos alguns exageros atribuindo a Lutero a moldagem da língua alemã. Não temos aqui a pretensão de contestar ou desmerecer a história contada de Lutero, tampouco lhe tirar os méritos na formatação da língua alemã e muito menos quando relacionado a tradução do Novo Testamento. Estamos apenas sinalizando que existem exageros que chegam a dar contornos quase que divinos a Lutero. A concepção de Geertz, no tocante da cultura, dá sustentação a essa premissa.

Segundo ele, independentemente se há ou não coerência entre a história e o imaginário social, ou seja, a importância não está no fato da história ser verdadeira ou ter sido inventada, mas nas condições e nas razões de sua criação. E é pela língua que a história é conhecida e perpassa as gerações. É nessa perspectiva que podemos dizer que o mito fundador não cessa, cria novos contornos de realidade.

O protagonismo luterano fica evidente nas escolas da Rede Sinodal ao longo de sua história e na atualidade. Quando os imigrantes que aqui chegaram a partir do início do século 19, diante da precariedade educacional que aqui encontraram - para não dizer da inexistência da mesma, assumiram pra si a tarefa de educar seus filhos criando as Escolas Comunitárias, houve protagonismo. Quando ao longo dessa história enfrentaram a falta de recursos econômicos para a manutenção das escolas, houve protagonismo para continuarem existindo. Quando afirmaram e reafirmaram o que era importante ser ensinado e aprendido dentro dessas escolas deixando claro seus diferenciais (e dentre esses estão os valores cristãos e a língua alemã), houve protagonismo. Quando diante da Campanha de Nacionalização tiveram que reestruturar suas escolas, tirar da vitrine o ensino da língua alemã, houve protagonismo. Quando na década de 1981 fizeram uma importante reestruturação que são as bases da Rede Sinodal hoje, houve protagonismo. Atualmente há protagonismo nas escolas da Rede Sinodal que despontam como referenciais no campo educacional brasileiro, preparando seus alunos para além dos vestibulares e ENEM. As bases lançadas no século 16 continuam na atualidade.

Ao lançarmos a projeto de pesquisa, antes mesmo de adentrarmos nas leituras exploratórias, tínhamos o entendimento de que encontraríamos, nos documentos da Rede Sinodal, vasto material referenciando a língua alemã, fato que não se concretizou. São pouquíssimas as referências e quando aparecem são feitos de modo indireto, pela presença de alguns vocábulos da língua alemã, talvez pela falta de termos correspondentes na língua portuguesa. A presença desses termos também ficou evidente nas entrevistas aos professores. O uso desses vocábulos, seja nos textos oficiais, seja nas entrevistas, denotam a história e o apelo à língua alemã. A língua portuguesa reconta hoje uma história já escrita e narrada na língua alemã. Há um simbolismo, significado e identidade próprios que ligam a história do luteranismo à língua alemã. E é por meio desta língua que o mito fundador se atualiza nas diferentes escolas. Assim, quando as escolas abrem espaço ao ensino da língua

alemã, abrem espaço para que a história seja recontada. Aqui há memória, simbolismo, emoção e protagonismo.

O que aparentemente fica mais difícil de identificar são os valores presentes no teor do conteúdo ensinado na língua alemã. Existem cânticos e ditos populares da Alemanha que são ensaiados, mas, em si, o material didático não é específico, não é, por exemplo, carregado de princípios religiosos com tal. No século XVI, Lutero incentivou o conhecimento da língua alemã (e outras) para que, por meio delas, se pudesse ler e interpretar a Bíblia.

Hoje, ensina-se a língua alemã pelo valor em si da língua, pelo que ela representa na história e pelas possibilidades que ela oferece na atualidade. E é justamente nesse valor histórico que a língua carrega, que está seu lugar simbólico, ideológico e a ideia do mito fundador. Ensina-se a língua alemã sem que se tenha a real dimensão do que tudo isso significa. Faz-se em respeito à tradição do luteranismo ou pelas possibilidades que ela oferece. Os jovens aprendizes certamente a veem pelas suas possibilidades. A escola e os professores também a apresentam assim, pois sabem que dessa forma ela se torna atrativa. Mas não poderia ser a língua italiana, a língua francesa, latim ou, quem sabe, as línguas bíblicas (aramaico, hebraico e o grego)? A resposta parece óbvia: não! Até poderiam ser estudadas, mas sem se esquecer da língua alemã, pela sua história e pelos significados que possui no luteranismo.

O professor Marcos, do Instituto Ivoti justifica a oferta da língua alemã.

Não é porque há pessoas que falam o dialeto ou porque hajam muitas pessoas de origem alemã é que se tem a língua alemã no currículo, não, não é. É porque através da língua alemã nós abrimos portas muito importantes para eles. [...] A questão de justificativa porque língua alemã é justamente por aí, pelas possibilidades e por acharmos que nós precisamos oferecer aos jovens alternativas de acesso a cultura também. Existe uma cultura americana, a cultura inglesa, muito importante, mas não pode ser a única. A pessoas tem que poder escolher opções e obviamente o caminho para a Europa passa muito forte pela língua alemã pela importância que o país tem no continente.¹⁸²

Será que não professor? A língua alemã seria ofertada sem que se tivesse toda a tradição? Por que justamente a língua alemã? Parece óbvio que não é somente

¹⁸² Entrevista com o professor Denis (Instituto Ivoti)

pelas possibilidades que a Alemanha oferece, sendo a língua alemã o elo de ligação. Se fosse isso, seriam as escolas da Rede Sinodal as que únicas que descobriram esse segredo que possibilita aos jovens um futuro promissor na Europa. As evidências dizem que não. A língua alemã certamente carrega mais elementos ligados a identidade histórica que ultrapassam as possibilidades atuais uma vida melhor. Assim, uma coisa é a língua alemã e todo o entendimento que alguém que a oferece precisa ter. Outra coisa é como ela é apresentada aos jovens, ou seja, quais são os meios para despertar e estimular o interesse dos jovens.

Certamente nem sempre há plena consciência de tudo que abarca e representa esse ato de ensinar a língua alemã às novas gerações. Ensina-se, pois, de algum modo, é necessário fazê-lo. Quem aprendeu a língua alemã e hoje a ensina, aprendeu por algum motivo e não ao acaso. Esses motivos a amarram a uma tradição, a uma história, história que não pode ser apagada, pois ela faz parte da essência da pessoa e a conecta ao mundo e dá significado a sua existência. Se hoje perguntássemos a cada professor de língua alemã sobre a sua história, por que se tornou professor, certamente seríamos surpreendidos por belas histórias de amor e carregadas de sentimentos e emoção. Deixemos essa tarefa para uma futura investigação.

Nesta pesquisa trouxemos a realidade de três escolas da Rede Sinodal, o que é passível de questionamento. Embora já tenhamos apresentadas as justificativas da escolha, alguém ainda poderia questionar, por que estas e não outras instituições? (E se fossem outras as escolhas, o questionamento persistiria). Será que as observações e conclusões seriam idênticas se a pesquisa fosse desenvolvida em outros contextos, em realidades econômicas e sociais distintas? As três instituições participantes atendem a um corpo discente de classe média e classe média alta, com algumas exceções para alunos bolsistas. No entanto, no tocante da pesquisa, as questões econômicas e sociais não são objeto de análise, ou seja, não estão diretamente implicadas pois o foco está na leitura e releitura histórica do significado da língua alemã na instituição, e não diretamente sobre os alunos. É evidente que as aspirações dos alunos em diferentes realidades sociais podem ser diferentes, mas não a ponto de comprometer a pesquisa em questão. Cada instituição tem as suas particularidades enquanto origem e desenvolveu sua história a partir do seu contexto. Enquanto pertencentes a Rede Sinodal, existem concepções, projetos e ações de

cooperação que se aplicam a todas. O modo como cada instituição insere a língua alemã é sim resultante da leitura do seu contexto. Deste modo, não apresentamos resultados objetivos que possam ser aplicados à Rede Sinodal, mas questões pontuais e por vezes de cunho reflexivo sobre o lugar da língua alemã na história e na atualidade.

Uma das grandes contribuições das escolas em questão na consolidação da língua alemã é certamente a superação da ideia da língua feia, de língua de “gente sem cultura”. Segundo a fala da professora Rebeca,

nos idiomas eles têm essa possibilidade de comparar como esses valores estão presentes também em outros países, em outras sociedades. Acho que essa é a grande contribuição da língua estrangeira moderna pra dentro de uma sociedade, a gente faz muita ponte com, por exemplo, a cidadania, o exercício da cidadania, com isso é feito na Alemanha [...] como os alemães se colocam em relação ao próximo, daí a gente em uma série de questões históricas, a Alemanha tem muito a dizer, que não se faz e o que se faz atualmente.¹⁸³

Esse processo de ressignificação da língua alemã não se dá por um simples convencimento com palavras. Pelo contrário, faz-se no concreto, mostrando a Alemanha moderna, cheia de encantos e de oportunidades. Apresenta-se a língua alemã como uma possibilidade de acesso a essa cultura. Quando há essa conscientização, o resgate cultural, seja da história da vinda dos imigrantes, seja da história do luteranismo, acontece quase que automaticamente. Nesse contexto, os programas de incentivo do governo alemão dão certo. A língua alemã deixa de ser vista como uma língua dos atrasados culturalmente e volta num pedestal de destaque. É a partir disso que se faz uma ponte com a história. Ao enxergarem o potencial educacional, econômico e social da Alemanha, muitos começam a valorizar também o fator local e são evidenciadas a história e a cultura dos imigrantes, até porque, embora se tenha um conhecimento superficial e teórico, ela já não pertence mais a essa geração. Parece que as instituições sempre protagonizaram feitos significativos em defesa da língua alemã, talvez um pouco pela nostalgia e pelo respeito aos primeiros imigrantes que aqui chegaram e, de certa forma, buscaram reconstruir a Alemanha aqui. Um pouco para que a história não caísse no esquecimento. Mas, há um hiato, alimentado pela nacionalização e pela Segunda Guerra Mundial, em que a língua alemã permaneceu nos bastidores das escolas e das comunidades. Já

¹⁸³ Entrevista com a professora Rebeca (Instituto Ivoti)

descrevemos as três razões principais: as restrições impostas, o medo da repressão e a vergonha de pertencer a essa cultura. Graças a bandeira que as instituições carregam, seja pela seu compromisso com os ideais do luteranismo, herança de Lutero, alimentado especialmente pelo ideal de vida de algumas pessoas que fizeram do ensino da língua alemã seu projeto de vida, pelo incentivo externo dos programas de apoio da Alemanha, a língua alemã se reestruturou, mantém sua vitalidade e ganha novos adeptos e falantes dia após dia. Dessa forma, a história ganhou novas vozes e se manteve viva, possibilitando releituras e novos entendimentos do mundo, das pessoas e da vida. Lutero, o luteranismo e a língua alemã se mantêm vivos, não simplesmente pelos seus feitos do passado – isso os trouxe até aqui -, mas pela capacidade das novas gerações de olhá-los, reinterpretá-los e (re)significá-los.

Como já dissemos no início desta pesquisa, a história é uma, porém, passa pelos filtros dos olhares de quem a analisa e narra. A memória está intimamente ligada à imaginação das pessoas. Conforme Beatriz, “os indivíduos e grupos sociais estabelecem reminiscências e recordações sobre o passado, tentando projetar as recordações a partir de suas construções imaginativas.”¹⁸⁴ Ora o drama das lutas é enaltecido, ora são as conquistas. É justamente nesse ponto que podemos dizer que o mito fundador se refaz, ganha espaço, nas narrativas que reinterpretam a história, tentando manter fidelidade às origens e identidade. Nem sempre a fidelidade histórica é o que efetivamente importa. Importa o significado do que é contado e como é contado. A presença forte e destacada da língua alemã em escolas luteranas reproduz, em parte, esse mito, ou seja, a língua alemã foi importantíssima na origem do luteranismo, foi importante para os imigrantes alemães que vieram no século 19 e é hoje. Por quê? Alguns diriam: - olha toda a história que ela carrega! Outros - porque ela nos conecta à Europa, é a porta de entrada. Ambas as razões são aceitas como justificativas e de forma alguma são excludentes, pelo contrário, a língua alemã é o que é na atualidade, justamente pela sua história. A Rede Sinodal reconhece essa história! Até porque, nas palavras de Beatriz, “uma comunidade sem memória é uma comunidade sem vida.”¹⁸⁵ Rubem Alves atribui à linguagem o sustento e alimento da “memória coletiva da sociedade”¹⁸⁶. Segundo ele, a linguagem sustenta e potencializa o universo simbólico humano. Se atribuirmos à língua alemã esse papel de alimento

¹⁸⁴ FISCHER, 2011. p. 18.

¹⁸⁵ FISCHER, 2011. p. 16.

¹⁸⁶ ALVES, 1984. p. 15.

da “memória coletiva” do luteranismo, facilmente começamos a entender seu espaço, por direito, nas diferentes escolas.

É evidente que as outras línguas também contribuem para o resguardo da memória social das comunidades, porém, a língua alemã faz parte diretamente de toda a história, a começar por Lutero no ato da tradução do Novo Testamento para a língua alemã. É na própria língua alemã que o povo conta e reconta a sua história e atribui significado a sua existência.

REFERÊNCIAS

A REDE Sinodal. **Rede Sinodal de Educação**. [s.d.]. Disponível em: <http://redesinodal.com.br/portaldrede/a-rede-sinodal/missao-visao-e-principios/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

A SETREM – Histórico. SETREM. [s.d.] Disponível em: <https://institucional.setrem.com.br/46/historico>.

AHLERT, Alvorí. **Educação, ética e cidadania**: referenciais para as escolas da Rede Sinodal de Educação. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 2. ed. São Paulo: ArsPoetica, 1995.

_____. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.

ARENDT, Isabel Cristina. **Educação, religião e identidade étnica**: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: 2008.

Ata do 1º Concílio Eclesiástico da Federação Sinodal, São Leopoldo, RS, 1950.

Ata do 47º Concílio do Sínodo Riograndense, Feliz, 1949.

Ata do 56º Concílio Geral do Sínodo Riograndense, Santa Cruz do Sul, RS, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Constituição Política do Imperio Do Brazil**. 25 mar. 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 10 dez. 2019.

CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUI, Marilena. O mito fundador do Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de março de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs2603200003.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - IECLB. Conselho Escolar: atribuições e compromissos da administração geral da escola evangélica. São Leopoldo: Sinodal. 1994.

DIRETRIZES da Política Educacional da IECLB. **Portal Luteranos**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/diretrizes-da-politica-educacional-da-ieclb> Acesso em 20 out. 2019.

DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, 1984.

_____. Os impasses do germanismo: a conquista encetada em 1492/ 1500 foi de macho contra macho. *In*: KOCH, Ingelore Starke. (org.) **Brasil: outros 500**. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo, RS: Sinodal/ COMIN/IEPG. p. 54-74

FISCHER, Beatriz T. Prefácio. *In*: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 15-19.

FLECK, Dorival Adair. Luteranismo e educação. *In*: GOLDMEYER, Marguit Carmem; WACHS, Manfredo Carlos; MALSCHITZKY, Gustavo; BRAKEMEIER, Gottfried; HOCH, Lothar Carlos. **Luteranismo e Educação**: Reflexões. São Leopoldo: Rede Sinodal de Educação, Sinodal, 2006. P. 27-34.

FLORES, Hilda Agnes Huebner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FROHLICH, Luciane Reiter. **Sendbrief vom Dolmetschen de Martinho Lutero**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87785>>. Acesso: 20 fev. de 2019.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 9.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC, Rio de Janeiro, 2008.

GRÜTZMANN, Imgart. **A mágica flor azul**: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

HASENACK, Martin H. **História dos 40 anos do SETREM**. Samavi, Três de Maio/RS, 1990.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB, Documentário – XI Concílio Geral, Joinville (SC), 1978.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – Relatório do Pastor Presidente, XIV – Concílio Geral, Marechal Cândido Rondon, (PR), 1984.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KUNERT, Udo Ingo. Contando a história. *In*: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 143-204.

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero**: tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, Martinho. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. Trad. Ilson Kayser. *In*: _____. **Obras selecionadas**. Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995a. p. 302-325.

_____. Uma prédica para que se mandem os filhos a escolas. Trad. Ilson Kayser. *In*: _____. **Obras selecionadas**. Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995b. p. 326-363.

MOMBACH, Lauri Alfonso. **A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente**: um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS). 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/563>. Acesso em: 20 set. 2019.

MUSSKOPF, Egon Hilario. **Sinal verde para crescer**. Novo Hamburgo: ECHO Editora, 2004.

NAUMANN, Hans Günther. **Se você não assumir**: recordando a caminhada de um Professor de Professores. Ivoti: Echo Editora Gráfica; São Leopoldo: Sinodal, 2009.

NOSSA História. INSTITUTO IVOTI. [s.d. Disponível em: <https://www.institutoivoti.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 5 ago. 2019.

NUNES, Antônio Vidal. **Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves**. São Paulo: Paulus, 2008.

RABUSKE, Edvino. **A filosofia da linguagem e da religião**. 6. ed. Porto Alegre: EDIPURS, 1994.

REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO. Textos orientadores para a educação evangélico-luterana. São Leopoldo: Sinodal. 2005.

RENNER, Ivan. "Ao querer, Deus nos dá também o fazer". *In*: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 205-260.

_____. Desafios e compromissos. *In*: RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p.11-13.

SOBRE o Instituto Ivoti. **Instituto Ivoti**. [s.d.] Disponível em: www.institutoivoti.com.br/institucional/sobre Acesso em: 20 nov. 2019.

STADELMANN, Luís I. Lutero, tradutor da Bíblia, **Perspectiva Teológica**, v. 17 n. 41, 1985. p. 87-100. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1938>. Acesso em: 20 fev. 2019.

STRECK, Edson. Colégio Sinodal: o “caminho do conjunto”. *In*: RENNEN, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 27-28.

STRECK, Gisela I. W. **Escola comunitária**: fundamentos e identidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2005.

UEBEL, Carlos Oscar. Boas lembranças e o lendário Tilltopen. *In*: RENNEN, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, ramos e frutos**. Novo Hamburgo, RS: Echo Editora Gráfica Ltda, 2011. p. 105-106.

VIER, Justino Antonio. **História de Dois Irmãos-RS**: passado e presente: 170 anos de Imigração Alemão: 40 anos de Município. Dois Irmãos, RS: O autor, 1999.

APÊNDICE A – ENTREVISTA REALIZADA NO INSTITUTO IVOTI

Entrevistador: Estamos no Instituto Ivoti, com a professora Raquel

Desde já quero agradecer por aceitar conversar conosco. Estamos propondo uma conversa em torno da percepção sobre o lugar da língua alemã e a história da escola.

Um primeiro ponto que queremos trazer na pauta da conversa é a história da escola: quais são os ideais de fundação desta escola e como eles se consolidam ao longo da história?

R. Na verdade a escola foi fundada como um *Lehrerseminar*. Até onde eu tenho conhecimento, a fundação foi em São Leopoldo, e já era para fins de preparar professores para as escolas comunitárias da época. Ao longo da história, a escola foi mudando de lugares: Taquari, Santa Cruz, e depois, na década de 1960, veio para Ivoti, aí já como uma escola particular, mas com fins filantrópicos, mantendo a identidade de comunitária, característica daquelas escolas de migração que foram fundadas mais no início da imigração. A partir da década de 1960, ela se constitui como uma escola com moradia escolar. Um dos traços fortes era o da preparação de professores no nível de magistério, mas também tinha o antigo tradutor/intérprete, e também formava professores de alemão depois da fundação do IFPLA. Na verdade essa escola tem a mesma mantenedora do IFPLA, que é a Associação Evangélica de Ensino. A medida que o tempo foi passando, a escola teve sempre uma tradição muito forte com o ensino de língua alemã, mas depois, com o tempo, entram as outras línguas também, inglês, principalmente. Na atualidade a gente é uma escola que possui bastante ênfase no alemão, tanto que a gente tem um currículo bilíngüe em língua alemã. Em todo o estado do Rio Grande do Sul, são só duas escolas que têm esse currículo: nós e o Pastor Dohms. A língua alemã acaba sendo umas das características de fundação, uma das bases da escola. Em relação a língua alemã, temos a questão de formação de professores. Hoje não só língua alemã, línguas a gente diz,, embora a carga maior seja em língua alemã. A música e os esporte também são características marcantes da escola.

Entrevistador: E quais são os principais valores institucionais presentes na escola e como eles são trabalhados?

R. Na verdade a gente trabalha a partir dos princípios cristãos luteranos, a formação do ser humano como um todo, a questão do respeito para com o próximo, do posicionamento do sujeito crítico. Todas essas questões são trabalhadas nas escola e isso perpassa todas as disciplinas, não só língua alemã. Mas é nos idiomas que eles têm essa possibilidade de comparar como esses valores estão presentes também em outros países, em outras sociedades. Acho que essa é a grande contribuição da língua estrangeira moderna para uma sociedade, a gente faz muitas pontes com, por exemplo, a cidadania e seu exercício. Com isso é feito na Alemanha e como isso é feito aqui. A questão do respeito com o próximo, como isso é trabalhado na Alemanha, como isso é trabalhado aqui. Não só trabalhado em sala de aula, mas como os alemães se colocam em relação ao próximo. A partir daí, a gente em uma série de questões históricas. A Alemanha tem muito a dizer, que não se faz e o que se faz atualmente. A partir disso, a gente vai construindo, em específico na língua alemã, mas isso perpassa as demais disciplinas. Tanto que temos alunos muito respeitosos em relação ao professor, com relação a pessoas de mais idade e mesmo com relação aos colegas que as vezes estão com dificuldades financeiras ou mesmo emocionais. A gente vê que eles têm uma postura diferenciada. Acho que isto é parte do caminho que eles têm dentro da escola.

Entrevistador: Eu vou insistir em dois pontos, embora indiretamente eles já tenham aparecido aqui: marcas gerais e diferenciais da escola: como você caracteriza isso?

R. Marcas gerais: esta é uma escola privada, como todas as instituições privadas. O que a diferencia de outras é justamente isso, esta questão dos valores: o respeito para com o próximo, a empatia, o colocar-se no lugar do outro. O que diferencia esta escola ainda de outras é a questão das línguas, o investimento forte em línguas, não é só o alemão, o inglês também. Mas se você for olhar novamente dentro das línguas, o nosso diferencial novamente é o alemão. A gente sempre diz para os nossos alunos que o inglês é obrigatório, é o que o mundo lá fora vai pedir pra eles, mas o que vai diferenciar eles dos outros é o aprendizado de uma segunda língua, e aqui eles têm essa possibilidade de ter essa vivência no alemão, uma vez que a língua alemã pertence a esta instituição desde a sua fundação: é uma das bases da escola. É o que a gente propõe também no currículo bilíngue. Os pais estão muito felizes porque é em

alemão. Alguns pais, no começo, perguntaram, mas porque não em inglês? A gente dizia que a característica desta escola é o ensino da língua alemã, além de outras línguas, mas a marca forte está na língua alemã. Hoje eles estão muito felizes porque percebem que as crianças estão muito bem no aprendizado do alemão e isto está potencializando o aprendizado do inglês também. No momento que estão abertos para uma língua, estão abertos para outras também.

Entrevistador: Uma próxima questão seria justamente sobre este lugar da língua alemã na escola mas acho que já ficou bastante esclarecido... Então seguimos. Rede Sinodal, como está essa escola em relação a Rede? De que modos essa identidade institucional está presente?

R. A escola faz parte da Rede Sinodal, segue os mesmos valores, as mesmas ideias. Há uma troca bastante grande de conhecimento por parte dos professores, falando em específico da língua alemã, dentro de algumas escolas em específico onde a gente tem mais proximidade. Há intercâmbios também com outras escolas, como, por exemplo, ao NASI. Tem uma bolsa da Rede Sinodal onde os alunos participam de uma seleção interna, tudo para o fomento da língua dentro da Rede. Então, a gente se identifica como escola da Rede, trabalha em rede para tentar manter essa característica que eu particularmente julgo bem interessante e importante porque a Rede Sinodal tem essa questão dos valores mesmo, que nossa sociedade precisa tanto, essa capacidade olhar para o outro, se colocar no lugar do outro. Acho que é isso que nos une mais.

Entrevistador: Nós vivemos dois períodos bem pontuais, o da Nacionalização e da segunda Guerra Mundial. De modo geral eles afetaram muito as instituições. Como esses períodos foram percebidos aqui na escola, no Instituto?

R. Hoje presente na escola a gente não se percebe mais, mas como isso se deu historicamente, especificamente, eu não sei exatamente. Eu sei que na escola, nem sei dizer exatamente se a escola foi de fato fechada, houve só um silenciamento por um tempo, de certa forma extratético também, para a escola não ser *encampada*, como diziam, para o estado realmente não tomar ela, para depois voltar com mais força como instituição privada. Deixou de ser escola comunitária de imigração naquela época. Não tenho os dados agora, mas, pelo que me lembro, houve um silenciamento ou de fato um fechamento por um período curto, de um ou dois anos no máximo, e ela volta como instituição privada com fins filantrópicos, já dentro do que o governo aceitava. Entre 1935 e 1939, várias (escolas) comunitárias foram fechadas,

ou o estado tomou elas pra si. Naquele período houve um momento de silenciamento onde o alemão não foi posto tanto assim na janela. Em 1960, a escola vem prá cá (Ivoti). Foi adquirida essa área de terra e começou a construção desses prédios e daí se retoma de novo. A partir de 1960 já começa a ser um pouco mais tranquilo. A gente já começa com uma abertura maior para outras línguas também. A nacionalização pegou mais forte nos imigrantes alemães, nos italianos, nos japoneses, que também foram silenciadas. Mas depois em 1960 se volta, mas aí olhando como língua estrangeira moderna, o que é uma pena porque as línguas de herança a gente perdeu pelo caminho.

Nós temos um projeto a tarde que é do núcleo de aprendizagem de idiomas. São alunos de escolas públicas que podem fazer o alemão aqui conosco, com os nossos alunos, com um custo baixíssimo, quase zero. A escola quer com isso fomentar o ensino do alemão, ter mais alunos aprendendo o alemão e, entre outras coisas, porque o mercado olha para essa instituição volta e meia e diz: *onde estão as pessoas que vocês podem nos dar falando o alemão*. Para o IFPLA olham as grandes escolas e dizem para o Darli: *onde estão os meus professores*. É uma chance para essas pessoas, para esses alunos, de ter um outro caminho de vida. Falando do dialeto, a gente percebe que esses ainda falam o dialeto e a gente tem tentado cada vez mais valorizar isso neles, que eles são bilíngues, que não são monolíngues, para ter orgulho dessa língua de herança.

Entrevistador: Qual é o propósito e o tipo de língua fomentada pelos projetos com financiamento pela Alemanha?

R. Na verdade na Alemanha você vai ter, se não me engano, mais de 16 dialetos e eles convivem tranquilamente. Alguns dizem, ah, tu vem lá do sul, tu vem do norte,... nas suas regiões cada qual tem o seu dialeto e eles têm uma *Língua Standart*, o primeiro e precursor disso foi Martinho Lutero quando ele traduz a Bíblia, ele traduz dentro da variante dele e acaba criando, propagando uma padronização da língua. Então, hoje a gente tem uma padronização, o que em Português a gente chama de padronização e eles chamam de *Língua Standart*. O que é ensinado em aula é essa *Língua Standart*, até para potencializar o acesso ao mercado de trabalho. Se você pegar uma bolsa de mestrado ou doutorado na Alemanha eles vão querer que você domine essa *Língua Standart*. Se você quiser trabalhar numa Still, numa SAP ou numa BASF, eles vão querer que tu domine a língua *Standart*. Se você for professor de alemão, as escolas alemãs em São Paulo e Rio vão querer, obvio, que tu domine a

Língua Standart. Mas quem tem o dialeto, quem tem orgulho, ou não tem vergonha, vamos dizer assim, ele já tem mais de 60% domínio da Língua Standart. Tem pesquisas de doutorado que mostram que se tu tens o dialeto, a tua competência leitora na Língua Standart é potencializada muito, é muito rápido, porque tu tem toda estrutura de língua, coisa que se tu começar do zero na língua alemã, não é possível. Tu não tens, não que não seja possível, mas precisa construir muito mais. É isso que a gente tenta mostrar pra eles, o quanto é, primeiro uma questão de identidade. Temos um cônsul novo que fala muito sobre isso, da questão de identidade, de pertença àquele grupo, da identificação com ele através do meu dialeto. E ela (a língua) potencializa, abre portas para outras coisas, para outros caminhos. É bem interessante: estava conversando hoje de manhã ainda com uma colega minha lá da Unisinos que a gente percebe que aos poucos essas línguas de herança, não só o alemão mas o italiano também, estão começando a recuperar o orgulho, ou pelo menos, não ter vergonha de dizer, não, eu falo o dialeto e que bom que eu falo o dialeto. Eu falo mais de uma língua, porque, por esse silenciamento da nacionalização, primeiro as pessoas eram proibidas de falar, e depois a gente passou, teve toda a questão da 2ª guerra, mais essa embriolho no meio e aí as pessoas tem vergonha, tanto que se você fosse conversar com uma pessoa de mais idade ela vai dizer, ai, *eu não falo o alemão certo, eu falo o alemão quebrado*. Daí a gente diz: não, não é o alemão quebrado, é uma variante, é uma outra língua que tem muita proximidade com o alemão. Isso tudo a gente procura também fazer na escola. Ensinamos a Língua Standart. Com isso a gente faz com que eles valorizem a sua identidade, quem pertence a esse grupo, e quem não pertence, quem não é falante do dialeto, obviamente também não é discriminado de forma alguma. A gente diz pra ele: tu tens plenas condições de aprender porque é uma língua estrangeira, assim como tu aprende o inglês, como tu aprende o Espanhol. Nesse caminhos todos que a gente vai caminhando.

Entrevistador: Cultura e tradições: quais são os principais eventos onde transparecem a cultura e a tradição aqui na instituição?

No quesito das tradições, vamos ter que separar entre o que é cultura alemã hoje e o que é cultura de migração alemã aqui. As questões de cultura de migração alemã a gente vive na cidade. Querendo ou não, é inevitável. Há momentos em que a gente conversa sobre isso na escola também. Procuramos mostrar para os alunos que há uma Alemanha muito moderna, globalizada, com uma cultura muito diversa e que

devemos preservar a nossa identificação como cultura, que é nossa cultura. Não é mais a cultura da Alemanha, mas, é a nossa cultura de migração. Porém, precisamos olhar também para a Alemanha moderna, assim como o Brasil de hoje não é o mesmo Brasil de 1800. Aí partir deste ponto estabelecemos as comparações. Tem toda uma comemoração e a própria embaixada brasileira tem a Semana da Língua Alemã. Este ano foi em abril, no ano que vem vai ser em junho. Fazem-se vários eventos e são *linkadas* essas duas coisas coisas: Alemanha moderna de hoje, Alemanha com suas tradições folclóricas de sempre (vamos chamar assim), e as nossas, que eu chamo de tradições culturais de migração, que são diferentes. Para os nossos alunos eu gosto de perguntar:

- tá, onde acontece a oktoberfest na Alemanha? Na Alemanha inteira! Não, só em Munique e em nenhum outro lugar.

- E tem carnaval na Alemanha? Não! Tem, e em várias cidades, que obviamente é diferente do nosso.

A gente procura mostrar a nossa tradição, mostrar como é na Alemanha e fazer esses paralelos. Assim tu abre mente, abre cultura, faz um cidadão de fato do mundo, não só dentro do seu quadradinho.

Entrevistador: Religião e Religiosidade, quais são os lugares destes nesta escola?

Religião mesmo a gente não poderia dizer que há. Há sim uma marca de religião, uma marca forte de religiosidade e essa religiosidade é embasada nos preceitos e princípios luteranos. Temos em todo o início de aula um momento de meditação onde é lido um texto, não bíblico, mas um texto interessante, filosófico que nos faz pensar, ou as vezes trechos de pronunciamentos de um acontecimento que faz os alunos pensar sobre. Nas aulas de Ensino Religioso é exatamente este o viés. Dentro daquilo que eu disse antes: se colocar no lugar do outro, respeito pelo outro... Nós estamos hoje aqui por quê? Por qual caminho a gente passou que nos trouxe até aqui? O que eu posso fazer para mudar daqui pra frente? Esse é o princípio de religiosidade, de acolhimento. Obviamente que cada um com a sua fé, cada um com o direito de se expressar também, de dizer, eu acredito nisso! Isso tudo vai se conversando. Mas sempre com muito respeito e muita tranquilidade.

Entrevistador: A disciplina de ER religioso, ela existe?

Ela existe sim, a própria Rede Sinodal tem um material específico que foi desenvolvido pra essa disciplina e ele é utilizado nas aulas de ER. Elas trabalham nesse viés, humanístico. Nós somos todos do mesmo lugar, do mesmo mundo: ser humanos.

Entrevistador: Uma última questão: Vínculos institucionais com a Alemanha!

R. A escola possui um vínculo! A Alemanha tem um ministério das relações exteriores e dentro deste ministério existe um departamento específico que é para o ensino do alemão no estrangeiro. Temos um vínculo bem próximo com esse departamento. Eles trazem questão de fomentar e auxiliar no ensino de língua alemã, financeiro inclusive, mas também de formação de professores, com possibilidade de professores irem para a Alemanha, irem a Áustria, para aumentarem seu conhecimento linguístico e cultural, até para que a gente possa continuar a fazer esses intercâmbios, para que o professor também possa estar bem instrumentado nesse sentido. Além disso, a gente recebe todo ano estagiários de duas universidades da Alemanha, de Colônia e de Göttingen. Quem vem pra cá faz dois ou três meses de estágio conosco. Isso é bem interessante porque os nossos alunos também tem contato com o cidadão alemão. Eu de fato não gosto da ideia do falante nativo porque não tem com dizer que é nativo. A gente teve também alunas que concluíram o Ensino Médio e ficaram dois, três meses em contato com nossos alunos. Nós recebemos, esta semana, uma professora alemã que vai trabalhar por, pelo menos, dois anos aqui. Ela veio de fato para assumir turmas de alemão. Vai atuar de fato como professora, enquanto os estagiários nos auxiliam, mas não tem permissão, por parte do governo alemão, de assumir uma turma. No próximo ano nós vamos ter uma voluntária, uma menina que concluiu o Ensino Médio e vem passar o primeiro semestre conosco. Todos esses vínculos nós temos. Várias universidades alemãs vêm pra cá e aplicam um tipo de vestibular deles. Atualmente nós temos 11 alunos que estudam, 7 que estão estudando em universidades alemãs e os outros 4 que estão fazendo um ano social voluntário na Alemanha. Em tudo isso a escola auxilia, auxilia eles a fazer esses programas, a entrar em contato com as instituições que a gente conhece lá. A gente procura estar presente sempre que possível. Daí tem toda a questão do IFPLA que o Darli deve ter dito...

APÊNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA NO COLÉGIO SINODAL

Entrevista

Entrevistador: Uma primeira questão que gostaríamos de trazer para a conversa refere-se a história da escola e os ideais de fundação desta instituição. Como esses ideais aparecem e se consolidam ao longo da história?

R. A escola nasce em 1936. Ela surgiu pois as famílias de descendência alemã queriam uma escola para os seus filhos, uma escola que estivesse mais perto de Porto Alegre. Uma escola que também pudesse receber alunos mais do interior, tanto que no início era uma escola com internato. Nós tivemos internato até 1994, se não me engano. Então, que se pudesse justamente trazer esses alunos pra cá e formá-los. O intuito inicial era formar lideranças para atuarem nos grandes centros. Esse foi o início da escola, e realmente, no início começou pequeninha, aqui neste local mesmo. Depois foi crescendo e com o tempo a questão do internato foi se tornando um pouco inviável porque muitos começaram a ver o internato como um depósito dos seus filhos. “A gente não consegue resolver algumas questões, manda para o internato e aí a escola resolve.” Além disso, as condições para manter o internato, para manter uma estrutura de internato como as famílias tinham em casa, era inviável economicamente. Então, na verdade, aos poucos foi se perdendo aquele objetivo inicial de possibilitar que as pessoas que não pudessem frequentar uma boa escola na sua comunidade o fizessem. Por outro lado, a escola cresceu muito, porque desde a sua fundação ela tinha uma oferta grande de atividades. Como eram alunos internos, havia necessidade de ocupa-los de alguma maneira. Eram oferecidos música, teatro, momentos diversos para que esses alunos estivessem ocupados o tempo todo. E isto foi permanecendo. Hoje temos as oficinas, essas atividades complementares e toda essa diversidade de atividades na escola que talvez a gente não encontre em outra escola. E essa matriz curricular ampla, com línguas: tem espanhol, tem inglês, tem alemão no currículo. Além disso, tem o Sinodal Idiomas que oferece a parte ainda o Francês, Russo, Mandarim. Isto permaneceu desde a sua fundação. E a escola foi crescendo, não só em número de alunos, mas também em número de atividades. Os alunos que vem hoje para a escola tem carga cheia. Eles passam o dia na escola. Temos uma matriz curricular no ensino Médio de 40 horas aula por semana. Eu não sei se uma outra

escola tem uma carga tão grande assim, porque a gente acredita que a aprendizagem tem a ver com tempo, ou seja, quanto mais tempo você está debruçado e trabalhando, mais você tem condições de fazer associações. Agora vem os alunos pra cá, os candidatos a alunos da escola, e dizem: “eu quero mais, eu quero o melhor.” E a escola se tornou uma escola de referência no estado e até no país.

Entrevistador: Valores institucionais: quais são os principais valores presentes nesta escola e como são trabalhados?

R. A gente sempre diz assim: numa instituição de ensino o objetivo é o ensino e a aprendizagem inicialmente. Mas ensino significa o que? Significa, e aí nós vamos para os pilares de Delors, da UNESCO: (1) o saber, o conhecimento, o cognitivo é essencial; depois, (2) o saber fazer, o pragmático; (3) o saber ser e (4) o saber conviver. Estes 4 pilares eles precisam estar juntos. Nós somos uma instituição de ensino, então o cognitivo precisa estar presente e muito forte. Mas, faz parte também aprender a conviver, o social. Saber fazer, isso talvez se reflète justamente nas atividades que falei, atividades práticas, oficinas, os laboratórios. Nossos alunos têm a parte teórica mas aí tem laboratórios de robótica, de informática, de química, de física, para em tudo também procurar a aplicabilidade. E a questão dos valores também, porque nós somos uma escola cristã. Nós somos uma escola luterana e a gente valoriza isso muito, o ser ético, o ser crítico, mas ser respeitoso, ser solidário. Uma oficina, por exemplo, é o voluntariado em que os alunos podem praticar essa solidariedade, ser empático. Na verdade, eles precisam aprender a ser cidadãos, ... com conhecimento, com base, isso é importante. Hoje temos o projeto na escola, embora isso tenha se praticado sempre, o projeto que se chama Ser Sinodal. Esse ser Sinodal, na verdade são 10 valores (depois na entrada tu pode olhar), que a gente valoriza muito e que queremos que os alunos pratiquem, não só de forma mais complementar, mas intencionalmente... O respeito, por exemplo, que você respeite desde o guarda lá na entrada até os móveis, toda a parte do patrimônio, mas todas as pessoas, o seu colega e os seus familiares. As vezes temos reuniões com alunos que são desrespeitosos com seus pais. Eles têm que aprender a ser respeitosos, e isso se aprende também na escola. Uma vez o Mário Sérgio Cortella disse que ‘a família educa e a escola forma’. Eu acho que são os dois, porque se a criança passa a maior parte do seu tempo na escola, então ela tem que aprender também a conviver, a respeitar o outro. Vai aprender aonde senão na escola? Então, esses dez, eu não sei se vou lembrar de todos eles, mas respeito, honestidade, empatia, enfim, são 10

valores que a gente tem trabalhado fortemente no sentido de que mais conscientemente, mais intencionalmente a gente consiga dar conta dessa questão também. Eu acho que os nossos alunos são muito respeitosos. Quando nós saímos para viagens de estudos, quando nós saímos com os nossos alunos, só temos elogios do quanto eles são interessados, curiosos e respeitosos. Então, não tem como trabalhar só o cognitivo e esquecer o outro lado. Eles vivem numa comunidade, como eles vão conseguir se relacionar? E a aprendizagem acontece nessa interação: então nós falamos em teorias cognitivistas e sociointeracionistas. Isto a gente reforça muito: cognitivo sim, mas o social, a interação, são fundamentais, com respeito, com ética, com empatia.

Entrevistador: Você já apontou algumas coisas, não sei se quiser reforçar alguma coisa sobre as características gerais da escola, as marcas da escola...

R. Eu acho que a marca da escola é isso, tanto que nós temos um mote que chama a escola Sinodal para quem quer estudar, quer dizer, quem quer mais. Eu acho que esta é uma marca sim, que a escola valoriza: oferecer o melhor para o aluno para também desenvolver nele o melhor que ele pode dar. Talvez nem todos cheguem a ser excelentes alunos, a MB, que é o conceito máximo, mas não é isso que se quer: é o melhor de cada um, e eles são diferentes. Talvez o teu melhor não chega lá em cima, mas, no sentido de sempre desenvolver o melhor, de extrair o melhor. Acho que é isto: com esta amplitude que a gente tem de matriz curricular, em termos de oferta, é justamente isto, procurar sempre desenvolver todas as inteligências para extrair dele o melhor, e ele vai fazer as escolhas depois, ele vai pensar que caminho eu vou seguir... Talvez eu não seja tão bom em Matemática, mas eu vou dar o meu máximo, vou fazer o melhor que posso, mas o meu caminho é a música. Então, é ali que eu vou me destacar. É possibilitar isto. É a escola que tem que fazer esse trabalho de mostrar pra ele: - olha, tem isto, tem isto! Eu não posso dizer que eu não gosto disso, se você nem a experimentou. Talvez não seja o seu caminho. Então, possibilitar que ele consiga se desenvolver de forma integral e consiga sempre o melhor, não o melhor em termos de competição, de competir com o outro, mas consigo mesmo. Temos que cuidar um pouco com essa palavra "melhor". A escola também: nós não estamos competindo com outras escolas. Nós estamos querendo melhorar todo dia, oferecer o melhor para o aluno e isso é um trabalho sério, um trabalho profissional, a gente não está brincando de educação, a gente está fazendo educação e a educação se faz desde a entrada do aluno na escola, até na sala de aula, em todos os momentos. Eu

acho que é isto, este todo, que os visitantes quando chegam enxergam. - Mas essa escola é diferente. Nós estamos a todo momento preocupados com o quanto estamos contribuindo com o desenvolvimento das pessoas.

Entrevistador: E nesse contexto todo, qual é o lugar da língua alemã? Como a língua alemã é pensada nessa instituição dentro da sua história e hoje?

R. Talvez poderíamos dizer que historicamente a língua alemã tem um valor, que ela é importante, primeiro, porque nós estamos numa cidade de colonização alemã, e depois, muitos de nossos alunos são descendentes desses alemães, então carregam os sobrenomes. Mas isto não é o centro da questão. A questão é que a língua alemã é uma língua importante, uma língua cultural. Enquanto talvez pudéssemos dizer que o inglês é mais uma língua comercial, uma língua de negócios, todo mundo fala o inglês, o alemão é uma língua cultural. Então, esse resgate cultural. Eu sempre comento que a cultura, por exemplo, quando a gente vai para Nova Petrópolis, você vê vestidinhos alemães, mas quando você fala com eles muitos não sabem falar alemão. Então eu digo que a cultura, meus amigos, começa com a língua. A cultura começa com a língua. Então, você deve possibilitar que eles aprendam. E cada vez mais o alemão tem sido importante. A Alemanha, no contexto europeu, tem uma grande importância, embora você consiga com o inglês circular em todos os países, mas você saber o alemão, você conseguir ler um texto no original! Existe essa parte cultural que as vezes ela fica meio subjetiva, não está tão escancarada. Isso se percebe até nos alunos que fazem o alemão. O alemão sempre teve um lugar central na escola, eu diria. Nós sempre tivemos alemão, desde a educação infantil. É a primeira língua estrangeira que os alunos aprendem. Depois, a segunda é o inglês, porque o inglês começa no primeiro ano do fundamental. No Ensino Médio eles (os alunos) começam com o espanhol, que não é fácil, mas é mais fácil, comparando com as outras línguas. Também acreditamos que a língua alemã, embora seja uma língua considerada difícil, ela abre para o aprendizado de outras línguas, uma vez que você faz esse comparativo das estruturas. E desde pequeno isso é importante. Aprender a língua cedo. Tanto que existem neurociências ou outras ciências que mostram a importância do aprendizado desde muito cedo.

Nossos alunos, nos últimos anos, fazem provas de proficiência pois também se percebe que com as provas, com os certificados a gente consegue ir adiante, consegue, daqui a pouco, participar de um Studien College, ou consegue concorrer a

bolsas. Então, a escola, como um todo, está se reorganizando também para possibilitar a esses alunos essas provas, que são um diferencial dentre outras escolas que também oferecem o alemão. Acho importante reforçar essa valorização. Aos poucos os alunos também começam a perceber o diferencial que a língua alemã pode ser dentro de um contexto, por exemplo, aqui em São Leopoldo. Muitos de nossos alunos também querem estudar no exterior e eles tem condições, financeiramente os pais conseguem. Já não querem estudar só nos USA, ou só no Canadá com a língua inglesa. Eles também querem estudar na Europa. Querem estudar na Alemanha onde tem as boas universidades. Para isso eles precisam ter proficiência. Então, cada vez mais percebemos que eles também buscam isto, poder estudar no exterior para terem uma boa formação, mas também, vamos dizer assim, para fugir desse nosso país que está tão desestruturado, tão complicado, principalmente em termos de segurança. E se eles têm a língua alemã, fica mais simples. Eles estão desde pequenos aprendendo alemão, então, porque não fazer uso disso para ter uma boa formação? Então eles buscam isto (a língua alemã) para poderem estudar fora, para poderem estudar na Alemanha.

A língua alemã sempre teve o seu espaço, sempre teve o seu lugar aqui na escola. É claro que pelas “tantas da escola”, o inglês foi muito importante. Talvez tenha se dado um pouco mais de ênfase ao inglês para que se tivesse uma boa formação nessa língua, mas o alemão sempre continuou e agora, ultimamente, reforçando novamente com, por exemplo, uma ampliação da carga horária, justamente para possibilitar que eles consigam dar conta dessas provas de proficiência. Tem um peso grande! É um diferencial! Esta talvez seja a palavra. Acho que tem uma frase que é a clássica: *Englisch ist ein Muss und Deutsch ist ein Plus*. Nós nunca trabalhamos com a ideia de que uma língua é melhor que a outra. Todas são importantes, mas, além do inglês, o que mais você tem? - Mas eu não quero estudar no exterior. Não tem problema. De certa forma você tem que mostrar, comprovar o teu conhecimento, e isto pode ser a partir de um certificado. Muitos de nossos alunos que fizeram o alemão, tem o certificado, saíram, foram fazer faculdade aqui no Brasil e depois de uns anos eles voltam e perguntam: - vocês conseguem uma segunda via do meu certificado, do meu diploma, porque eu o perdi e na época não o valorizei. Agora preciso dele para buscar emprego. Ou quando ex-alunos vem e dizem: - pena que eu não aproveitei melhor.

Entrevistador: Uma questão mais ligada a histórica: com o período da nacionalização e depois com a segunda guerra mundial, em algumas

instituições o lugar do alemão teve que ser repensado. Como o Sinodal viveu esse tempo e quais foram as consequências?

R. Eu não sou professora de história, mas sei que isso também aconteceu aqui na escola, até de uma maneira bem grave. Eu acho que a escola parou, posso depois te detalhar mais historicamente. Podemos ver nos livros também. A escola parou de funcionar por alguns meses, por causa da suspeita de que houvesse envolvimento com nazistas. A escola sofreu com isso. Mas graças a Deus, tivemos pessoas aqui que conseguiram, junto ao Ministério Público, que a escola voltasse a funcionar. A língua alemã foi proibida por um tempo mas depois voltou.

Entrevistador: Em relação a cultura e tradições, quais são os principais eventos onde a questão da cultura alemã e língua alemã transparece?

R. Historicamente a gente sempre teve, de dois em dois anos, a Feira de Nações. Lá se enfatizava muito, principalmente as línguas aprendidas aqui. Ultimamente, talvez citando um evento que temos, é a Semana da Língua Alemã. Ela é organizada na instituição de diferentes formas onde todas as turmas desempenham diferentes trabalhos e fazem exposições. Propomos aos alunos atividades diferenciadas, justamente para valorizar aquilo que eles já sabem, ou então, mostrar a eles uma Alemanha moderna, porque muitas vezes se tem aquela ideia clássica do alemão usando seu traje típico, tomando chopp, dançando a música clássica, a música típica folclórica. Eu acho que isto é o fundamental, olhar para a imagem que se tem. Além disso, mostrar aos alunos que há diferenças e semelhanças e que a gente precisa conhecer elas e saber respeitar. Muitas vezes há um certo deboche, uma desvalorização por não se conhecer a cultura. Tentamos oferecer a eles um número diferenciado de momentos de reflexão, de trabalho, de exposições, de conversas, justamente para que ampliem esta questão do que é a Alemanha. Nessa semana (Semana da Língua Alemã), normalmente a gente traz palestrantes, exposições que muitas vezes o próprio Goethe Institut oferece e participa também de eventos do Instituto Goethe, do consulado, não só no sentido pra dentro da escola mas também para fora da escola. Não só trazer tudo pronto, mas que a gente possa também ver os diferentes espaços onde esta língua alemã está sendo utilizada e aplicada. É uma semana maravilhosa, uma semana mais lúdica. Tem debates, mostram-se filmes mais modernos também. Sie debattieren, que é quando eles debatem em sala de aula sobre temas polêmicos, inclusive na Alemanha. Então se faz um comparativo como é na Alemanha, como é no Brasil e se debate sobre isso.

Entrevistador: Rede Sinodal, de que modo essa identidade Sinodal está na escola?

R. A escola, o Colégio Sinodal, faz parte da Rede Sinodal, são 53 escolas que fazem parte. Embora cada escola tenha a sua autonomia financeira e pedagógica, de certa maneira a Rede Sinodal traça essas linhas mais comuns. Fazemos parte de forma bem intensa da Rede Sinodal. Todos os eventos da Rede Sinodal, porque a Rede Sinodal tem eventos tanto para alunos como para professores, de formação, de formação continuada. A escola Sinodal sempre esteve muito presente em todos esses movimentos. Pra alunos, temos o NASE, a TESE, a MOVIES que é de cine áudio e vídeo. Dessa forma, em todas as atividades a gente está conectado. Para os professores tem o Congresso de professores e os encontros de professores. De todos eles nós fazemos parte, nós estamos integrados. O nosso Diretor participa da reunião de diretores onde são traçados algumas linhas, algumas diretrizes para a Rede. Essa participação é muito importante. Eu acho que a gente é o que é por fazer parte dessa rede maior. Então se a gente tem música, se a gente tem teatros, se a gente tem tudo isso é de Lutero, mas, também pelo que essa Rede pensou para suas escolas. Nós também uma pessoa que participa do GAPE (Grupo de Apoio Pedagógico). Nós sempre estamos muito ativos na Rede, não só recebendo, mas, também contribuindo para que esta rede continue funcionando. Ela, de certa maneira, é esse elo dessas escolas luteranas aqui no Brasil.

Entrevistador: Religião e religiosidade, qual é o seu lugar no Sinodal?

R. Isso é muito importante! A escola, como eu disse, é uma escola cristã e luterana. Nós temos um pastor escolar. Esse pastor está muito presente, muito ativo, tanto junto ao corpo docente quanto ao discente e funcionários da escola. Ele faz meditações... os nossos alunos toda a semana têm uma meditação com o pastor, onde são trabalhados princípios e valores nos quais nós acreditamos. Nós temos também o componente curricular de Ensino Religioso até o sexto ano. Então essa construção é feita desde pequeninos. Depois, é claro, eles passam a ter Filosofia e a gente crê que a Filosofia cumpre um pouco esse papel que o Ensino Religioso tem até o 6ºano. Nas entrevistas com aluno e com pais dos alunos novos nós deixamos bem claro: - olha, nós somos uma escola cristã e luterana. A partir disso eles podem decidir se querem estar conosco ou não. Mas o trabalho é muito ecumênico, tanto na aula de Ensino Religioso quanto nas meditações. O pastor, por exemplo, quando vai falar sobre o

respeito, ele pode pegar um exemplo da Bíblia, pode pegar uma história da Bíblia, mas, sempre vai olhar também para a atualidade.

Entrevistador: Uma última questão: Vínculos: a escola mantém algum vínculo direto com a Alemanha atualmente, já manteve na história?

R. Historicamente nós temos. Como temos a língua alemã, de certa maneira temos esse suporte da Alemanha pelo governo alemão (Zentral für das Ausland schule wissen). Então é o governo alemão que de certa maneira dá as diretrizes de como devem ser essas aulas, como devem funcionar. Por muito tempo recebemos também um suporte financeiro, para subsidiar material, principalmente materiais didáticos, aparelhos. Hoje, com esta a abertura das fronteiras, a verba foi mais destinada para ex-Alemanha Oriental, mas a gente sempre teve esse suporte. Hoje nós temos uma pessoa, aqui no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e agora também em São Paulo, que atende as escolas que tem a língua alemã. De certa maneira, nos dá suporte na formação de professores, na verdade na formação continuada, porque quem faz a formação é o IFPLA. Essa formação continuada é feita por essa coordenação. Todas as provas realizadas na escola, as provas de proficiência, são orientadas por essa coordenação, um representante do governo alemão aqui. Além disso, temos também o nosso intercâmbio, a possibilidade que os alunos têm de participar de intercâmbio para Freiburg. A própria Rede criou um intercâmbio através de uma ONG. São selecionados alunos para receberem bolsas para fazerem o intercâmbio de um mês na Alemanha. Nos três últimos anos nós tivemos alunos que foram em Janeiro para a Alemanha com essa bolsa. Também os professores, todos nós, fomos para a Alemanha com bolsa, tanto do governo alemão quanto do Instituto Goethe. Pela bolsa do governo alemão, por exemplo, eu fiquei um ano e dois meses na Alemanha. A mesma bolsa a professora Jordana teve. A mesma bolsa a professora Luise e a Michele tiveram. Depois eu fui pra seis meses. Tem também esses cursos de um mês, dois meses que seguidamente você pode se candidatar. Relação. Privado eu viajei talvez duas vezes para a Alemanha, enquanto que com as bolsas foram 8 vezes. Além disso fazemos parte de uma associação riograndense de professores de alemão. Os professores da escola são todos associados. Os professores de alemão da escola são associados também a Associação Brasileira de Professores de Alemão, a Abrapa. Participam de congressos e encontros seguidamente. A escola, de certa maneira, contribui financeiramente para que estas associações possam fazer esses eventos. Então, está tudo muito ligado, a gente não está sozinho.

Entrevistador: Quando a gente olha de fora não se tem ideia de tudo que acontece nesses bastidores. Isso nem tudo nos é contado... Não está tudo escrito!!!

Obrigado pela entrevista!